



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO  
Departamento de Educação  
Faculdade de Formação de Professores

André Luiz Venâncio Junior

Pedagogia e Poder: Luís Carlos Prestes em “O Cavaleiro da  
Esperança” de Jorge Amado entre 1942 a 1945

São Gonçalo/RJ

2014

André Luiz Venâncio Junior

Pedagogia e Poder- Luís Carlos Prestes em “O Cavaleiro da  
Esperança” de Jorge Amado entre 1942 a 1945

Monografia apresentada como requisito  
parcial para obtenção do título de  
Licenciatura Plena em Pedagogia, da  
Faculdade de Formação de Professores da  
Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Orientador: Prof<sup>o</sup>. Dr<sup>o</sup>. Jorge Antônio Rangel(Fidel)

São Gonçalo/RJ

Agosto de 2014

André Luiz Venâncio Junior

Pedagogia e Poder- Luís Carlos Prestes em “O Cavaleiro da  
Esperança” de Jorge Amado entre 1942 a 1945

Monografia apresentada como requisito  
parcial para obtenção do título de  
Licenciatura Plena em Pedagogia, da  
Faculdade de Formação de Professores da  
Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Orientador: Prof.<sup>o</sup>. Dr.<sup>o</sup>. Jorge Antônio Rangel(Fidel)

BANCA EXIMINADORA

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>o</sup> Jorge Antônio Rangel(Fidel)

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Inalda Pimentel

São Gonçalo

2014

“Um fracassado pode superar um gênio com trabalho duro!”

Rock Lee In: Naruto de Masashi Kishimoto

Dedico esse trabalho ao meu Orientador (Fidel), a professora Sônia Câmara, minha avó , minha mãe, minha irmã, meu padrasto. Aos amigos Ana Marques, Bruna Bottino, Thais Moura, Caroline Rodrigues e Rafael Guimarães pela motivação nesses anos. Dedico também a Ivana Oliveira por tantas leituras e opiniões sobre esse trabalho. Dedico também a todos aqueles que lutaram por uma sociedade mais justa através da Aliança Nacional Libertadora (ANL) e foram perseguidos, em caso pagando com a vida pelo braço do Governo ditatorial do Estado Novo.



## AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar agradecer ao meu Orientador Fidel, por todos os momentos em que pode me ensinar antes dos saberes acadêmicos, os saberes práticos que cerceiam toda a nossa vida e o nosso fazer profissional, me tornando uma pessoa melhor. A professora Sônia Câmara, primeiramente pelo compromisso com as suas pesquisas, pelas dicas que deu a esse trabalho, mas essencialmente ao carinho e confiança que dedicou a mim num momento muito difícil da minha trajetória na Universidade.

Como em 12 homens e uma sentença de Sidney Lumet produzido em 1957 o personagem interpretado de maneira magistral por Henry Fonda se permite o benefício da dúvida e através dessa pequena fagulha de desconfiança que não o condenou instintivamente o jovem rapaz acusado na trama do filme, conseguiu ao fim perceber juntamente com os demais jurados que aquele rapaz era inocente.

A professora Sônia Câmara se permitiu ter essa dúvida e isso pode me salvar num momento difícil em que as disputas estudantis das quais participei saíram do âmbito da disputa e a fofoca tornou-se arma para combater-me e prostrar-me diante da inexperiência que só não me levou a desistir do curso, pelo apoio total da professora Sônia Câmara que confiou em mim apesar de um forte ardid tramado contra minha pessoa e isso é nobre e muito bonito.

Ao Grupo de Pesquisa (NIPHEI) no qual fui bolsista por três anos e meio e onde aprendi bastante coisa sobre a área na qual decidi ser pesquisador que é a história da educação. Pelo suporte acadêmico como acesso a livros e materiais bibliográficos para desenvolver pesquisa, fazer eventos e ter a possibilidade de dialogar com diversas pessoas que só agregaram a mim conhecimento sobre as coisas. Lugar onde pude participar de diversos congressos, conhecer instituições e realizar uma linda viagem pela primeira vez a Petrópolis, algo que estará sempre guardado em meu coração.

Ao Centro Acadêmico de Pedagogia que resgatei do abandono político de dois anos e o presidi por oito meses onde com outros amigos pudemos reformá-lo, realizar a Sétima Semana de Pedagogia e o 34º ENEPe. Sempre acreditei que a formação política é de suma importância para a formação discente e acredito que nesse processo em que resgatei o C.A. de Pedagogia pude reformular a sua estrutura dando assim a minha contribuição a história do movimento estudantil de Pedagogia da Faculdade de Formação de Professores e do Brasil.

A Fundação Casa de Jorge Amado por todo o suporte que me deu nesse processo de pesquisa. Em 2012 pude estar presente na Bahia em meio ao carnaval e a fundação abriu as

portas para mim me dando todo o suporte para desenvolver a minha pesquisa e contribuindo de maneira importante para esse trabalho.

A Professora Anita Leocadia Prestes que em contato por e-mail pode me dar bases para começar a desenvolver esse trabalho ainda quando ele era um sonho a ser desenvolvido. Suas contribuições foram de suma importância para o desenvolvimento desse trabalho.

A Ivana Oliveira que por muitas vezes leu e opinou sobre esse trabalho me dando a possibilidade de refletir sobre como caminhava com a escrita dele e me permitindo desenvolver também o distanciamento necessário para a conclusão desse trabalho.

Em especial a Bruna Bottino e Thais Moura por serem amigas especiais e me apoiarem por todo esse processo de formação e também de construção desse trabalho de pesquisa.

A Ana Marques e Caroline Rodrigues pela amizade e companheirismo tal como o apoio em muitas das minhas idéias, explicitando também a dedicação que tiveram por mim em me ajudar a conhecer um novo jeito de viver a vida.

A Jodar Roberto por ser um exemplo de dedicação e de motivação a todos que o cercam e também por ter dado dicas importantes para o desenvolvimento desse trabalho em momentos em que precisava ouvir uma palavra que me levasse a refletir sobre para qual estava caminhando com ele.

A Rafael Guimarães que me ajudou não só com dicas, mas contribuiu em muito para a minha formação acadêmica, sendo um veterano comprometido com a academia e com a política. Sua dedicação em levar o C.A. de Pedagogia nas costas sozinho por três anos foi o que me motivou de certa forma a continuar o seu trabalho quando o sucedi.

A Adir Luz e Raoni Roque que deram algumas dicas a esse trabalho e contribuíram em conjunto para visões práticas sobre o fazer docente e o fazer político que me valem de reflexão.

A Maria Aparecida Cabral que vejo como um exemplo a ser seguido quando pensamos o compromisso com a Universidade e com a docência. Uma Professora de qualidade que se esforça para dar ótimas aulas e nos motiva para sermos educadores especiais.

A Francine Mattos, Maria Priscilla, Israel Pimentel, Beatriz Pessôa, Laísa Mouco, Nathalia Schumacher, Ana Gabriela, Flavia Caled, Fernanda Moura, Marlon Guimarães, Renan Torres, Mônica Lopes, Maria Elane, Amandinha, Naila Portugal, Fabio Simor, Jackeline cantora, Bruna Bastos, Bruna Lamonier, Rodrigo Motta, Chaiane Fidelis, Ana Claudia, Jacqueline Lima, Ayama Prado, Jesyca abreu, Viviane Abissulo, Fernanda Barbosa Moura, Fernando Senzala, Deborah Elias, Ludmilla Frazão, Thaynara Bonifácio, Madeleine

Souza, Laís Ruiz, Isadora Abdalah, Pauliane Belga, Suzana e Jessica Carvalho, Paulo Roberto, Talita Assunção, Rozalvo, Gabi Toledo, Taíza Gama, Ludimila Frazão e Cintia por todos os momentos de amizade, mas explicitamente pelas vivências e experiências de vida.

Aos Professores Beth Serra, Claudio Barria, Jenesis pelas importantes contribuições para a minha vida acadêmica e para a minha formação como ser humano. Ao Jenesis ainda agradeço pela contribuição criativa que me deu reinventando o valor do “ser educador”.

Encerro agradecendo a Deus por toda a força que me deu nessa caminhada e por todos os momentos difíceis que esteve comigo me dando o encaminhamento necessário para lidar com todas as atribulações.

Reflico explanando que por maior que seja a perseguição política e a tentativa de desanimar aos que tentam promover mudanças sem se vender ao aparelhamento ou a política festeira, pode ser até combatido e massacrado, porém a motivação de avançar na luta acaba se sobressaindo diante daquilo que é mal, interesseiro e alienador.



“Assim diz o ditado: A esperança talvez nasça quando tudo é desgraça”

Senhor dos Anéis de Tolkien

## RESUMO

Pedagogia e Poder- Luís Carlos Prestes em "O Cavaleiro da Esperança" de Jorge Amado entre 1942 a 1945

O livro "O Cavaleiro da Esperança" de Jorge Amado, escrito em 1942, na Argentina e lançado no Brasil em 1945, irá trazer uma interpretação do Brasil, de seus problemas sociais e políticos no contexto da Ditadura do Estado Novo (1937-1945). Pelo viés da figura de Luís Carlos Prestes, líder comunista que até aquele momento se encontrava preso pelo regime político do Estado Novo. Jorge Amado através da literatura nesse livro construirá uma narrativa combativa, visando assim formar as pessoas politicamente e anunciar para todas as mazelas do Brasil. Esse movimento é feito através da construção representativa que o escritor fará da figura de Prestes. Jorge Amado engaja-se a problematizar questões importantes para o momento político que ali viviam, tomado de forte repressão. A necessidade de abertura política e de anistia para os presos políticos como o próprio Prestes, estarão alinhadas no discurso que tomará como pressuposto narrar as mazelas sociais e a necessidade de união das massas para lutarem contra o fim dessas desigualdades. Questão como reforma agrária, melhores condições de vida, fim do preconceito contra o negro, estarão no livro todas emaranhadas pela figura do "Cavaleiro da Esperança" Prestes que é descrito como o futuro libertador da nação na linguagem amadiada. Que nesse texto descreverá Prestes como um "Herói" que ao ser Libertado da prisão autoritária, conduziria o Brasil para um novo caminho revolucionário. Esse trabalho objetivou problematizar o discurso amadiano em "O Cavaleiro da Esperança" visando analisar suas escolhas literárias, sua ligação com o Partido Comunista Brasileiro, entendendo a construção da biografia de Luis Carlos Prestes como um aparato político e pedagógico de combate e construção ideológica para enfrentar o regime ditatorial. O Intelectual Jorge Amado usa da sua arte que é a escrita como arma para anunciar a luta que a esquerda ali vivia e também o nazi-fascismo que num contexto de guerra ameaçavam a soberania mundial. Portanto Luís Carlos Prestes pela sua trajetória de vida e política surge como personagem que poderá carregar todos os anseios e assim dar esperança, já que é o seu "Cavaleiro da Esperança" de "Liberdade" ao povo brasileiro.

Palavras chave: Literatura- Educação- História

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	12
CAPITULO I: O INTELLECTUAL ENGAJADO E A OBRA: JORGE AMADO E O LIVRO “O CAVALEIRO DA ESPERANÇA”.....	21
CAPÍTULO II: LUÍS CARLOS PRESTES- O “DOM QUIXOTE” À BRASILEIRA.....	43
CAPÍTULO III : O CAVALEIRO DA ESPERANÇA – DE FORA PARA DENTRO DO TEXTO.....	61
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	79
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	82

## **Introdução:**

Esse trabalho de monografia nasce de uma inquietação em torno de apagamentos produzidos por parte da Historiografia brasileira. Sempre me chamou atenção algumas escolhas teóricas da História em seus livros Didáticos ainda na época do Ensino Médio em detrimento de outras, tal como em livros sobre História em geral.

Todas essas inquietações iriam na Faculdade se conjecturarem na figura de Luís Carlos Prestes, posto que sua trajetória de vida sempre causava-me admiração e não tinha ao meu ver neste primeiro momento um "lugar" adequado na história, que eu visualizava ser de alguém dedicado com a "liberdade" do Brasil e com a luta pela "igualdade" do povo brasileiro.

Prestes líder da "Coluna Prestes" que percorreu o Brasil entre 1924 e 1926 lutando por abertura política e melhorias para o povo. Prestes líder do PCB que organizou uma insurreição no Brasil em 1935 através da ANL (Aliança Nacional Libertadora) tentando levar-nos a revolução socialista. Prestes foi o Senador mais votado em 1946 em suas múltiplas facetas, dentro desses variados e específicos históricos me despertou atenção. Que me levavam a questionar o porquê deste não ser tratado como outros heróis típicos brasileiros como Tiradentes, Frei Caneca e Benjamin Constant.

Diante das crises de representatividade que perpetuaram a atualidade brasileira a pelo menos vinte anos, retornar a Prestes é justificável, já que esse, independente de ideologia e caminhos que tomou, acreditou no Brasil e lutou pelo país que acreditava, passando por situações, como o exílio por mais de uma vez, prisão e a perda de sua companheira Olga Benário que foi entregue por Vargas para Gestapo Nazista, grávida, mesmo que isso fosse contra a Constituição Brasileira, devido a ela esperar uma filha de um brasileiro, assim como também quase a perda da sua filha Anita Leocadia Prestes.

Não coube aqui entrar no âmbito de generalizações, mas problematizar possibilidades em torno da figura de Prestes que poderiam gerar um trabalho acadêmico, por isso durante o processo pude dentro do grupo NIPHEI (Núcleo Interdisciplinar em História da Educação e Infância) maturar esse desejo através do constante manuseio e debates sobre o "pesquisar".

O rigor e a disciplina em torno do contato com documentos e com o debate acadêmico, nos diversos grupos de estudo realizados com autores importantes para o Campo da História da Educação, pude desenvolver um problema de pesquisa que alinhasse história, educação, cultura e o meu desejo de pesquisar alguma nuance sobre a trajetória de Prestes.

Jorge Amado partindo em auto-exílio publicaria em 1942 na Argentina e no Uruguai em língua Espanhola o Livro "Vida de Luís Carlos Prestes" que viria a ser chamado depois de "O Cavaleiro da Esperança- Vida de Luís Carlos Prestes" , quando publicado em 1945 no Brasil.

Assim, o auto-exílio do escritor não seria inocente para escrita desse livro. No Brasil já vigorava uma ditadura liderada por Getúlio Vargas, o Estado Novo, que se estenderia entre 1937-1945 e teria como uma de suas frentes a caça ao Comunismo. Valendo-se de tortura e perseguição política.

Amado era comunista nesse período e participante ativo da ANL (Aliança Nacional Libertadora). Com ele como intelectual não foi diferente essa perseguição. Além de ser preso algumas vezes, também teve alguns de seus livros proibidos e queimados em praça pública. Prestes viria nesse processo de perseguição ser preso, vindo a passar de 1936 a 1945 na prisão. O mesmo poderia naquele momento político ser entendido como o principal inimigo do regime. Motivo que levou Amado a se auto exilar para poder escrever um livro sobre ele.

A produção desse livro e as representações construídas na narrativa de Amado em torno da figura de Prestes surgem como problema de pesquisa, quando entendemos o processo histórico que era a Era Vargas, tendo o cuidado necessário que aponta-nos Camargo (1999):

Reconstituir a trajetória de Getúlio Vargas na política brasileira é, em verdade, correr o risco da banalidade e do óbvio. Ou iniciar uma tarefa interminável, tantas são as áreas afetadas por sua presença marcante, tantos os caminhos que se bifurcam, expondo a investigação a sucessivos desvios ao perigo permanente. [...] o poder crescente de decisão e influência do líder confunde-se com o conteúdo polêmico das políticas que promove, e que são, por sua vez, inseparáveis da discussão sobre o modelo de Estado que ajudou a implantar.(Camargo, 1999, p.13)

Apesar de não ter Getúlio Vargas como centralidade da investigação de minha pesquisa, a análise metodológica de Carmago(1999) ajuda-nos a nos livrarmos de possíveis generalizações que possam surgir nesse trabalho em torno da figura de Vargas, visualizando com clareza o movimento de Amado na construção de seu livro "O Cavaleiro da Esperança", já que o mesmo como Intelectual e Militante do PCB tinha em Vargas oposição política. Carmago(1999) visualiza o período que aqui importa para sustentar essa pesquisa que é o Estado Novo e a postura de Vargas neste contexto quando afirma:

No Estado Novo, seu poder se consolida. A eliminação das oposições e divergências favorece, com a ajuda do Estado, a personificação do mito. O controle da Informação, através do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), estimula o culto do Estado e a disseminação de rituais coletivos, que

exaltam sempre a figura de Vargas, suas virtudes e suas origens. Desfiles, manifestações e programas de rádio encarregam-se de comemorar o aniversário do ditador, em 19 de abril, enaltecendo as qualidades pessoais de "coragem, magnanimidade e singeleza". Exaltam-se dura brandura contra o adversário e sua firmeza, quando se faz necessário assumir, como em 10 de novembro de 1937, dia do golpe, a responsabilidade de um gesto, "sem titubeios, sem reservas. (Camargo, 1999, p.16)

Essa nuance de Vargas é importante para esse trabalho para sinalizar o contexto histórico da produção do livro "O Cavaleiro da Esperança" assim como problematizar a perspectiva orgânica (Gramsci, 1979) de Amado e engajada (Abdalla Junior, 2007) no processo de construção desse trabalho podendo assim visualizá-lo como formativo, ao entender que ao produzir "arte engajada" Amado pedagogiza o seu leitor dando-lhe a possibilidade de aproxima-se de representações que este almeja passar.

Portanto como arcabouço teórico para sinalizar esse trabalho parto de Cardoso (1979) em "O Mito do Método" que problematiza a precariedade do conhecimento e do método, tal como a necessidade do pesquisador estar sempre se inclinando a questionar o que produz e que é produzido, para assim poder chegar na construção de um novo conhecimento que também é científico.

A fala de Cardoso (1979) é importante para situar que a construção desse trabalho se deu dentro de constantes enfrentamentos, portanto não almejo aqui dar conta de nenhum todo, mas sim construir uma narrativa que dê norteamentos para novas possibilidades de pesquisa e para a construção de novos conhecimentos.

Em Rouanet (1991), o autor nos possibilita perceber que todo trabalho requer diversos retornos nele mesmo, se aproximando de Cardoso (1979), mas indo além, ao salientar que tais retornos questionadores ao método poderiam abrir novos caminhos e despertarão no pesquisador o "Olhar", esse crítico e apurado sobre o objeto de seu desejo. Ambos os trabalhos foram de suma importância para desenvolver o afastamento que se torna necessário de nosso objeto de admiração para realização de uma pesquisa, dando-nos assim a alternativa de visualizar possibilidades que em muitas das vezes possam negar nossas hipóteses iniciais.

Numa análise que se consiste em problematizar uma obra romanceada esse movimento foi necessário para poder, assim, visualizar o engajamento intelectual de Amado e as representações em torno do texto, já que para Amado Prestes é um objeto de amor, como o mesmo cita na introdução do Livro:

Este não é nem pretende ser um livro frio. Não analiso uma figura distante na minha afeição. Nunca trataria de uma figura que não amasse. Este é um livro escrito com paixão, sobre uma figura amada. E, quanto ao equilíbrio e à

imparcialidade, de referência a Luiz Carlos Prestes são coisas que não se faz necessário medir. Porque nele os lados negativos não surgiram nunca, nem nos dias de luta, nem nos dias de triunfo, nem nos dias de prisão, esses dias que despem o homem de todas as capas artificiais e o colocam nu nos seus verdadeiros sentimentos. Nestes dias Prestes apareceu ainda maior e mais Herói. (Amado, 1979, p.18)

Os trabalhos de Cardoso (1979) e Rouanet (1991) puderam me ajudar a não cair na superficialidade da pesquisa, já que para mim, Prestes também é uma figura que amo, contudo este trabalho busca problematizar toda essa construção de Amado e as possibilidades formativas que eles podem nos dar.

Para isso tornou-se necessário os estudos de Gramsci(1979), de Grupi(1978) e de Vieira(1998) que trataram com clareza a figura do intelectual orgânico, e suas nuances como agentes políticos determinantes, alinhadas a produção de Cultura e na disputa política, no caso de Amado, essa direcionada pelo Partido Comunista Brasileiro(PCB). Tal como a articulação da leitura de Gramsci de o "Príncipe" de Maquiavel, na sua visão, o próprio Partido que usa do meio necessário para alcançar seus objetivos determinantes. Dessa forma segundo Vieira (1998) então *"Nesse quadro analítico não é a sociologia do conhecimento o saber que se confere centralidade aos intelectuais na cena política, mas sim a ciência e a arte política."* (Vieira,1998.p.76).

A discussão de Abadalla Junior(2007) em torno do engajamento intelectual, desenvolvimento em obras que articulem Literatura, se dá a partida de uma produção que esteja em diálogo com os processos históricos que passa e, no caso de Amado, com o Brasil em estado de Ditadura, portanto para Abadalla Junior(2007):

A consciência de nossas carências referenciais que encontramos nos escritores engajados permite que se materializem em suas produções necessidades históricas de nossa condição subdesenvolvida. Nesse sentido, o trabalho de cada um desses escritores implicados na superação de nossas carências tem sentido ideológico mais amplo, coletivo.(Abdalla Junior, 2007, p.85)

Ainda é necessário refletir em torno de Orlandi (2005) e seu dispositivo de "Análise de Discurso" importante para analisar a obra "O Cavaleiro da Esperança" e o seu lugar da interpretação, tal como traçar também possibilidades em torno dela por isso torna-se necessário dirá Orlandi (2005):

O que se espera do dispositivo do analista é que ela lhe permita trabalhar não numa posição neutra mas que seja relativizada em face da interpretação: é preciso que ele atravesse o efeito de transparência da Linguagem, da

Literalidade do sentido e da onipotência do sujeito. Esse dispositivo vai assim investir na opacidade da linguagem, no descentramento do sujeito e no efeito metafórico, isto é, no equívoco, na falha e na materialidade. No trabalho da ideologia. (Orlandi,200,p.61)

O trabalho de Orlandi(1999) confere um embasamento para lidar com a construção da linguagem narrativa no texto ‘O Cavaleiro da Esperança’ de Amado e suas possibilidades metodológicas, já que este dispositivo permite visualizar todas as nuances possíveis e assim sinalizar os sujeitos.

É importante salientar a contribuição de Levi(2011) e a Micro História, fundamental para se pensar esse trabalho, já que estamos falando de um livro como objeto de Pesquisa. "O Cavaleiro da Esperança" de Amado, articulado ao conceito de Micro História. Então pode ser entendido quando pensamos pelo seguinte viés:

A Abordagem micro-histórica dedica-se ao problema de como obtemos acesso ao conhecimento do passado através de vários indícios, sinais e sintomas.[...] os micro-históricadores concentram-se nas contradições dos sistemas normativos e por isso na fragmentação , nas contradições e na pluralidade dos pontos de vista que tornam todos os sistemas fluídos e abertos. As mudanças ocorrem por meio de estratégias e escolhas minuciosas e infinitas que operam nos interstícios de sistemas normativos contraditórios.(Levi,2011,p.156-157)

Pensando com Levi (2011) sinalizamos o Livro “O Cavaleiro da Esperança” como base de análise e em uma análise micro histórico, problematizamos as possibilidades e norteamentos históricos, teóricos e representativos que a obra permite, podendo assim, partindo dela, problematizar questões que perpetuem a História, a Educação e a Cultura.

Apoiado na concepção de Levi (2011) levantamentos específicos de fontes que girassem em torno da obra "O Cavaleiro da Esperança" foram feitos, com Instituições como a "Fundação Casa de Jorge Amado" na Bahia onde estive em 2011 e me deparei com poucos arquivos que falassem do Livro " Cavaleiro da Esperança" , mas que foram de suma importância para iniciar esse projeto.

No Rio de Janeiro pude fazer levantamentos no ano de 2012 na "Biblioteca Nacional", "Arquivo Nacional do Rio de Janeiro" e "Academia Brasileira de Letras", onde não encontrei nenhum documento que falasse ou revelasse algo sobre o texto "O Cavaleiro da Esperança" o que me leva a Capellato (1999) quando afirma:

A Constituição brasileira de 1937 legalizou a censura prévia aos meios de comunicação. A imprensa, através de legislação especial, foi investida da função de caráter público, tornando-se instrumento do Estado e veículo



oficial da ideologia estado-novista. O art. 1.222 exterminava a liberdade de imprensa e admitia a censura a todos os veículos de comunicação. A lei prescrevia: “Com o fim de garantir a paz, a ordem e a segurança pública, a censura prévia da imprensa, do teatro, do cinematógrafo, da radiodifusão, facultando à autoridade competente proibir a circulação, a difusão ou a representação.(Capellato,1999. p.171)

Em meio ao processo de política de censura que perpetuou, também o livro "O Cavaleiro da Esperança" podemos pensar sobre esta necessidade intelectual que Amado teve para escrevê-lo quando se exilou do país, como a fala de Capellato(1999) se torna pertinente para pensar os apagamentos gerados em torno dessa obra, fala que fica mais clara quando volta a colocar:

A imprensa foi igualmente controlada e manipulada no varguismo. No Brasil, as empresas jornalísticas só podiam se estabelecer se obtivessem registros concedidos pelos órgãos do DIP, e as atividades dos profissionais também ficaram sob esse controle. Após 1937, ficou estabelecido que a imprensa desempenharia sua função atrelada ao Estado. A justificativa da mudança fundamentou-se na ideia de que o jornal era político por natureza; como, no momento, a política passava a ser a mais alta das atividades públicas, atividade do Estado, a “folha impressa, cumprindo sua tarefa natural, passaria a exercê-la dentro do Estado como função pública”. A separação entre esfera pública e privada, preconizada pelo liberalismo, era contraditada pelos ideólogos antiliberais defensores da absorção do privado pelo público. Essa concepção pressupunha o Estado como Suma Ratio da sociedade civil e como tal retirava a liberdade de ação dos intermediários entre o governo e o povo. Assim, o jornalismo transformou-se numa força coordenada pelo Estado. (Capellato,1999,p.174)

A colocação de Capellato(1999) nos ajuda a pensar a censura e também o segundo movimento de levantamentos de acervos. Estes feitos no acervo online do Jornal "O Globo", Jornal "Folha da Manhã" e "Jornal do Brasil", entre os períodos de 1942, em que o livro foi escrito fora do Brasil e 1945 quando foi publicado no Brasil. Este levantamento será muito próximo aos dos demais, com poucos acervos. Teremos falas somente no ano de 1945 em relação ao livro "O Cavaleiro da Esperança" após a lei da Anistia de março de 1945, que trouxe abertura política para o Brasil, e levou a soltura de Prestes, antes disso, nada em meus levantamentos foram encontrados, só reforçando, em meu entendimento, a produção de apagamentos em torno de Amado, de Prestes e da obra.

Essa periodização de 1942 a 1945 torna-se necessária para pensar esse trabalho, já que não é possível diagnosticar as diversas possibilidades interpretativas e teóricas, leituras e

releituras que uma obra pode ter ao longo do tempo, e para sustentar essa observação me valho da análise de Almeida(1988) que irá dizer que:

A periodização tem por objetivo descobrir a estrutura interna de uma determinada época histórica, ou seja, dar significado à passagem do tempo, identificando e ordenando sequências cronológicas.[...]Convém, pois, ter sempre presente que não existe uma divisão absoluta e permanentemente válida do conteúdo da História e que se trata sempre de obter apenas uma divisão mais adequada ao problema que se tem em foco e ao tempo que é objeto de estudo.(Almeida,1988,p.114-115)

Portanto partindo desse entendimento que se vê necessário a periodização da história, sustentei o meu trabalho entre os períodos de 1942 a 1945, podendo assim delimitar ainda mais a minha questão problema do trabalho que se consistiu em pensar as representações simbólicas no contexto da obra e do Estado Novo, ou seja, entre 1942 e 1945, estará encaminhada para o fim do Regime.

O trabalho se justifica em estar contribuindo para os estudos da obra de Jorge Amado e de sua nuance partidária, assim como a sua perspectiva como intelectual orgânico e engajado, comprometido com a produção cultural e com a ação política. Os estudos em torno da figura de Prestes já tem sido feito por Anita Leocadia Prestes no campo da história com vários trabalhos sobre a trajetória de Prestes, da Coluna Prestes e do movimento da ANL(Aliança Nacional Libertadora). Pesquisadora da qual me saliento para construir também essa monografia. Assim também como a análise do discurso como perspectiva de obras literárias como aparato pedagógico, no caso de "O Cavaleiro da Esperança" salientada por uma estrutura orgânica intelectual e engajada.

Fundamentalmente trazer para a discussão atual os apagamentos produzidos pelo Regime do Estado Novo e da história oficial em geral em torno da figura de Luís Carlos Prestes, podendo assim ampliar as compreensões em torno dos comunistas brasileiros que participaram dos movimentos da Aliança Nacional Libertadora, tornando-se principais inimigos políticos do regime Estado-Novista.

Entre eles, Olga Benario Rodolfo Ghioldi, Arthur Ewert também chamado de Harry Berger e sua esposa Elisabeth Saborowsky que foram presos e barbaramente torturados, tal como entre tantos outros presos, que hoje passam em muito despercebidos pelo discurso oficial.

Através de "O Cavaleiro da Esperança" Amado tenta construir uma resistência revelando aos seus possíveis leitores o motivo da luta de Prestes e seus companheiros, a perseguição e destruição que passaram por lutarem pelo que acreditavam e o fechamento da

democracia no Brasil que usou da força do Estado para calar todos os opositores visando assim educar politicamente os demais

Visando deixar uma memória que um dia pudesse levar a reflexão sobre "Os Ásperos Tempos" título do primeiro livro de uma outra coletânea que Amado iniciaria a publicação em 1954, "Os Subterrâneos da Liberdade" que falará sobre o período em que os Comunistas com Prestes preso viveram na implementação do Estado Novo.

Dessa maneira a organização dos capítulos se dão em três frentes que, a meu ver poderão dar uma amplitude para tratar das questões que almejei poder estar tratando nesse trabalho de pesquisa.

No capítulo 1 trabalhei a figura intelectual de Amado, seu engajamento, sua constituição como intelectual orgânico e o processo de produção da obra "O Cavaleiro da Esperança", situando nos processos históricos pelos quais vivia o Brasil, já que não é possível pensar um trabalho sem sinalizá-lo historicamente. Aqui é importante perceber como a Literatura se divide em duas vertentes; aquelas que apoiaram o regime e aquela que resiste a ele, usando de suas táticas para se instituir e disputar espaços. (Certeau,1998).

No capítulo 2 problematizei o engajamento de Amado na construção do livro, trazendo questões de dentro dele para o cerne do trabalho. Quem é Prestes? E de que maneira Amado traça representações sobre ele. Não coube aqui mapear profundamente cada fala de Amado sobre Prestes, mas sim dar possibilidades do que o escritor pretende instituir, que é a perspectiva heróica de Prestes e sua luta pela liberdade, perpassando todas as fases da sua vida e da sua família, equiparando a outros heróis oficiais como Tiradentes e Benjamin Constant, tomando assim para si o papel de produzir além de uma memória também uma cultura sobre Prestes que até então lhe era negada.

No capítulo 3 pude pensar o processo de circulação desse livro e das falas sobre ele. Aqui trabalhei com todos os documentos encontrados em meus levantamentos em acervos e também com a coletânea de cartas no período em que Prestes estava preso, organizada por Anita Leocádia Prestes e Lygia Prestes em 2002. Dando uma ênfase de fora sobre a obra, podendo entrar dentro dela, tendo uma visão mais apurada de seus fatos e suas representações.

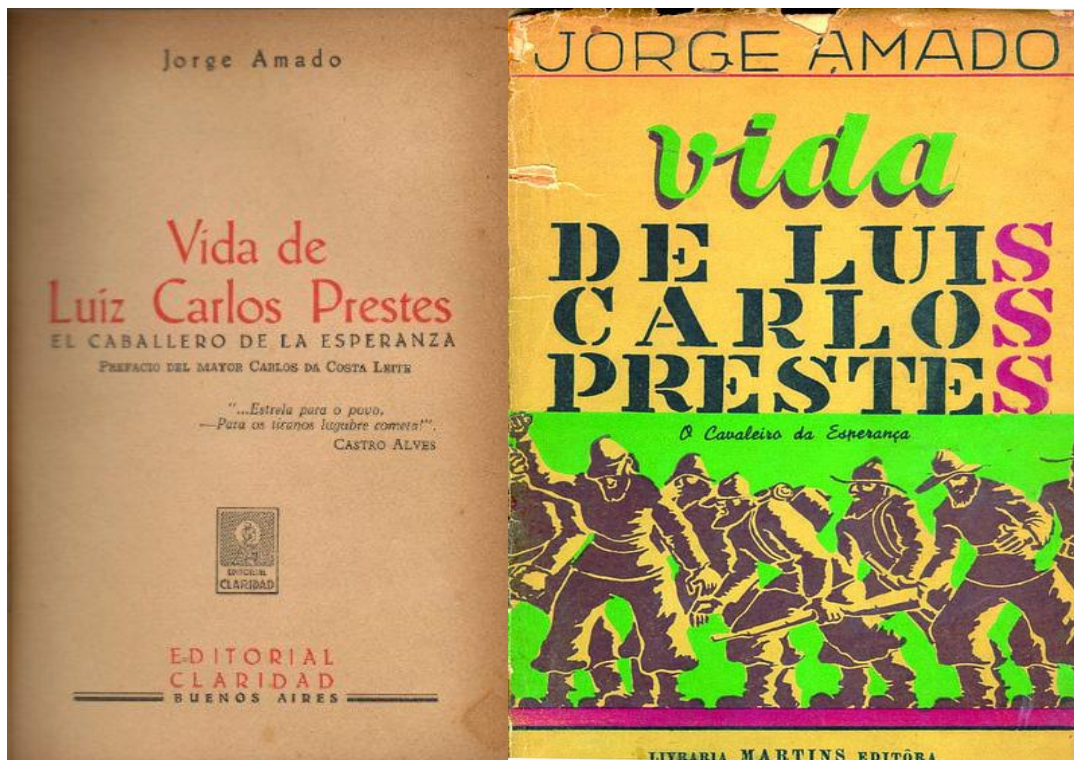
Em geral almejou-se aqui problematizar o uso da Literatura como bayoneta de guerra num período escuso do Brasil. Amado para além de artista é militante do PCB e na guerra contra o Nazi-Fascismo já que o contexto do texto perpetua também a Segunda Guerra Mundial, se ergue como intelectual para combater qualquer regime ditatorial no caso do Estado Novo, muito semelhante ideologicamente ao Fascismo. "O Cavaleiro da Esperança" surge como aparato necessário para denunciar o que estava acontecendo e brotar esperança

naqueles que sonhavam com abertura política, fim do regime e um novo tempo, algo que Amado deixa claro na nota que faz na vigésima edição do livro "O Cavaleiro da Esperança" em 1979 quando cita o contexto da produção do livro:

Pessoa amiga que somente agora leu este livro achou-o ingênuo; a classificação não me desgosta. A ingenuidade não representa um mal maior; perigoso é o cinismo que vem se transformando em hábito no pensamento político do país. A condição ingênua destas páginas, escritas quando Hitler ameaçava dominar o mundo e ditadura do Estado Novo parecia inabalável, nasce de minha obstinada crença no futuro.(Amado,1979,p.4)

Dando ênfase ao papel que o livro teve para Amado como forma de resistência ao nazifascismo e luta política por tempos melhores. Não deixando de pontuar o lugar que fala do escritor toma, lugar esse que é representado pela sua militância ao Partido Comunista Brasileiro (PCB). Escrevendo este livro com foco para alcançar os intelectuais e as massas, ainda que estes subalternos com altos graus de analfabetismo não tivesse acesso com facilidade a leitura escrita.

Capa da Primeira Edição do Livro "O Cavaleiro da Esperança" de 1942, lançado em Buenos Aires pela Editora Claridad. Segue imagem, Capa da Primeira Edição Brasileira de 1945 pela Livraria Martins Editora.



Fonte: Amado, 2011.

## I. O INTELLECTUAL ENGAJADO E A OBRA: JORGE AMADO E O LIVRO "O CAVALEIRO DA ESPERANÇA"

Escrito em língua espanhola, o livro “O Cavaleiro da Esperança”, que se chamou "Vida de Luís Carlos Prestes", teve sua primeira edição publicada no Uruguai e na Argentina. Circulando clandestinamente até o ano de 1945, quando seria publicado no Brasil. Consiste numa narrativa histórica sobre a vida e militância política do Comunista Luís Carlos Prestes. Dessa forma Amado procura construir uma representação simbólica da figura do líder popular Luís Carlos Prestes de maneira heróica, visando formar as mentes do povo brasileiro que viviam uma ditadura autoritária.

Intitulado inicialmente como “Vida de Luiz Carlos Prestes!”, a primeira edição do livro nasce como um aparato intelectual de resistência ao Estado Novo, se constituindo então numa obra que tem como cerne refletir sobre o governo brasileiro que desde 1936, que valia-se da prisão, da tortura e da perseguição política aos comunistas, intelectuais, funcionários públicos ou qualquer outro cidadão que tivesse um pensamento político contrário ao do regime autoritário, que tinha em seu cerne uma política centralizadora na figura de Vargas e corporativista, conforme nos informará Gomes(2012):

Nesse sentido preciso, o Estado autoritário e democrático do pós-1930 é tanto uma "modernização das tradições do poder privado e do personalismo caros à sociedade brasileira, como uma afirmação do poder do público, por meio de uma burocracia (Impessoal e técnica) e de um modelo alternativo de representação política: o corporativismo.” (Gomes, 2012, p.71)

Entendo que essa estrutura política se estruturará até a instituição do Estado Novo em 1937 trazendo a figura de Getúlio Vargas e das estruturas do estado, dos “Intelectuais” e da “Cultura Política” que se elencará, ainda conforme Gomes (2012), da seguinte maneira:

A identificação entre Estado e nação, bem como a concentração da autoridade do Estado na figura do presidente, eliminava a necessidade de corpos intermediários entre o povo e o governante, segundo o modelo de partidos e assembleias que traduziam interesses particulares e desagregadores. (Gomes, 2012, p.79)

A Contribuição de Gomes (2012, p.87), ajuda-nos a pensar essa estrutura que o Estado, se valendo do Nacionalismo e da proteção do povo, usará para instituir um regime forte autoritário, que se consolidará através do autoritarismo e da propaganda, mas que também deixará legados na área de Educação, Saúde e Trabalho. Esta propaganda gerenciada em boa parte pelo DIP (Departamento de Imprensa e Propaganda), que também censurava

“Intelectuais” tidos como indesejáveis e dava ênfase a somente a “produção intelectual”, que colaborava com o regime e servia de arma para a legitimação do Estado Novo.

Este que se valia também dos mais variados meios, como os veículos de massa, para divulgar suas propostas, sua política e conseguir da população através do discurso governamental ou dos intelectuais e seu discurso autorizado em geral, uma legitimação para os atos discricionários praticados pelo governo Vargasista.

De tal maneira que Velloso (2008) irá problematizar a participação intelectual no período do Estado Novo, percebendo os participantes do regime como integrantes de um "projeto político-pedagógico, destinado a popularizar e difundir ideologias do regime" (Velloso, 2008.p.149) os colocando como participantes ativos da relação com a Educação e a propaganda política.

Em seu trabalho "Os intelectuais ea Política Cultural do Estado Novo" somos levados por Velloso(2008) a uma reflexão profunda sobre os processos de organização intelectual, podendo ter um amplo panorama da conjuntura histórica que Amado fala, tanto para instituir suas críticas quando aponta os intelectuais de seu tempo no livro, quanto para pensar o regime e a sua estratégia de legitimação, e também de apagamento de oposições, por isso a autora irá descrever:

No Estado Novo, o intelectual responde à chamada do regime, que o incumbe de uma missão: a de ser representante da consciência nacional. Reedita-se, portanto, uma ideia já enraizada historicamente no campo intelectual. O que varia é a delimitação do espaço de atuação desse grupo- da torre de marfim para a arena política-, permanecendo o papel de vanguarda social. O trabalho do intelectual - agora engajado nos domínios do Estado- deve traduzir as mudanças ocorridas no plano político. ( Velloso, 2008, p.153)

Apesar de Capellato(1999) apontar que não existiu uma onipotência quanto a intelectualidade voltada para a construção de uma opinião única, porém não deixa de destacar o quanto a influência dos intelectuais no Estado Novo se constituiu como um forte pilar da propagação e consolidação do regime:

Cabe lembrar que mesmo os regimes que levaram esse controle ao extremo não conseguiram atingir o objetivo de formar a “opinião única”. Tal constatação não implica menosprezo da importância da propaganda política: mesmo sem obter adesão unânime, ela foi um dos pilares de sustentação do poder. (Capellato, 1999.p.178)

Podendo também destacar a posição do próprio Amado ao apontar a sua leitura da intelectualidade daquele momento político, destacando que durante o Estado Novo também não houve unidade, ainda que aparelhos do poder como revistas entre elas "Cultura e Política" e "Atlântico", tivessem adesão na sociedade brasileira:

Outro dia, não faz muito, num discurso durante o Congresso Brasileiro de Escritores, alguém disse que ali se assistia à ressurreição da inteligência patricia. É uma falsa e confucionista, sem nenhuma base nos fatos. Em verdade, a inteligência brasileira não morreu. Suicidaram-se alguns quantos escritores nas páginas de Cultura e Política ou de Atlântico, na indiferença, no ceticismo, nos DIPS, na forma pela forma, na luta contra a arte social, nos grupinhos amargos, na bajulação a aventureiros chegados do estrangeiro para embasbacar botocudos, na adesão rasgada ou vergonhosa do Estado Novo, no trotskismo. A verdadeira inteligência brasileira resistia, no entanto, por vezes apenas com o silêncio, mas resistia. (Amado, 2011.p.13-14)

Aqui perceberemos que o intelectual da década de 20 e 30 conforme nos atenta Pécaut (1990) está profundamente comprometido com a transformação da sociedade. Todavia uma transformação que rejeite a cultura republicana até ali estruturada nas oligarquias e não se limite somente a interpretação do país, porém sim num engajamento de lidar com as questões sociais, ainda que aquelas questões das quais dialoguem e intervenham estejam distante da sua realidade social tomada por mazelas sociais, propriamente ditas. Dessa forma ainda pensando com Velloso (2008), entenderemos que:

O Intelectual é eleito o intérprete da vida social porque é capaz de transmitir: as múltiplas manifestações sociais, trazendo-as para o seio do Estado, que irá discipliná-las e coordená-las. Eles são vistos como os intermediários que unem o governo e o povo, porque “eles é que pensam, eles é que criam”. (Velloso, 2008, p.155)

O Intelectual então passa ser aquele que articula a vida social com as ideias do regime as transmitindo e as criando legitimando, assim o governo centralizador e autoritário através do discurso autorizado e "do poder legítimo devido à sua vocação nacional". (Pecaut, 1990.p.40) ainda que seja importante a contribuição que Gomes (2010) nos traz quando afirma:

A relação dos intelectuais com os setores da burocracia estatal estado-novista está, portanto, na base operacional de construção e divulgação dessa política cultural. Dessa forma, é bom deixar claro que o envolvimento desses intelectuais com o projeto político mais amplo do regime está sendo entendido de forma muito variada. Ficam afastadas, por premissa teórica, as ideias de "manipulação" pelo Estado e de "alienação e traição" dos intelectuais em função de ligações estabelecidas com as políticas governamentais. Assim, não se está aqui trabalhando com a chave simplista que interpreta a participação de intelectuais em políticas públicas como sinal de automática adesão às diretrizes ideológicas de um regime político, ou como prova de "cooptação", entendendo-se por cooptação algo próximo a uma transação mercantil de caráter utilitário. A questão do envolvimento de intelectuais com regimes políticos- sobretudo autoritários como no caso do Estado Novo- é algo bem mais complexo e instigante. Para se compreender essa dinâmica e o sentido da categoria de cooptação, é relevante reconhecer o interesse a até a necessidade de um regime de estabelecer contato com o meio intelectual. Do mesmo modo, é interessante e necessário, para os intelectuais, participar de um novo espaço político que a eles se abre, oferecendo tanto oportunidades de tipo financeiro como de prestígio

sociocultural. Isto é, essa é uma relação de mão dupla cheia de possibilidades diferenciadas, sendo fundamental atentar para vários pontos, tais como: Intelectuais; a política que está sendo implementada; e o tipo de participação solicitada. (Gomes, 2010,p.46-47)

Podendo contribuir mostrando que o movimento intelectual é muito mais complexo que simplesmente se instituir de maneira alienada a um projeto político, ou seja, um intelectual que apoiava o regime do Estado Novo não necessariamente poderia ser vendido, mas sim poderia estar buscando no regime maneiras de implantar seus projetos políticos sociais.

Porém Amado mantém-se crítico a esses pensadores apontando-os como peças de Vargas na tentativa de consolidar o regime político do Estado Novo, conforme nos ajuda a visualizar, Dulles(1985):

Vargas tinha apoio dos militares, de muitos governadores e de Plínio Salgado quando, a 10 de novembro, cancelou as eleições presidenciais, fechou o Congresso e outorgou uma nova Constituição. A repressão ao comunismo, intensa a partir de outubro, recebeu maior ímpeto com a nova Constituição, que declarava o Brasil em estado de emergência e decretava que a polícia, durante esse estado de emergência, podia executar sua missão sem qualquer interferência do Poder Judiciário. (Dulles,1985, p.142)

Nos leva a pensar sobre os apagamentos produzidos pelo regime e sobre a perseguição política e o uso da censura através do DIP, para extirpar complementarmente o ideário comunista e suas lutas sociais. Dessa forma Amado, resiste se valendo da figura de Prestes, herói e principal quadro político do PCB, para poder divulgar através do livro, não somente sua trajetória de vida e sua conduta mais também um projeto político que vai além. Projeto político este revelado na figura do Partido.

O Partido Comunista, fundado em 1922, até 1935 terá participação ainda limitada aos meios operários. Sua articulação ampla com a sociedade como um todo se dará através da Aliança Nacional Libertadora (ANL) movimento popular de cunho revolucionário que terá Prestes como Presidente de Honra.

Amado então, como outros quadros do PCB, usa do nome de Prestes para instituir a ideologia e luta do Partido na Sociedade. O "Cavaleiro da Esperança" é a porta de entrada para a aproximação do povo com o Partido e com a revolução, já que ele representa para Amado em sua narrativa, a pedra fundamental para a consolidação Bolchevique à brasileira.

Prestes, preso desde 1936 torna-se um dos principais nomes vítimas dos apagamentos produzidos pela política de propaganda do Governo, o DIP, Departamento de Propaganda Política. Órgão que atuava como interventor das ações governamentais, criando uma imagem



do Presidente da República como o “Pai dos Pobres” e também consolidando uma política de alinhamento dos demais setores administrativos dos aparelhos de estado do governo federal.

Estes “aparelhos ideológicos” (Althusser, 1979, p.42) serão os diversos órgãos e instituições que surgiram nesse momento e serão direcionados à incorporar as “questões sociais” no âmbito de suas tarefas de obtenção hegemônica de classe. (Cerqueira Filho, 1982, p.59)

Dessa maneira ao entender o ato de ler como um ato não ingênuo, a "leitura" pode ser entendida sempre como discurso produtor de “sentidos de efeito” (Orlandi, 1993, p.14). Dentro de uma perspectiva que percebe essa constituição de “sentidos” como um enfrentamento do indivíduo com as suas leituras anteriores e seus gestos interpretativos.

Assim, ao dialogar com vários fatos e acontecimentos da história do Brasil e seus conflitos de classe, Amado dialoga com a história (Goulemot, 2009) e, dessa forma, procura reconstruir ou instituir uma memória em torno da figura de Prestes numa perspectiva pedagógica. Quer educar o Povo-Nação como nos diz Pecaute (1982, p.60).

Por isso, a circularidade do livro como instrumento de educação popular em Amado constitui um “jogo de espelhos” sobre como “contar” a realidade social brasileira. Segundo Goulemot (2009), podemos entender então que:

O livro lido ganha seu sentido daquilo que foi lido antes dele, segundo um movimento redutor ao conhecido, à anterioridade. O sentido nasce, em grande parte, tanto desse exterior cultural quanto do próprio texto e é bastante certo que seja de sentidos já adquiridos que nasça o sentido a ser adquirido. De fato, a leitura é jogo de espelhos, avanço especular. Reencontramos ao ler. Todo o saber anterior - saber fixado, institucionalizado, saber móvel, vestígios e migalhas- trabalha o texto oferecido à decifração. Não há jamais compreensão autônoma, sentido constituído, imposto pelo livro em leitura. (Goulemot, 2009 p.114-115.)

A compreensão de Goulemot(2009) nos ajuda a pensar o movimento intelectual produzido no livro, que consiste em dialogar com vários fatos e problematizá-los por um viés da figura de Prestes, mas com potencial para dar ao leitor a possibilidade de buscar nesses fatos históricos outras possibilidades para as suas leituras.

Isto só é possível quando se possibilita ao leitor que dialogue com suas outras culturas e constitua sentido em torno do que ele está lendo, que no caso se remete ao Livro "O Cavaleiro da Esperança".

Dessa forma ao mesmo tempo em que podemos interpretar esse movimento como pedagógico por instituir possibilidades de interpretar a história por outro viés em contraponto

ao que está posto no determinado contexto histórico, entender a leitura como produção de sentidos permite-nos também explicitar esse texto como objeto do conhecimento.

Primeiramente por Amado trazer diversas possibilidades históricas, já que seu livro “O Cavaleiro da Esperança” dialoga com diversos fatos históricos e o autor constrói uma visão destes fatos ao construir representações em torno de uma figura brasileira, que ele defende ter sido lesada injustamente da construção da história do Brasil, por ter contribuído ativamente para os processos de igualdade social como o próprio escritor na introdução do livro vai apontar:

Por outro lado está biografia representa o pagamento de uma dívida. Muito se tem falado nos motivos que resultaram na moderna literatura brasileira, na novelística e na crítica. Inúmeros artigos e ensaios se têm escrito sobre isso e não sei de nenhum que ligue o nome de Luiz Carlos Prestes a esse movimento. No entanto, ninguém teve em relação a ele uma importância maior, uma influência mais decisiva. (Amado,1979, p.16)

Aqui podemos também entender que a escrita de Amado vai além de produzir somente um discurso heróico de Prestes, mas também criticar a literatura de seu tempo, esta chamada de "Moderna", e que negava a importância da figura de Prestes, tão presente nos movimentos sociais de seu tempo. Algo que o faz se aproximar das ideias de Maquiavel (2011, passim) que valoriza os feitos do passado para desconstruir o presente que está instituído. Vai ao passado para fundamentar o presente e assim visar um possível futuro (Lefort, 1999, p.155). Entendendo dessa forma a problemática da arte da política que se consiste em:

O que os florentinos podem aprender com os romanos, interrogando-se, simultaneamente, sobre o presente e o passado, é que a arte da política exige que se saiba identificar os inimigos, escolher um campo, utilizar-se oportunamente da astúcia e da força; em suma, diz respeito à arte da guerra, embora não se reduza a isso. (Lefort, 1999, p.155)

Em sua crítica, Amado ataca a moderna literatura e institui o seu texto como um fundador, ou aquele que resgatará o verdadeiro sentido da literatura, que é se engajar em transformar a realidade. Através do testemunho de Prestes o autor visa produzir possibilidades de transformação em massa das classes menos abastadas, dos operários em torno de um objetivo que é a Revolução.

A moderna literatura brasileira, aquela que deu os grandes romances sociais, os estudos de sociologia, a reabilitação do negro, os estudos históricos, resulta diretamente do ciclo de movimentos iniciado em 22 que só encontrará seu término com o pleno desenvolvimento da revolução democrático-burguesa. 22, 24, 26, 30 e 35 trouxeram o povo à tona, interessaram-no nos problemas do

Brasil, deram-lhe uma ânsia de cultura da qual resultou o movimento literário atual. E como Luiz Carlos Prestes foi e é a figura máxima de todos esses movimentos, chefe, condutor e general, a sua ligação com a moderna literatura brasileira é indiscutível. É essa literatura não tratou dele, da sua figura em nenhum momento. (Amado, 1979, p.16)

Amado mantém a crítica à "literatura" de seu tempo e os "apagamentos" que essa produziu diante da figura de Prestes, defendendo esse posicionamento intelectual, por defender que, ao instituir a Prestes num lugar que lhe foi negado pela produção intelectual, estará politizando e formando também os intelectuais, levando essa obra a alcançar nuances que não se limitem apenas a possíveis leitores, mas também para formadores de opinião.

Outra nuance desse livro a ser embasada é a sua ênfase cultural. Já que essa obra pode ser encarada como uma produção de resistência se problematizarmos a conjuntura histórica em que o Brasil se encontrava. Prestes para Amado é um guerreiro do povo que veio da extrema pobreza, sendo predestinado a liderar a libertação dos oprimidos de nosso Brasil.

O caráter cultural se dá no movimento de escrita de Amado que se elenca em ir além da aproximação deste "Herói" com o "Povo". Mas, sim também através da luta que permeou a sua "vida". Juntamente disso temos a complexidade da sua produção. Ao ser lançado em 1942 circulou de maneira clandestina por volta de 3 anos, ou seja até 1945 já no fim do Estado Novo em processo de abertura política, se configurando então como uma obra a ser "temida".

Seu viés formativo se configura ao problematizarmos esta como uma obra intelectual engajada, já que traz seu cerne o desejo de transformação da realidade que aborda. Expondo os problemas sociais do contexto em que é produzido, como a negação da democracia, da perseguição aos que pensavam diferente da prisão e da tortura. Podendo então assim ser entendido como um movimento orgânico, já que Amado pretende com o seu texto educar o povo para a luta que o Partido Comunista, através de Prestes, pleiteava, mas não só o povo, também os intelectuais, num processo de formação ampla através dessa biografia.

Amado almeja criar rupturas no sistema vigente e isso ele faz quando, através do livro, incita a perspectiva da igualdade, liberdade e democracia, que levariam a Revolução. Ao clamar para todas as classes que se unam em repúdio ao "Governo" o escritor almeja encetar os povos a se unirem, pois através dos feitos de Prestes, do prestígio de Prestes, que como "Herói" é o exemplo e a motivação para todos, os brasileiros seguiriam com a certeza de que chegariam à vitória. Essa que se configura no desdobramento para o fim do Capitalismo.

Ao decorrer do livro "O Cavaleiro da Esperança", Amado mostra seu engajamento em torno da figura de Prestes, pois constrói uma narrativa sobre sua vida política dedicada ao Brasil. Tanto na década de 20 com o Tenentismo que Prestes (1990) irá interpretar como um

movimento social que vinha ainda numa perspectiva de cima para baixo, com cunho Liberal, resistir à política oligárquica e assim causar rupturas na chamada República Velha:

O tenentismo vinha preencher o vazio deixado pela falta de lideranças civis aptas a conduzirem o processo revolucionário brasileiro que começava a sacudir as já caducas instituições políticas da República Velha. Os "tenentes" substituiriam os inexistentes partidos políticos de oposição aos governos oligárquicos de Epitácio Pessoa e Artur Bernardes. [...] Os "tenentes" eram parte de uma corporação militar com interesses próprios, mas essa instituição não estava afastada da sociedade e dos seus problemas por uma muralha chinesa; ao contrário, os militares não só provinham, em sua maioria, dos setores médios dessa sociedade, como mantinham estreito contato com as populações civis, com a vida nacional. É nesse complexo emaranhado de relações sociais que devem ser compreendidas as suas posições e atitudes, o seu comportamento político. [...] (Prestes, 1990, p.73)

Prestes(1990), portanto aborda o alcance político da Coluna que mesmo talhada por ideais próprios, não se colocava distante dos anseios da sociedade brasileira e trazia consigo esses ideais, que lhes dariam prestígio e que seria usado pelas oligarquias dissidentes na construção da Aliança Liberal e da chamada Revolução de 1930, como Prestes(1990) voltará a exemplificar:

A vitória de Getúlio Vargas em outubro de 1930 resultaria não tanto da participação dos "tenentes" no movimento armado que derrubou Washington Luís- participação secundária no conjunto das forças comandadas por Góis Monteiro-, mas de um complexo de circunstâncias históricas, entre as quais os levantes tenentistas ocorridos durante toda a década e, em particular, a Coluna Prestes, que desempenharam um papel decisivo para abalar os alicerces da República Velha. (Prestes, 1990,p.386)

Entendendo a "Coluna Prestes" com grande importância nesse movimento que é militar, político e social (Prestes, 1990, p.394). Amado, portanto usará do prestígio da Coluna e de seu Líder Luís Carlos Prestes, contudo exemplificando que o mesmo não participou da articulação em torno da Aliança Liberal e sim pelo contrário não só tornou-se Comunista como a repudiou.

Já Fausto (1994) se distanciará de Prestes (1990) na sua análise em torno do Tenentismo e da sua importância para a construção da revolução de 1930, porém se aproximará ao relatar a Coluna Prestes como fator importante desse diálogo tal como a articulação que se dará entre os Tenentes e as oligarquias dissidentes:

O tenentismo desta fase pode ser definido, em linhas gerais, como um movimento político e ideologicamente difuso, de características predominantemente militares, onde as tendências reformistas autoritárias aparecem em embrião. As explosões de rebeldia- da revolta do Forte de Copacabana a Coluna Prestes- ganham gradativa importância e consistência, tendo no Rio Grande do Sul uma irradiação popular maior do que em outras

regiões. Eles iniciam, em regra, com o caráter de tentativa insurrecional independente dos setores civis e embora este quadro pouco a pouco se modifique, até se chegar ao acordo nacional com as oligarquias dissidentes na revolução de 1930, o desencontro de caminhos permanece. (Fausto,1994, p.57)

Lanna Junior(2008) mantém uma linha de pensamento que consiste em estar pensando esse processo iniciado pelo Tenentismo como uma cooptação de participação no poder. Desdobramento que levará boa parte dos tenentes a se aliarem as oligarquias dissidentes e se engajarem em torno da Aliança Liberal e da Revolução de 1930, quando nos expõe da seguinte maneira:

A participação no Poder se explica mais corretamente como uma política de cooptação: desde 1927, quando terminaram suas ações conspiradoras, até 1930, quando viveram no exílio e foram seduzidos pelos políticos dissidentes para legitimarem a Revolução de 1930. A participação dos tenentes no governo deve ser entendida dentro dessa estratégia. Eles eram, nesse período, uma valiosa moeda política, cobiçados como legítimos revolucionários, condição que conquistaram por suas ações heróicas realizadas no período anterior, de 1922 a 1927. (Lanna Junior, 2008, p.316)

Amado se apropria dessas questões para construir a sua narrativa em torno de Prestes. Ainda que a tese de Fausto se distancie um pouco do seu trabalho, ajuda a estar pensando esse contato entre as oligárquicas dissidentes e os tenentes e também o tenentismo como um processo de experiência que irá desencadear, na leitura de Amado, na construção da Aliança Nacional Libertadora (ANL).

Lanna Junior ajuda a entender como os tenentes, que ganharam cunho de legítimos revolucionários, se configuraram em poderosa moeda política para os processos que darão na Aliança Liberal de 1930.

Nessa nuance Amado usa o prestígio da Coluna e sua importância para pensar o processo social da década de 1920, as rupturas provocadas na República Velha e fundamentalmente a participação dos tenentes no movimento de 1930 e 1935, tendo Prestes como cerne principal.

Num primeiro momento rejeitando se aliar a Aliança Liberal que se estruturou num movimento que traiu o seu ideário com a Coluna e em segundo com a Aliança Nacional Libertadora (ANL) movimento sufocado pelo Varguismo, mas vencedor para o autor, já que resistiu ao autoritarismo e iniciou um processo que após a soltura de Prestes levará a Libertação do país. (Amado, 1979, passim).

Ainda que no período de 1922 até 1926 que se dá o Tenentismo até o movimento de 1930, Prestes não fosse filiado ao PCB. Amado usará esse processo para resgatar o prestígio da Coluna Prestes como uma forma de formar o seu leitor na construção da sua narrativa,

podendo assim engajar-se em desenvolver, através desse personagem, uma possibilidade de crítica da nossa condição histórica como aponta Abdalla Junior(2007):

A consciência de nossas carências referenciais que encontramos nos escritores engajados permite que se materializem em suas produções necessidades históricas de nossa condição subdesenvolvida. Nesse sentido, o trabalho de cada um desses escritores implicados na superação de nossas carências tem sentido ideológico mais amplo, coletivo. Ao sintetizarem aspirações várias, eles têm condições - dentro dos limites de seu campo de atuação- de desenvolver uma ação dinamizadora sobre outros setores de atividades. (Abdalla Junior, 2007, p.85)

Algo que é apontado por Amado no Prefácio a Primeira Edição do Livro em 1945, quando explana a necessidade de uma arte para a problematização dos problemas sociais brasileiros e os frutos que esse tipo de postura vir a causar. No caso a abertura política que se deu em 1945:

Em compensação abre-se uma radiosa perspectiva para a literatura e arte brasileiras com a volta de liberdade, com a liquidação do nazi fascismo, com a possibilidade de discutir os problemas brasileiros, de criar sobre a realidade do povo. Principalmente os intelectuais mais jovens, essa última geração que surge quando iniciamos nosso processo de democratização e que conta com a estimulante presença de Prestes em meio ao cenário nacional. Acredito que marchamos para grandes realizações. (Amado, 2011, p.14)

Amado irá traçar por esse caminho, problematizando Prestes e a sua trajetória, sempre articulando seus feitos e suas posturas ideológicas a um denominador comum, que é o povo e seus problemas. Possibilita ao leitor durante a sua narrativa a construção de um sentimento de proximidade com este "Cavaleiro" que está ali sempre lutando e querendo melhorias para o povo, como aponta, por exemplo, no Capítulo 2 ao se referir a Coluna Prestes:

A Coluna era diferente. Aqueles homens armados, lutando todos os dias, barbados, cabeludos, sujos e esfarrapados, vestidos de couro como os cangaceiros, como os vaqueiros tocadores de gado, ardendo em febre nas caminhadas, a maleita agarrada neles, não traziam a morte, o roubo, o crime, andarilhos. Traziam algo que o sertão desconhecia algo que nunca estivera presente nos júris, nas administrações, nos impostos, nas contas que os coronéis liquidavam com os trabalhadores: A Coluna trazia a justiça, amiga, era impossível de crer! (Amado, 1979, p.152)

Porém o escritor não se limita ao movimento, pois justifica que a coluna serviu para levar esperança ao povo e também para dar experiência aos homens do povo (Amado,1979, p.202), experiência essa com um processo "Revolucionário" como aqueles homens se engajavam para construir. Trabalhando com uma perspectiva que se aproxima a de Anita Prestes quando irá afirmar:

A Aliança Liberal vai utilizar, em 30, todos os ensinamentos da Coluna aos revolucionários e aproveitar-se da semente de liberdade que a Coluna deixara no coração do povo. Os líderes da revolta de outubro de 30, que depois - como Prestes previra- irão, na sua maioria, trair o povo e voltar-se contra ele, só conquistaram o poder porque já apresentavam um programa de reivindicações. Programa que será de muito superado no ano de 35, quando Prestes, indo ao encontro do povo traído por tantos dos chefes de 30, lança a Aliança Nacional Libertadora. (Amado, 1979, p.202)

O Pensamento de Amado trabalha com uma tese de que a Revolução de 30 iniciará o processo de centralização do Estado que terá sua conclusão com o Estado Novo em 1937, e cita a Aliança Nacional Libertadora (ANL) como grande causador de rupturas a esse processo autoritário do Estado Brasileiro, fortemente combatido pelas forças Varguista, tendo sempre a figura de Prestes como principal participante de todos os movimentos ocupando o lugar de Herói perseguido pelo regime de exceção.

Sempre numa exaltação consistente ao Partido Comunista e uma construção de memória em torno do movimento da (ANL) Aliança Nacional Libertadora. Visando produzir uma leitura de ter sido esse movimento grande organizador das massas, como também defenderá (Prestes, 2008)

Dessa forma, sob o olhar de Amado, Prestes era o líder que aproximava o Partido do povo, este entendido pelo autor como um mecanismo para a organização do povo para lutar pela liberdade, pela a mudança e, assim, para revolução social. A Aliança Nacional Libertadora (ANL) então deixa de ser entendida como um processo de derrota como a história oficial coloca e passa, na leitura de Amado na obra, a ser vista como um prelúdio da vitória que aconteceria após a liberdade de Prestes, que com a sua "dignidade" seria capacitado a conduzir as massas para um futuro diferente daquele que naquele momento se conjecturava.

Dessa forma podemos pensar em Amado com o intelectual orgânico de Gramsci<sup>1</sup> (1979), já que se esse se organiza no seu campo intelectual e político para combater o regime do Estado Novo através da arte que é a literatura e da introdução da cultura. Uma cultura que pela figura de Prestes é revolucionária e nos liberta de um jugo autoritarista estatal e nos dá a possibilidade, como povo, de sermos sujeitos autores desse processo de libertação. Ou seja, o "intelectual orgânico" educa aos "excluídos" que são as minorias e os trabalhadores da sociedade e os dá a possibilidade de libertação através da sua arte, porém não só aos "excluídos", mas também aos "intelectuais".

Portanto o livro "O Cavaleiro da Esperança" se consistiu nesse movimento duplo; "critica a arte de seu tempo" e "educar para se libertar das chagas do autoritarismo", organizando o seu campo de atuação, mas não se limitando a ele, já que se organiza num Partido, que como corpo de uma grande estrutura, esse mesmo Partido então se tornando

combativo e alinhado as classes populares, corroerá a superestrutura imposta; com contexto com o qual dialoga que pelo olhar de Amado em “O Cavaleiro da Esperança” é a ditadura do Estado Novo.

Através da narrativa e da construção histórica da mesma, onde dá vida a alguns momentos que julga ser importantes para expor as mazelas da luta de classes e da exploração dos trabalhadores e minorias da sociedade brasileira, percebemos o livro como aparato pedagógico de expor essas contradições e de propor resistência em luta quando pensamos com que irá dizer: *“Um livro não está preso em seus contornos, não está encerrado numa fortaleza. Ele nada mais quer do que existir fora dele mesmo, ou deixar que você exista nele”* (Poulet, 1972, p.74).

A afirmação do autor nos ajuda a refletir sobre o potencial do livro de produzir significações, quando a consciência consegue dialogar com as ideias ali encontradas e podemos pensar o pensamento do outro com os nossos, nos apropriar desse pensamento quando nos remetemos a ler, e em relação a essa ideia, o autor novamente nos traz:

Ler é, então, o ato no qual o princípio subjetivo que chamo de eu se modifica de tal modo que não tenho mais o direito, *stricto sensu*, de considerá-lo meu eu. Estou à disposição de outro, e este outro pensa, sente, sofre e age dentro de mim. O Fenômeno ocorre em sua forma mais óbvia e ingênua na espécie de encanto produzido por certas leituras baratas, como os livros de suspense, dos quais digo “prende-me” (Poulet, 1972, p, 77)

Amado quer prender para uma narrativa que constrói em cima de uma perspectiva revolucionária. Respeita a subjetividade do autor, por isso o convida a participar produzindo a esperança que supostamente anuncia, participando ativamente do diálogo, pois pensa, sente, sofre e acaba então agindo dentro do indivíduo e a partir daí ele não é mais o mesmo. Dessa forma o autor volta a nos afirmar:

No exato momento em que vejo, saindo do objeto que tenho aberto diante de mim, um sem-número de significações que meu espírito apreende, entendo que o que tenho em minhas mãos não é mais um simples objeto, nem mesmo uma simples coisa viva. Percebendo um ser racional, uma consciência, semelhante à que atribuo automaticamente a cada ser humano que encontro, mas neste caso a consciência abre-se para mim, recebe-me, deixa-me olhá-lo em profundidade, e até permite, numa liberdade incomum, que se pense o que ela pensa e sinta o que ela sente. (Poulet, 1972, p.74)

Por isso Poulet, ao nos levar a esse entendimento, nos permite colocar em contraste com a produção do livro "O Cavaleiro da Esperança", pois Amado o produz como um livro vivo, mas com uma consciência que ele coloca, dando liberdade para aquele que o lê que o entenda, o compartilhe e também se engaje dentro das lutas que ele permuta para lutar.



Cabe aqui refletir também sobre o que um autor produtor de "um livro" no caso "O Cavaleiro da Esperança" quer nos passar, quer nos ensinar através de táticas (Certeau, 1998, passim) que nos ajudam a construir sentidos sobre determinada realidade e, no caso do livro poder produzir reflexões em meio a um sistema de repressão política-pedagógica.

Podemos assim problematizar o que está em disputa naquele momento, que é a resistência de um plano político colocado em 1935 representado pela Aliança Nacional Libertadora (ANL) que deixou uma marca, conforme explicita o escritor Amado:

Estão próximos esses dias, eles são ainda de hoje, quando as multidões, milhares e milhares de homens, se atiravam ávidos de ouvirem aquelas verdades, aos comícios da Aliança Nacional Libertadora, onde a palavra de Prestes ia ser dita. E o delírio que era, quando o seu nome, pronunciado entre as palavras de ordem de uma pátria livre, provava aos homens que aquele não era um movimento de aventureiros e traidores. Ali não existiam as palmas compradas das manifestações oficiais. Era um povo que se jogava na rua para aplaudir o nome do seu Herói e as ideias que ele pregava. Os corações cheios de esperança, aqueles corações tantas vezes traídos antes pelos políticos em quem confiavam. (Amado, 1972, p.237)

Por esse aspecto, estas questões precisam estar sendo trazidas novamente para debate na sociedade. Através da figura de Prestes, para o escritor, podemos voltar a acreditar que a Aliança Libertadora não foi um fim, mas um meio para o processo de Libertação do capital e do autoritarismo. Ou então ao menos questionar o que está sendo ali imposto.

Essa é a leitura feita por Amado usando de suas armas que é a sua produção intelectual visando assim dar possibilidade ao seu leitor de trabalhar com estas questões e ter base para dialogar e problematizar o que está ali posto. Por isso, para o escritor, o que mais importar é incitar um processo de reflexão sobre o contexto e sobre as personas que compunham este, politizando e educando para a sua causa e almejando alcançar aliados.

Por isso então este constrói o texto fazendo um retorno sobre o que foi a década de 30 com ênfase em momentos como a Aliança Nacional Libertadora (ANL) e o Estado Novo, refletindo profundamente sobre a necessidade de se discutir sobre Prestes que estava preso. Filiado ao Partido Comunista Brasileiro, Amado como intelectual se configura um intelectual que resistia ao Estado Novo àquela época.

Dessa forma mesmo sem conhecer pessoalmente o personagem que inspirou na escrita do livro o escritor que participou ativamente da construção da ANL e dos levantes de 1935, tal como presenciou as prisões e perseguições sendo ele alvo constante delas, tinha em Prestes, o salvador, ou seja, sua obra também é um relato apaixonado pessoal do autor que na introdução do livro aponta que escreveu o livro por amor a Prestes que não tinha erros.

Amado buscou na figura de Prestes, o principal nome de esquerda e da oposição naquele momento como o centro para desenvolver em sua narrativa, valores republicanos, democráticos e de liberdade, relatando a vida de Prestes, o colocando como continuador dos anseios de liberdade sempre buscados na história do Brasil, então o compara a Tiradentes, Benjamin Constant, Rui Barbosa, assim como carregava consigo valores como os de Castro Alves, Lima Barreto e Euclides da Cunha, e o constrói como continuador de todos esses anseios.

Amado durante o processo de construção da sua narrativa se empenhará nesse engajamento que se fundamentará em denunciar a literatura de seu tempo, que estava "cooptada" para o Governo, assim como não dialogava com os problemas sociais de seu tempo trazendo poucas exceções, como o poeta Raul Bopp e o escritor e filiado ao Partido Comunista, Pedro Motta Lima. Como justificativa para seu movimento em "O Cavaleiro da Esperança", que pode se aproximar da perspectiva de tática de Michel de Certeau (1998), pois dentro de um contexto de ditadura, aonde a repressão e a tortura constituem uma marca "estrutural". Por aqui, aliou-se, por cima, tradição colonial e liberalismo.

O uso da figura de Prestes então é a astúcia intelectual necessária para operar no "Campo do inimigo" e causar a rupturas, criar possibilidades e fundamentalmente sentidos no ato da leitura. Neste lugar do outro, o livro consiste numa perspectiva intelectual de recuperar um processo histórico ao longo da década de 1930. O livro de Amado é movimento de resistência à imposição de memória dos vencedores como diz o historiador Edgard De Decca (1988). O discurso vencedor proferirá que os comunistas eram inimigos do país, que o movimento de 1935 havia fracassado e como "meta" a tomada de posição do "poder pelo poder".

Se não inicia ao menos dá um ponto de partida uma contra proposta a essa memória produzida que ainda hoje se mantém. Neste contexto, Amado é um intelectual que se coloca construir uma memória diferente da que ali foi construída. Vê sua escrita como algo que tem que fazer sentido e dessa maneira se dispõe a produzir um discurso que, para além das representações possa trazer esse panorama também histórico.

Sem almejar aqui aprofundar uma discussão em torno da análise do discurso trabalhada por Orlandi (2005), mas não deixando de ir a ela para possibilitar um diálogo mais consistente sobre como a apropriação de Orlandi nos ajudam a refletir sobre "O Cavaleiro da Esperança", podemos dizer que a articulação engajada do escritor é pedagógica.

Já que Amado quando pensou em traçar representações sobre Prestes e através do seu "Cavaleiro da Esperança", informar sobre um país em crise política, movido pelo

autoritarismo, que poderia se libertar dela.

Isso se dá num processo de desconstrução do que estava ali posto e através de um projeto que se daria pela libertação de Prestes e pela adoção de sua história e do PCB como meios para reconstrução do país, que seria a proposta revolucionária.

A década de 1930 originou-se de um processo de modernização da estrutura liberal sempre presente na história da República no Brasil, conhecida como "Revolução de 1930" trouxe inovações econômicas que não mudaram as estruturas economias e sociais do país. A personificação da figura de Getúlio Vargas como trabalhado por Camargo (1999) em político popular.

A passagem da República Velha para a República Nova, com o advento da revolução de 1930 deu-se pela reafirmação política da modernização conservadora iniciada desde o fim do século XIX.

Ou seja, a “revolução de 30” não foi uma “revolução”, não foi capaz de mudar as relações de produção econômica do país e mudar a política de seu caráter coronelista, clientelista e assistencialista. Revelando-se uma Revolução passiva, ou seja, uma revolução que na verdade não mudou profundamente a sociedade brasileira, mas sim se sustentou numa política de modernização e conservação do regime. (Vianna, 1997).

Conforme(Prestes,2008,passim), a política Varguista vai causar bastante insatisfação em vários meios da sociedade, primeiro pelo atraso da chamada constituinte, mas também em torno da crise econômica mundial que se arrastava desde a quebra da bolsa de valores de Nova York, mas também com a crise econômica vinda da crise do café e dos altos valores de alimentos como leite e pão.

Não deixando de citar que, mesmo com ideias comunistas, a maioria das pessoas se aproximava da Aliança pelo fato da figura de Prestes estar ligada a ela quando fora aclamado Presidente de honra do movimento, mesmo fora do país como aponta Dulles(1985): "Prestes, conhecido por seus inúmeros admiradores brasileiros como o Cavaleiro da Esperança, não se encontrava no Brasil em março de 1935,quando foi aclamado presidente de Honra da ANL"(Dulles, 1985, p.19)

O Presidente Getúlio Vargas desde aquele momento ensaiará uma política centralizadora e autoritária, inspirada no nazi-fascismo crescente na Europa e no Brasil. Postura que levará seus principais apoiadores, alguns dos tenentes da década de 1920, a romperem com ele e se organizarem em levantes como os de 1932 em São Paulo, conhecido como "Revolução Constitucionalista", e 1935 com a ANL, e que darão embasamento para a construção de Amado em o "Cavaleiro da Esperança"

Neste momento, Amado já era um romancista conhecido e suas obras já repercutiam. Viria tornar-se comunista em 1934 por influência de Rachel de Queiroz e participaria ativamente da organização da Aliança Nacional Libertadora como soldado, onde no prefácio do livro Cavaleiro da Esperança, se autodenomina.

Da derrocada dos levantes de Novembro de 1935 até o lançamento do livro em 1942, a conjuntura política se constituía em meio à perseguição, tortura e estado de Guerra, com os comunistas colocados como principais inimigos da Nação.

O Governo se valeria do medo instituído pelo anticomunismo para perseguir a todos aqueles com pensamentos diferentes do perpetuado pelo Governo de Vargas, que viria a demitir em massa, funcionários públicos, professores e militares e expulsaria do país estrangeiros como Olga Benário, esposa de Prestes que se encontrava grávida, portanto a sua extradição seria algo inconstitucional. Medida que foi ignorada, por configurar em perigo a "Segurança Nacional" (Dulles, 1985).

Em 1937 com a promulgação do Estado Novo, o discurso anticomunista transformou-se numa verdadeira panaceia do governo Vargas. Uma forte propaganda em prol de seu governo foi erguida, inventando uma visão positiva do regime com todos os possíveis avanços sociais que possa ter trazido para a sociedade brasileira.

Foi sustentado através de forte repressão, de perseguição, de tortura e de morte. É importante também pensar que, ao mesmo tempo, o Estado Novo produziu um legado importante para refletir sobre o Brasil, conforme nos atenta Pandolfi(1999):

Poucas fases da história do Brasil produziram um legado tão extenso e duradouro como o Estado Novo. Em função das transformações ocorridas no país, o período tornou-se referência obrigatória quando se trata de refletir sobre estruturas, atores e instituições presentes no Brasil de hoje. (Pandolfi, 1999, p.9)

Portanto, para a Aliança Nacional Libertadora refletir sobre o viés autoritário, que usava a tortura política como mecanismo de manutenção do poder, era dar um ponto de partida para a luta democrática. A ponto de sustentar uma grande repressão e uma ditadura que foi o Estado Novo, além também de um contraponto na produção de Amado e do livro “O Cavaleiro da Esperança”, problematizando então o movimento intelectual do escritor e o dessa obra como prática formativa. A Aliança Nacional Libertadora pode ser considerada como um dos principais movimentos de organização de massas na história do Brasil se nos atentarmos a fala de Prestes(2008):

Em pouco menos de três meses e meio de vida legal, a ANL chegou a fundar mais de 1.600 núcleos em todo o território nacional, atingido na capital da República 50 mil inscritos. [...] De acordo com dados fornecidos por Caio Prado

Junior, presidente do Diretório Estadual de São Paulo, a ANL, no momento de seu fechamento, no início de julho de 35, contava nacionalmente com um número de militantes que variava entre 70 e 100 mil.[...] (Prestes, 2008, p.102)

Levando-se em conta o processo que se atrelou entre 1931 e 1935 entre vários setores da sociedade e que se deu na Criação da ANL, portanto para Prestes (2008) muito em prol da presença de Luís Carlos Prestes:

A Criação da ANL representava a culminância desse processo de aglutinação de grupos, setores, organizações e personalidades decepcionadas com o rumo tomado pela Revolução de 30, desiludidos de Vargas e do seu Governo. Ao mesmo tempo, para que essa unidade fosse alcançada, o nome, o prestígio, a liderança de Luiz Carlos Prestes mostraram-se essenciais. Sem o Cavaleiro da Esperança e tudo o que ele representava no Brasil, naquele momento, dificilmente a ANL teria existido. (Prestes, 2008, p.47).

Seu alcance nos meios intelectuais e políticos conseguiu ali, naquele momento, unificar todos os descontentes com a política de Vargas, que por volta de 1934 já se assimilava as velhas oligarquias das quais lutou para derrubar. Conforme Prestes(2008):

Ao iniciar-se o ano de 1935, grande parte das insatisfações acumuladas desde 30 iria ser canalizada para a Aliança Nacional Libertadora (ANL), cujo surgimento constituíra um fato marcante no cenário político daquele momento. (Prestes, 2008. p.38)

O alcance da ANL juntava posições que iam das esquerdas à direita, em torno de um novo projeto para o Brasil. Ainda que a ANL, estivesse alinhada com propostas comunistas, isso não era levado em conta por muitos de seus adeptos e nem para a imprensa da época, como jornais como “Manhã” e “A Pátria”, que exaltavam ou comentavam o movimento popular.

Amado participou ativamente desse movimento, organizando-se com intelectuais de esquerda como Carlos Lacerda num grupo a que outro intelectual Samuel Wainer denominava "Os cinco mosqueteiros com ideias comunistas", que contava com Wainer, Lacerda, Rubem Braga, Moacir Werneck de Castro e Jorge Amado. (Dulles, 1985, p.188) Participaria ativamente de movimentos de intelectuais como a conferência dos Escritores de Janeiro de 1945 onde teria junto com outros intelectuais que entre eles, Astrogildo Pereira, Pedro Mota Lima, Antônio Franca Carlos Lacerda e Antônio Candido, participação ativa.

Nesse período alguns de seus livros já mostravam uma grande adesão e sucesso como Cacau de 1933 que o caracterizariam como escritor do povo, ainda que devido aos grandes indices de Analfabetismo, a leitura de seus livros, assim como militância, pudesse ser

percebida como uma tentativa de divulgar suas ideias e as posições do Partido para intelectuais dos mais diversos. Conforme nos salienta Calixto(2011):

O público leitor de Amado que irá se formar inicialmente em torno de seus romances será predominantemente de intelectuais identificados com movimentos de esquerda. A hipótese da inserção de "populares"- mesmo aqueles representados nos romances- entre os leitores de Amado neste momento fica bastante reduzida inclusive pelo fato de que o índice de analfabetismo durante os anos 1930 atingia níveis elevados, beirando 65% da população em idade de ler e escrever, isto é, maior de cinco anos de idade. Além disso, o circuito de produção e distribuição de livros só começara a se estruturar neste período, beneficiando em grande parte apenas o eixo Rio-São Paulo. (Calixto, 2011, p. 68)

Amado se enquadrará nessa perspectiva cultural intelectual e desde a escrita da obra “O País do Carnaval” de 1931, seu primeiro livro, tentará sempre interpretar o Brasil do seu tempo. Ao se filiar ao Partido Comunista seu engajamento se colocará a pautar soluções para esse Brasil, e essas soluções aparecerão de várias formas em sua obra. Propondo a transformação da sociedade, quando expõe e quando seus heróis atuam e lutam para mudar essa realidade.

Em “O Cavaleiro da Esperança” não é diferente, contudo seu herói é um real, que mesmo preso, ali naquele contexto, será visto como uma fagulha de Esperança para "dias melhores". Esse herói é Prestes.

Ainda assim, se pensarmos que os intelectuais tiveram- e têm- papel singular na elaboração, legitimação e deslegitimação de projetos políticos-culturais em torno do modelo de nação, pode-se dizer que Amado, e suas obras encontravam-se no centro destes debates, produzindo discursos, partilhando ideias, e sendo reconhecidos por seus pares. Isto tanto na sua atuação no campo político como no campo literário, pois uma vez que refletia sobre a sociedade em seus romances, o autor também "contaminava-os" com um sentido de nacionalidade. (Calixto 2011 p. 68)

Prestes será a razão pela qual a Aliança Nacional Libertadora terá um amplo alcance na sociedade. E isso se dará não pelo fato de ser marxista e dirigente partidário trazer ideias e propostas para discutir o Brasil somente, mas sim por uma relação histórica com a sociedade Brasileira, que lhe dava um "status" de herói e o que lhe levaria também a ocupar a Presidência Honorária da ANL e trazer assim muitos novos adeptos.

Prestes participou ativamente dos levantes Revolucionários Tenentistas da década de 20 como líder maior, onde ao tentarem depor o presidente Artur Bernardes visavam melhorias sociais para a sua classe de Tenentes e ainda que de forma tímida para o Brasil.

Por isso tiveram a oportunidade em sua caminhada de mais de 25 mil quilômetros com a Coluna Prestes, onde não foi derrotado, criar rupturas num movimento oligárquico e político

sólido até então.

Tais fatos políticos em 1922, 1924 e 1926 que terá como início o levante de Copacabana que ficou conhecido como “Movimento dos 18 do Forte” em 1922 até o segundo levante já com a Coluna Prestes que duraria entre 1924 até 1926, consolidando para o povo nesse período e para o escritor Jorge Amado pelas realizações e prestígio alcançado a construção do mito “O Cavaleiro da Esperança” que viria pelo escritor a ser usado como título e estrutura para a sua biografia sobre Luís Carlos Prestes.

Essa imagem refere-se à Coluna Prestes. Luís Carlos Prestes é o terceiro sentado da esquerda para a direita.



Fonte: Wikipédia.com

Em 1930 na organização da Aliança Liberal Prestes é um dos poucos então Tenentes que não aceitam e nem se beneficiam com o movimento, além também de se tornar comunista. Algo que levará a uma decepção de muitos dos seus admiradores naquele momento, mas que o fortalecerá ainda mais no contexto da ANL.

A ANL chegará à ilegalidade com decreto de Vargas, que temia a concentração popular e a organização do povo descontente em torno da figura de Prestes. Porém essa proibição, não impedirá a sua mobilização e a aproximação ainda maior com os comunistas, que tentariam uma insurreição em Novembro de 1935 sendo então derrotados. Amado resgata todos esses momentos para construir o seu livro.

Ao dialogar com os fatos instituídos pela história oficial constrói outra perspectiva dentro de "O Cavaleiro da Esperança" da história, mostrando o quanto os fatos históricos podem nos dar diversas possibilidades de dialogar com a construção histórica. Sua obra ainda que possa ser questionada pela veracidade "científica" que carrega, se constitui num relato que tem valor para refletir sobre o tempo do qual fala, já que traz questões que ainda são muito controversas para se pensar o Brasil.

Entre elas pode se destacar a perseguição política, a tortura, e o impacto que a ditadura do Estado Novo, causou quando colocamos em questão a sua relação com os Comunistas ou como os tidos "Inimigos do Governo.”.

Configura-se também num objeto cultural que revela práticas de seu tempo, pensamentos de seu tempo, costumes, crenças e problemas do seu tempo, partidas de um viés ideológico, sem dúvida, que é o marxismo e a luta de classes, porém essa luta de classes produzida na literatura se reflete numa tentativa de educar para politizar e de educar para a construção de uma memória, que é a memória sobre Prestes, líder que o Governo "difamava" e produzia apagamentos.

Amado em sua carreira intelectual ao produzir um livro que o próprio Prestes quando sai da prisão em 1945, falará ser um “ato de coragem”, revela-se num esforçado movimento intelectual, interessado em atuar sobre o mundo e transformá-lo com as armas que tem. Estas que tem como pressupostos Prestes e seu prestígio serão as armas que Amado como Intelectual e o Partido Comunista Brasileiro (PCB) terão para dialogar com as massas, ainda tão distantes do Partido.

Prestes também será a arma para outra luta travada pelo autor, que é a luta pela anistia dos presos políticos e exiliados desde 1936. Internacionalmente conforme aponta Dulles (1985) haverá muitas manifestações em prol da soltura de Prestes, algo que só acontecerá após a promulgação da lei da Anistia em 18 de março de 1945. Período no qual Amado apontará como um nome presente em comícios pró Prestes e também como comentarista sobre a situação política brasileira.

O discurso autorizado nascerá também pela produção do livro O Cavaleiro da Esperança, já que será citado por muitos jornais de época como "Biografo de Prestes." Porém não só por isso. Amado com produção romancista, mesmo sendo comunista, será respeitado como escritor e se tornará o primeiro escritor de sua época a viver só do ato de escrever, além de também em 1951 ganhar o Prêmio Stalin da Paz pelo conjunto de sua obra, revelando no escritor uma qualidade que não se remete somente a divulgar questões ideológicas do Partido, ainda que tal postura em nenhum momento tire dele o seu valor de escritor e que o prêmio se



configure como um contraponto ao prêmio Nobel da Paz.

Suas obras nessa sua primeira fase como Comunista segundo Machado (2006, p.80) refletiram os problemas sociais do Brasil e da cultura. A autora também afirmará que obras como as vindas após, Gabriela, obra que escreveu após sua saída do PCB, mas com a diferença de trazer o Partido Comunista como àquele que poderá organizar os trabalhadores, as minorias e assim extinguir as classes. Ou seja, para Machado a partir de Gabriela Amado perderá o viés partidário em sua obra.

Durante os cinco Capítulos de “O Cavaleiro da Esperança” o escritor trabalha com essa perspectiva, ao citar homens que lutaram pela liberdade e contra a exploração dos oprimidos em momentos de repressão na história do Brasil.

Trazendo Prestes como aquele que sintetizaria essa luta e iniciaria um novo momento para o Brasil, já que a crença de Amado reflete a crença de muitos, que viam no mito "O Cavaleiro da Esperança" como aquele que acabaria com a divisão da sociedade brasileira em classes e nos levaria a igualdade ou seja, ao socialismo real.

Essa Pedagogia da liberdade se coloca em torno de uma perspectiva de construir uma nova possibilidade de instituição social para o Brasil. Através do seu livro, sustentado numa narrativa que preconiza a repetição, para poder fomentar no sujeito leitor mais a visão da vida de Prestes e os ideais de liberdade, visando assim fortalecer um sentimento de esperança do trabalhador que pelo viés de Prestes se sustentam na revolução.

O herói de Amado, que é Prestes, vai apontando a todo momento para a revolução da Estrutura que no contexto era a Ditadura do Estado Novo, tal como os personagens tidos como percussores dos ideais de liberdade, que também apontam para Prestes, ou seja como apontará Silviano Santiago(1983) quando falará do uso da repetição em obras de cunho populares, apontando para a importância dessa habilidade para a construção narrativa popular que almeja em formar mais do que os poucos que naquele momento dominavam a leitura, já que o Brasil tinha em sua maioria analfabetos.

A repetição - é preciso que atentemos agora para este fato estético sempre negligenciado, ou mesmo rejeitado como <<defeito>> - não deixa de ser uma primeira leitura (micro leitura interna) da intriga e, por extensão, do texto. O artista da forma seriada e popular, trabalhando com uma linguagem polissêmica como a da dramatização, necessita diminuir o hermetismo do enigma narrativo com sucessivas e parciais interpretações do drama, recorrendo para isso a pequenos núcleos repetitivos, cujo maior interesse o de apresentar um personagem explicitando para outro o que foi mostrado de forma dramática alguns dias antes. Ou seja: o personagem, ao explicitar a cena anterior, esta lendo-a, decifrando-a, descodificando-a para outro personagem, a este, em última instância, faz as vezes do leitor comum. O leitor comum tentemos uma definição- aquele que, diante de um texto dramático, se sente

mais a vontade no explicado do que no enigma(Silviano Santiago,1983,p.32)

Essa fala de Silviano Santiago (1983) nos ajuda a perceber a técnica literária da qual Amado se valerá para construir um discurso que atinja as classes populares. Essa repetição será usada para construir a Biografia de Prestes, tendo o tema da liberdade como o conceito, que irá perpassar por toda a sua vida em determinados momentos como na infância, juventude e vida adulta e também na vida da sua família.

Além disso, Amado trabalhará o conceito de liberdade como forma de alinhar Prestes a outros nomes que julga importantes para a construção brasileira e buscaram a liberdade. Entre eles Tiradentes, Frei Caneca, Benjamin Constant, Castro Alves e Lima Barreto que lutaram na visão de Amado por um novo Brasil. Prestes porém tornaria isso possível, pelo viés da revolução.

Essa linguagem que aproxima-se da análise de Silviano Santiago(1983) da obra do próprio Lima Barreto " O Triste Fim de Policarpo Quaresma", se aproxima porque Amado usa da repetição para poder trabalhar o conceito de revolução, visando aproximá-lo do público não letrado.

Esse entendimento pode ser entendido como uma Pedagogia Revolucionária já que visa criar uma ideologia popular em torno da necessidade de refletir sobre o fim da ditadura Vargasista no Brasil, sobre o fim da exploração dos mais pobres e da necessidade de aproximar o povo da figura de Prestes, da U.R.S.S. e da revolução.

Sua didática se constrói, educando o povo pelo lócus da sua biografia sobre o dito "herói". Por isso engaja-se, saindo de seu lugar de conforto que são os romances e indo escrever sobre política e sobre homens da política. Entendendo o papel da arte como um papel que vise transformar a sociedade ou ao menos a leva-la a refletir sobre os processos históricos de seu país.

## II. LUÍS CARLOS PRESTES - O “DOM QUIXOTE” À BRASILEIRA

Prestes estava preso quando o livro foi publicado, pela primeira vez, em 1942. Era considerado o principal líder dos levantes da Coluna Prestes no ano de 1935, com a Aliança Nacional Libertadora (ANL), e também, principal voz do Partido Comunista Brasileiro. Cabe aqui refletir sobre quem é esse personagem e assim dialogar com o representado por Amado no texto "O Cavaleiro da Esperança."

Chegou a acumular prestígio durante sua trajetória política que começa em 1922 com o Levante Tenentista tendo grande repercussão a partir de 1924 que irá percorrer 25 mil quilômetros pelo Brasil sem ser derrotada, conforme nos faz ver Anita Prestes (2006, passim):

A Coluna Prestes durou 2 anos e 3 meses , percorrendo cerca de 25 mil quilômetros através de 13 Estados do Brasil. Jamais foi derrotada, embora tenha combatido forças muitas vezes superiores em homens, armamento e apoio logístico, tendo enfrentado ao todo 53 combates. Os principais comandantes do exército nacional não só não puderam desbaratar a Coluna Prestes, mas também sofreram pesadas perdas e sérios reveses impostos pelos rebeldes durante sua marcha. A Coluna, em seu périplo pelo Brasil, derrotou 18 generais. (Prestes, 2006, p.24)

A Coluna tinha como principal motivo destituir o Presidente Arthur Bernardes que governou em Estado de Sítio por um determinado tempo. Os Tenentes tinham como objetivo substituir Bernardes e assim instituir uma nova estrutura política que pudesse levar em conta algumas reivindicações que, já ali naquele momento, pleiteavam como "O voto secreto", pudesse valorizar e que pudesse moralizar os costumes políticos como afirma Prestes (2006):

O objetivo do movimento era depor o presidente Arthur Bernardes, cujo governo transcorria, desde o início, sob estado de sítio permanente e sob vigência da censura à imprensa. Os rebeldes pretendiam substituir Bernardes por um político capaz de “moralizar os costumes políticos. (Prestes, 2006, p.16)

Amado irá além, vendo a Coluna como um momento que abrirá ruptura na política brasileira da época, ou seja, como um momento que iniciará uma nova forma de pensar o Brasil, já que para ele ao se depararem com os problemas do país os tenentes se revoltarão. Além disso, para Amado a Aliança Nacional Libertadora (ANL) somente foi possível porque a Coluna Prestes existiu:

A Coluna é o maior momento de um Brasil em que busca de si mesmo. Com os problemas diante de si sem saber solucioná-los. Com os homens se revoltando nos quartéis e pedindo apenas a mudança de um presidente. Sem saber ainda como solucionar os problemas. Dos sertanejos se fazendo cangaceiros em vez de se fazerem revolucionários. A Coluna, com sua epopeia imortal, e é o momento de transformação. [...] Os homens, oficiais, soldados e civis, que vinham das cidades, na Coluna se depararam com os problemas do Brasil em carne viva e viram que tinham que procurar solução para eles. Sem a Coluna não seria possível a Aliança Nacional Libertadora em 35. (Amado, 1979, p.97).

Para Pandolfi (2007) o objetivo era derrotar as oligarquias que predominavam no cenário político brasileiro, usando táticas de guerrilha. Deixando foco para o êxito alcançando nesse movimento que daria grande prestígio para Prestes:

O objetivo era percorrer o território brasileiro, fazendo propaganda da revolução e incentivando o surgimento de outros movimentos revolucionários que ajudassem a derrotar o regime oligárquico. Utilizando táticas de guerrilha, a Coluna percorreu aproximadamente 25 mil quilômetros e atravessou 14 estados da federação. Após inúmeros combates com as tropas federais, os revoltosos, no final de 1926, enfraquecidos e com pouca munição, decidiram emigrar. No início do ano seguinte, os 620 sobreviventes, liderados por Prestes, entraram na Bolívia. Devido aos feitos heroicos daquela marcha que aglutinou centenas de homens e mulheres, e enfrentou a repressão das forças governamentais sem ser destruída, Prestes tornou-se um personagem mítico e passou a ser conhecido como o "Cavaleiro da Esperança (Pandolfi, 2007, p. 224)

Esta sociedade oligárquica do qual Pandolfi aponta constituiu-se numa estrutura agro comercial, onde predominavam elites rurais do nordeste e plantadores de café de São Paulo, tal como interesses comerciais importadores. (Dreifuss,1981). Neste caso, o autor definiu a estrutura em questão, da seguinte maneira:

Essa oligarquia formou um bloco de poder de interesses agrários, agroexportadores e interesses comerciais importadores dentro de um contexto neocolonial, bloco este que foi marcado pelas deformidades de uma classe que era ao mesmo tempo "cliente-dominante". Foi sob tutela política e ideológica desse bloco de poder oligárquico e também sob a influência da supremacia comercial britânica nos últimos vinte e cinco anos do século XIX que se formou a burguesia industrial. (Dreyfuss, 1981, p.21)

Essa estrutura de protecionismo ao Café a partir de 1924 passaria das mãos do Governo Federal para o Instituto de Café do Estado de São Paulo e dos outros Estados Produtores (Fausto, 2004, p.422), e essa defesa significava, segundo Fausto (2004), indica que o poder público pretendeu intervir continuamente no problema da superprodução cafeeira. Mostrando como o início da crise do café contribuirá para o enfraquecimento da república oligárquica já em crise com os levantes Tenentistas. Em meados de 1930 com a crise mundial a produção de café sofrerá grande impacto. Conforme nos assevera Fausto(2004):

Em princípio, os importantes estariam interessados na formação de estoques no exterior para especulação futura. Com a crise, sua expectativa havia-se modificado e o esquema fracassou. O abandono do mercado pelo governo federal- apesar de o governo estadual continuar sustentando o café na medida de suas possibilidades- agravou ainda mais a situação. A grande queda na receita de divisas produzidas pelo café(67,3 milhões de libras esterlinas em 1929; 41,2 milhões em 1930) provocou o abalo da taxa cambial que saiu de 5 7/8 dinheiros em 1928/1929 para 4 1/2 d. por mil-réis em 1930. O plano estabilizador ruína por terra.(Fausto, 2004, p.424)

A crise ajudará para o processo de enfraquecimento do regime oligárquico que juntamente com o movimento tenentista dará na chamada Revolução de 1930. Contudo, é

importante pensar que ambos os movimentos apesar de terem cunho revolucionário, não podem ser considerados como o tal. Primeiramente por serem provindos de classes médias e por essas, conforme Pinheiro, jamais terem participado de processo revolucionário no Brasil:

As classes médias jamais atuaram, nem tinham condições para tanto, no sentido de uma transformação radical (o que seu discurso por vezes ilusoriamente poderia fazer crer), mas no sentido de contribuir para a redefinição das alianças políticas dominantes (ou provocá-las), o que eventualmente teve como consequência a ampliação dos limites de sua presença política na sociedade. As classes médias na Primeira República jamais tiveram um desempenho que visasse diretamente o aumento de seu poder no sistema político brasileiro e jamais foram capazes de promover atuação preponderante sempre foi no sentido de compor com as classes dominantes. (Pinheiro, 2004, p.35-36)

Dentro da perspectiva dessa trajetória intelectual, teremos um Prestes que irá vetar com essa lógica ao pensar que a simples mudança de pessoas no poder não levariam a uma mudança profunda dentro da sociedade brasileira, era preciso entender o porquê da situação caótica das pessoas das quais teve oportunidade de ver com a marcha da coluna e assim estudar, motivo do qual se tornará comunista conforme atenta Prestes(2006):

A Marcha da Coluna e o impacto causado em Prestes pela situação deplorável em que viviam as populações do interior do Brasil o levaram à conclusão de que a simples mudança de homens no poder não seria a simples mudança de homens no poder não seria a solução para os graves problemas do país. Distintamente dos seus companheiros da Marcha, decidiu se voltar para o estudo da realidade brasileira, em busca das causas dos graves problemas sociais que afetavam o seu povo. No exílio primeiro na Bolívia, e posteriormente na Argentina e no Uruguai, Prestes daria início aos estudos das obras de K.Marx, F. Engels e V. Lenin. Anos mais tarde, Luiz Carlos Prestes viria a se transformar na principal liderança do movimento Comunista no país. A Coluna Prestes gerara o líder mais destacado da revolução social no Brasil. (Prestes, 2006, p.26)

Pandolfi (2007) atenta também esse processo quando afirma o impacto que obras de cunho marxista, lhes dada por Astrogildo Pereira quando estava exilado, lhe causou, na sua percepção de mundo e de Brasil que o levariam a ser tornar comunista, antes mesmo de ser aceito no Partido Comunista Brasileiro (PCB):

Da Bolívia, após trabalhar numa companhia inglesa de colonização de terras, Prestes seguiu para a Argentina e para o Uruguai, assediado sempre por comunistas latino-americanos. No exílio, exerceu a profissão de engenheiro civil e iniciou as primeiras leituras sobre o marxismo. A obra de Lenin, O Estado e a revolução, marcou-o profundamente. “O impacto causado pelo contato com a miséria durante a marcha da Coluna concorreu para que se sensibilizassem cada vez mais pelas ideias comunistas.” (Pandolfi, 2007, p.225)

No livro Amado recupera o momento de formação marxista, constituindo em sua produção literária um período de estudos e de aprimoramento de sua formação política. Os

anos de 1928 e 1929 foram de intensos estudos voltados a problematizar as condições sociais do povo brasileiro.

Sobre essa experiência de geração, Amado acrescenta:

Esses anos de 28 e 29 são anos de intensos estudos. Prestes se debruça sobre os problemas, sobre os acontecimentos, sobre os livros. Não tem um momento de descanso. Sabe que sobre seus ombros pesa uma responsabilidade enorme. Nele então fitos os olhos do povo brasileiro, até ele chega o clamor do Brasil. É nele que confiam herói aos 30 anos, esperança de seu povo. (Amado, 1979, p. 220)

Alguns Tenentes como Cordeiro de Farias irão romper com Prestes após a escrita do manifesto de 1930, não reconhece a Aliança Liberal como processo revolucionário convidando as massas a participarem de uma construção verdadeiramente revolucionária. Amado constrói esse processo no texto como um movimento de esperança para o povo e irá articular esses acontecimentos para com o processo de construção da Aliança Nacional Libertadora (ANL) de 1935 aonde Prestes será o grande, para Amado:

Agora que à sua frente está o seu general, o seu chefe, o seu líder, o seu Herói. Agora que novamente na frente do povo está Luiz Carlos Prestes. E nas ruas da cidade do Rio de Janeiro, por entre a multidão que se dissolve alegre e entusiasta, um nome fica vibrando, é o próprio coração da pátria: Prestes!(Amado, 1979, p.257)

Podemos dessa maneira então analisar que Amado traça, ainda que numa perspectiva linear e cronológica dos acontecimentos, para construir uma interpretação acerca de Prestes como “libertador” e como um condutor para a “revolução” de cunho marxista. Assim, enxergou a Aliança Nacional Libertadora (ANL) como principal momento dessa caminhada revolucionária que acontece desde seu nascimento em 1935, como Prestes fosse predestinado a “libertar” a nação brasileira das oligarquias, da opressão e da diferença de classes.

É que os dias de 35 foram apenas a madrugada do dia da liberdade. Dia próximo amiga, quando esse prisioneiro rebentar as cadeiras, as suas e as do povo, dia em que Luiz Carlos Prestes trará novamente o sol para o Brasil e terminará com a noite da desgraça. O povo sabe amiga que o destino do Brasil não pode ser escrito pelos traidores. Não mão do povo, nas mãos de Prestes, está escrito o destino da Pátria. (Amado, 1979, p.270)

Apesar da derrota da Aliança Nacional Libertadora (ANL) que justificaria a implementação do Estado Novo e a perseguição política a intelectuais, funcionários públicos e inimigos do governo com a Alegação de "Comunistas", a ANL produziu possibilidades para pensarmos a história do Partido Comunista, de Prestes e Olga Benário, e de seu poder de mobilização diante dos trabalhadores. Amado participa ativamente desse movimento e assim como muitos é perseguido e preso (Prestes, 2008, passim).

Seu desdobramento intelectual para resistir ao regime e se engajar em prol da ideologia partidária, onde dessa forma se destacará fundamentalmente pela produção de duas obras. A primeira é o ABC de Castro Alves onde, ao expor a vida do poeta, almejava resgatar uma literatura “vendida” com exceções de alguns intelectuais como Raul Bopp e Pedro Motta Lima. No entendimento de Amado os demais estavam atrelados à ditadura do Estado Novo.

Podemos, de certa maneira, entender então que, Amado ao construir a sua narrativa propõe construir um imaginário político que rompa com o convencional naquele contexto imposto pela ditadura e, por isso, se engaja, mas não se conforma com o seu desenvolver não contextualizador de problemas sociais, que ele na condição de Comunista, mas, sobretudo intelectual, não pode deixar de questionar e debater, conforme Abdalla Junior(2007) aponta:

O engajamento efetivamente dialético não se conforma como vimos, a sistemas fechados. Por sua natureza contraditória, o sistemática da apropriação dialética traz em si a sua negação e esta, nos escritores literariamente engajados, vem do impulso anti-sistemático de suas estratégias discursivas, onde constroem um imaginário político-literário como formas que tendem a, procurando, deslocar o estático, o convencional, o estereotipado. (Abdalla Junior, 2007, p.270)

Algo que será desenvolvido nessa narrativa através da construção de Prestes que chama de "herói", pois através dessa construção metodologicamente tentará resgatar uma memória que foi apagada pelo Estado Novo e assim educar para instituir uma nova história, novos caminhos. Conduz-nos a pensar de que forma ele constrói esse texto.

Como me senti necessidade de escrever uma biografia de Castro Alves, da mesma maneira achei que era meu dever de escritor, perante o povo do Brasil, escrever uma Biografia de Luiz Carlos Prestes. Esses parênteses que faço no meu trabalho de romancista para escrever a biografia de um Herói e a de um poeta eu o encontro sumamente honroso para mim. Ontem, no Brasil em efervescência, o povo se levantando, lutando e construindo a revolução, estava muito bem que eu me preocupasse apenas com as figuras de romance que simbolizavam a luta, o sofrimento, a vida do povo. “Hoje, quando o nazismo sangrento e assassino ameaça a própria existência de nossa Pátria, achei que devia falar para o povo sobre as figuras que ele produziu e que nunca foram sufocadas, as que construíram liberdade.” (Amado,1979, p.15)

Na introdução do livro, Amado deixa claro que sua intenção se alinha ao livro ABC de Castro Alves, pois continua a criticar os autores de seu tempo e a venda da arte para o Governo. Analisar a vida de Prestes numa perspectiva de Maquiavel, pois se sustenta em expor a *virtú* e a fortuna que cercam a trajetória do "O Cavaleiro da Esperança." e como ao se apropriar disso o mesmo se capacita para ser o “herói”, ou, no caso, o "Príncipe das massas”.

Esse movimento nos ajuda a refletir sobre a maneira com que constrói o livro e como se volta para o passado, aonde a luta pela democracia ou a democracia imposta assimila-se como exemplos para o contexto atual e que os nomes do passado são iniciadores do que Prestes após ser solto continuaria, no presente, construindo assim um futuro sustentado em duas nuances, que são a democracia e a liberdade, que dará em outro caminho de intenção do livro que é militar em prol da anistia dos presos e perseguidos políticos vindos de 1936.

Por dentro do livro de Amado, sua família geralmente aparece como digna rejeitadora de favores da nobreza e próximas de questões sociais e políticas, como Dona Leocádia sua mãe, que, aliás, influenciará profundamente na vida e na formação de sua personalidade. Todavia vale lembrar que o "Menino Pobre" nome do primeiro capítulo foca em mostrar a pobreza e dificuldade enfrentadas por aquela família, algo muito previsto na primeira república, tal como a dificuldades para os estudos e o preconceito sofrido na sua formação militar, destacando o episódio no qual "Mesmo sendo supostamente o mais inteligente da sala" não tinha esse mérito devido a ser pobre.

Aqui Prestes é representado como o jovem que já entende a pobreza e a desigualdade social e assim vai sendo moldado a pensar nessas questões, que provavelmente influenciarão no levante de 1922, do qual participou ativamente, e nos sucessivos. Amado dialoga com seu leitor traçando uma linha predestinaria da figura do Cavaleiro da Esperança, como um "ungido" nascido para libertar o povo brasileiro. Ao usar exemplos de nomes que representam a luta social, o compara aos Garibaldi e também ao Negrinho do Pastoreio figura mítico da história do Rio Grande do Sul. Vale lembrar também como a Escola Militar de Realengo na qual estudaria e na qual Benjamin Constant também passou.

Comentado por Amado como o grande produtor dos ideais democráticos que Prestes iria continuar, é vista como o lugar que se celebraria a revolução que o "Cavaleiro" iria causar, por ser o lugar "da luta" e da formação de "lutadores".

Amado vai criando pertencimento e representações a lugares, pessoas e momentos da história do Brasil e assim dando possibilidades ao leitor de instituir sentidos que o integrem ao processo história que Amado pleiteia introduzir e, assim, desconstruir outra leitura da história que estava posta pela oficialidade do Varguismo. Dessa forma revelando o seu engajamento de transformar a realidade na qual vive e cada vez mais as suas táticas de impor rupturas ao regime sólido fascista que estava posto.

Essa Escrita próxima do popular nos aproxima da concepção de "Romance de Massa" onde "O Cavaleiro da Esperança" está incluso, que tinha em seu cerne Marxista discutir



problemas sociais se diferenciando assim do termo "Cultura de Massa" que é um fenômeno posterior conforme nos informa Machado(2006):

A expressão romance de massa, que Amado usa mais de uma vez, não se referia ao que hoje englobamos pelo termo cultura de massa, um fenômeno muito posterior. Mas tinha a ver com a noção marxista de massa, e com a vontade de discutir problemas sociais a que uma mesma classe estava sujeita em diferentes contextos nacionais. Mais que isso, também implicava o desejo de escrever para muita gente. (Machado, 2006.40-41)

Amado então irá construir a sua narrativa num âmbito que Machado(2006) conceituará como "populismo literário" que visava dessa maneira ampliar o público propondo uma narrativa diferenciada dos outros escritores de seu tempo como aponta:

Um caminho possível e tentador, talvez o mais óbvio, era o populismo literário-um certo barateamento da linguagem e das situações narrativas, de modo a poder ampliar o público por meio de um nivelamento por baixo, atendendo a quem não seria considerado capaz de entender eventuais recursos mais complexos que porventura viessem a ser utilizados por escritores.(Machado, 2006, p.42)

Parâmetro desenvolvido por Amado durante o processo de construção do livro "O Cavaleiro da Esperança" que pode ser percebido se compararmos ao que será apontado por Abdalla Junior(2007) quando problematiza a forma de escrita de Amado e a maneira com que dialoga com o "popular" ao construir um discurso que não problematize diretamente questões dialéticas, mas não modifica as estruturas do pensamento que defende visando assim formar politicamente ao educar os que o leem:

Jorge Amado partiu nesse sentido, de *patterns* românticos comutando, por exemplo, pátria/revolução, família/partido, amada/ sociedade. É uma atualização eficaz no sentido de atender ao gosto popular e à imediaticidade da operação comutativa: o discurso, nesse sentido, satisfaz, possui legibilidade e consegue a adesão de uma faixa mais ampla de leitores. Não modifica, entretanto, suas estruturas de pensamento mais profundas. Em termos referenciais, idealiza a realidade e a ação revolucionária, desconsiderando a própria complexidade de uma aplicação autêntica do método dialético. Nesse sentido, sua organização textual segue uma lógica mais positivista, sem problematizações dialéticas. (Abdalla Junior, 2007, p.174 e 175)

Essa perspectiva se constrói devido a perspectiva engajada que o texto de Amado carrega trazendo uma metodologia que Abdalla Junior (2007) irá expor que referenciada ao Livro "O Cavaleiro da Esperança" poderá exemplificar a forma com que Amado faz questão de dialogar com vários momentos da história do Brasil e apontar personagens não comunistas, mas parceiros de Prestes num ideal comum que é a liberdade:

O texto literariamente engajado procura, pois, alinhar-se às descodificações dos leitores, fingido submeter-se a elas, para marcá-las com sua dialética subversiva, tendo em vista reciclá-las. (Abdalla Junior, 2007, p.277)

Portanto esse engajamento se dará em torno da construção heroica já desenvolvida pelo autor em outras obras, mas consolidada na figura de Prestes em "O Cavaleiro da Esperança" por ser tratar de um homem real que carrega consigo ideais do "povo" e, em relação a isso, Machado(2006) constrói esse herói:

O herói de Jorge Amado é um homem ou mulher que diz não, um rebelde que não admite os mecanismos repressores da sociedade. No entanto, apesar dos fortes modelos do romance proletário, a lhe sugerir ações de inconformismo dentro de um quadro de militância sindical ou partidária (que, no fundo, também integrariam estruturalmente o operário no complexo produtivo da sociedade organizada), é inegável que toda a grandeza dos personagens amadianos escapa para uma ação na periferia social (Machado, 2006, p.74)

Essa unidade em torno da concepção de herói se concretizará em "O Cavaleiro da Esperança", pois Prestes é o herói, Cavaleiro, que libertará para sempre o povo. Amado não esconde isso já que na introdução da obra aponta que não seria um texto frio, mas sim um texto para mostrar as qualidades de Prestes. E isso se dá devido:

O autor não observa o povo brasileiro de longe e de cima, cheio de interesse, anotando com cuidado para depois registrar ou reinventar essa linguagem em seu texto. Pelo contrário, o campo onde ele se situa é o mesmo de seus personagens. (Machado, 2006, p.44-45).

É importante salientar os grandes indicies de Analfabetismo apontados na época, contudo o autor para Machado (2006) já rompia com essa concepção conseguindo se sustentar como escritor "popular" devido sua própria obra, conforme aponta Machado:

Atingir e manter tal popularidade numa sociedade predominantemente analfabeta não é pouca coisa. Nem tampouco algo que se consiga( e se sustente por tanto tempo) meramente pelo apoio de fatores externos, sejam, ou não situados na esfera da disciplina ideológica, promoção pessoal ou apelação comercial. Por mais ambicioso que pudesse ser semelhante programa de conquista de público, e por mais que se amparasse em eficientíssimas técnicas de conquista de mercado, ele jamais encontraria uma receptividade com essas dimensões e duração se não tivesse algo por dentro a sustentá-lo- a própria obra.(Machado, 2006, p.29)

Nesse caminho é que o autor irá pensa a importância que significou a produção de uma obra como "O Cavaleiro da Esperança", em um determinado período histórico do qual a perseguição e a produção de cultura que valorizasse a Ditadura do Estado Novo eram feitos em grande escala. Postulou-se como intelectual que combateu ao Silêncio imposto pelo Varguismo através do engajamento em torno da Obra "O Cavaleiro da Esperança"

Por isso na introdução da primeira Edição do livro ele aponta os diversos modos de circulação do texto e da sua importância na luta contra o Nazi-Fascismo "*Houve quem vivesse*

*do aluguel de exemplares. Na luta pela anistia, pela democracia e contra o Estado Novo, mas principalmente contra o fascismo, este livro foi uma arma.* " (Amado, 2011, p.11)

E essa narrativa tem êxito formativo e educador quando ao dialogar com o leitor, possibilita a ele a "construir" visões críticas sobre a sua realidade e sobre os problemas pelo qual passa no seu cotidiano, algo que é feito com grande intensidade em "O Cavaleiro da Esperança", e que Freitas (1999) pontua:

De modo que se está diante de um mundo ficcional no qual descrições, ações, espaços e personagens parecem ganhar sentido à luz de dois objetivos específicos: de um lado, servir como evidências das desigualdades socioeconômicas e da violência que afligem a vida dos explorados; de outro, enfatizar os aspectos da realidade social através dos quais os indivíduos são percebidos como expressões de coletividades ou grupos dominados mais amplos. É possível afirmar então que o herói de Jorge Amado só adquire tal *status* quando seus atos coincidem com os desejos e as reivindicações da classe à qual pertence. (Freitas, 1999, p.26)

Este procedimento pedagógico e engajado é também orgânico porque Amado sai do seu lugar comum, que é a escrita, e vai discutir política. Ainda que a principal entrada seja a construção politizadora em suas narrativas este está dialogando com a sociedade em suas atividades políticas no qual seu livro dá ênfase.

Estas são a participação na Aliança Nacional Libertadora (ANL), do qual se coloca como "soldado" nas redes de intelectuais, onde estará disputando espaço político e, também, na imprensa, como em 1945, quando durante um tempo terá uma Coluna na "Folha da Manhã" chamada de "Conversa Matutina", onde discutirá várias questões políticas.

É importante salientar também a atividade de Amado como Cronista de Guerra também nesse período. O que para Vieira (2008) se configurara na estratégia da qual os intelectuais se valem quando atuam como agentes políticos:

Os intelectuais são analisados na obra de Gramsci como agentes políticos determinantes, isto é, como estrategistas responsáveis pelas funções de domínio e de direção cultural. Nesse quadro analítico não é a sociologia do conhecimento o saber que confere centralidade aos intelectuais na cena política, mas sim a ciência e a arte política. (Vieira, 2008, p.76)

Segundo Vieira(2008), então, a produção intelectual não se encerra na produção do saber científico ou artístico, mas sim num movimento de organização da cultura e direcionamento das instituições através desse movimento intelectual que também é político.

Nesta perspectiva, podemos apreender que Amado ao produzir "O Cavaleiro da Esperança" não se interessa somente com o leitor, mas sim com o rumo que as instituições brasileiras estavam tomando, com os rumos que a intelectualidade brasileira estava tomando

ao produzir cultura que privilegiava um regime de exceção, convidando ao seu leitor a pensar sobre a necessidade de rompimento com essa matriz e da reorganização das instituições brasileiras e da produção intelectual no Brasil.

Esse pensamento “orgânico”, também pode ser entendido como pedagógico, já que Amado educa politicamente o seu leitor, ao participar desse processo que esta em construção, algo que Gramsci também nos dará norteamento:

O trabalho intelectual em Gramsci não se esgota na produção do conhecimento científico, artístico ou filosófico, de maneira que a disseminação do saber, os processos de organização e de direção das instituições e dos movimentos sociais são considerados, também, facetas desse processo de organização da cultura. As sociedades complexas e a cultura nos marcos do industrialismo demandavam a divisão do trabalho e, por consequência, a especialização dos quadros envolvidos na esfera cultural. Trata-se, portanto, de uma concepção que amplia o conceito de atividade intelectual, bem como reorienta a relação entre política e cultura. (Viera, 2008, p.76)

Amado é um intelectual comprometido com as classes subalternas e esta em oposição continua ao regime hegemônico burguês representado por Vargas, lutando dentro do seu campo e fora dele, para instituir politicamente suas ideias, podendo assim provocar possivelmente nos que o "lerem" o desejo de compartilhar de suas crenças e também de politizarem aos demais. Isso é construindo através da figura de Prestes que também é visto como o próprio "Brasil" dentro da “Obra” por Freitas:

O escritor descreve Prestes como se descrevesse o próprio Brasil, e como se as próprias aspirações do povo brasileiro estivessem encarceradas. O “Cavaleiro da Esperança”, como ficou então conhecido, foi tratado como símbolo maior de um protesto contra a “noite” e o obscurantismo da ditadura varguista. Contudo, a biografia também dava forma a uma série de reivindicações favoráveis ao retorno do país às liberdades democráticas que ganhavam fôlego naquele período, junto com as pressões para que o governo ingressasse na Segunda Guerra Mundial, entrando no combate ao avanço hitlerista sobre a Europa. (Freitas, 2009, p.29)

Concordo com Freitas, pois esse aproxima o trabalho de outra nuance que o autor como Comunista irá denunciar, militar e tentar aproximar o povo da causa, que era a luta contra o Nazi-Fascismo, que aqui no Brasil se refletia no integralismo, que no livro atacará veementemente.

De toda forma concluo acreditando que Prestes foi o caminho de sonhar com a liberdade para os Comunistas perseguidos, algo que também é revelado em outra obra de Amado "Os Subterrâneos da Liberdade" onde relata esse período obscuro para os Comunistas. Esta escolha aparentemente se dá pelo prestígio acumulado de Prestes e ainda pela dificuldade do Partido Comunista Brasileiro de dialogar intensamente com as massas.

Prestes era o grande nome que conseguia movimentar o Partido através de sua imagem. Se esse movimento foi correto ou não, não cabe aqui refletir. O que cabe é problematizar de que maneira esse trabalho consegue mostrar um período histórico de exclusão, de perseguição e morte que até hoje ainda é complexo de relatar e trabalhar. Por isso podendo através desse livro perceber esse aparato pedagógico amadiano, que dará ao leitor uma arma para politizar e conscientizar em prol da libertação das correntes impostas pela ditadura de Getúlio Vargas.

Alguns conceitos trabalhados no livro são pertinentes para problematizá-lo e justificá-lo como uma narrativa disposta a discutir questões sociais e a combater o regime de exceção que estava posto.

Para isso me apoio num aporte teórico valendo-me de uma discussão de vários textos que li, que me possibilitará entrar no livro e tirar dele possibilidades epistemológicas que permitam interpretar o movimento feito por Amado na construção do "herói" Prestes. (Starobinski, 1988) ao problematizar a literatura como objeto de pesquisa irá nos dizer.

Ter respeito pela obra é nela observar, juntamente, a sua finalidade intencional e a sua forma objetiva (a sua estrutura material). É para fazer justiça a esse duplo aspecto da obra que a crítica deve, ela própria, possuir uma dupla capacidade: conhecimento instrumental e animação finalista, todas as duas capazes de enfrentar a presença da obra, sem com ela confundir-se. O aspecto instrumental da crítica corresponde ao aspecto material da obra; a animação finalista da crítica corresponde à finalidade da obra, que ela não se contenta em perceber e registrar. (Starobinski, 1988, p.137)

A contribuição de Starobinski (1988) para pensar a obra "O Cavaleiro da Esperança" se constitui em problematizar a forma como Amado analisa profundamente a vida de Prestes começando a sua narrativa desde seus familiares buscando assim criar uma seriedade diante da sua pesquisa que não quer só ser ficcional, mas também histórica. Dessa forma cabe ao trabalho analítico perceber o aprofundamento do autor e seus atributos teóricos e metodológicos.

Amado se usa para a construção dessa obra. E esse movimento em muito se dá pela história oral, através de entrevistas com pessoas que conviveram com Prestes. Conforme aponta Anita Prestes no posfácio do livro "O Cavaleiro da Esperança" de 2011:

Para escrever a obra, Jorge Amado correspondeu-se com Leocádia e Lygia Prestes, no México, e consultou amigos e correligionários do biografado. A edição Argentina continha apêndice com documentos sobre diversos momentos da vida de Prestes, um mapa do Brasil com o traçado da Coluna Prestes e algumas fotos de Prestes, de seus familiares e de combatentes da Coluna. Adotando estilo semelhante ao empregado na biografia de Castro Alves, escrita um ano antes, o autor se dirige permanentemente a uma leitora imaginária, a

quem chama de “amiga” e também de “negra”, com o intuito de falar diretamente ao povo brasileiro, apelando aos leitores para que assumam posição na luta pela democracia e pela liberdade. Jorge Amado escreve que “este não é nem pretende ser um livro frio”, mas uma obra escrita “com paixão, sobre uma pessoa amada”. Trata-se, pois, de uma biografia romanceada do Cavaleiro da Esperança, que como tal deve ser hoje apreciada e inserida, portanto, no momento histórico em que foi produzida. (Prestes, 2011, p.373)

O discurso de Amado e a maneira com que conduz a narrativa sobre Prestes construindo então um "herói" adequado para conduzir o processo revolucionário e assim produzir representações em torno do leitor, dando a ele possibilidades de pensar a sua realidade e os problemas que a circulam, podendo atuar nos processos que o autor no texto tecerá como revolucionários, nos aproximam do trabalho de Orlandi (2005) e sua “Análise do Discurso”:

A Análise do Discurso visa compreender como os objetos simbólicos produzem sentidos, analisando assim os próprios gestos de interpretação que ela considera como atos no domínio simbólico, pois eles intervêm no real sentido. A Análise do Discurso não se estaciona na interpretação, trabalha seus limites, seus mecanismos, como parte dos processos de significação. Também procura um sentido verdadeiro através de uma "chave" de interpretação. Não há esta "chave", há método, há construção de um dispositivo teórico. Não há verdade oculta atrás do texto. Há gestos de interpretação que o constituem e o que analisa, com dispositivo deve ser capaz de compreender. (Orlandi, 2005, p.26)

Com esse aparato apontado por Orlandi (2005) podemos mergulhar dentro da obra pensando o que é dito de forma literal, o que não é dito e o que o autor deixa para o leitor problematizar por si mesmo no processo de leitura. Amado trabalha com duas perspectivas diretas. Primeiramente com a crítica da literatura de seu tempo a taxando como vendida e entreguista, ou seja, problematiza a compra e venda de intelectuais que Velloso (2003) apontará como produtores de cultura para a sustentação do regime do Estado Novo, que Capellato (1999) reafirmará, mas explanará que não houve unidade e por dentro do regime sempre houve aqueles que tentavam romper com o que estava posto, e resgatando a fala de Amado podemos perceber:

E concluí que este livro pode ser também o melhor elemento de combate ao golpe, à luta inglória e sangrenta pelo poder. A própria evolução dos fatos aqui narrados mostra e prova que neste momento estamos longe daqueles dias de pura miséria moral sobre o país. Que deles saímos para a manhã da liberdade e da democracia. O Governo que vinha da noite do Estado Novo desembocou na guerra contra o Eixo, na participação direta e ativa na luta contra o fascismo. (Amado. 2011.p.13)

Um segundo caminho que Amado sustenta na obra é a luta pela anistia dos presos políticos que se arrastava desde 1936, visando assim popularizar o que acontecia nos bastidores do Estado Novo. Todavia sabemos que isso tomou outras proporções acabando por ser tornar numa clara declaração de combate ao Governo Vargas pelo olhar do principal nome que poderia representar resistência, Prestes que se encontrava preso, algo que levou o autor a temer a publicação em 1945 e assim mudar algumas coisas da edição de 1942 conforme ele mesmo aponta no prefácio da primeira Edição da obra:

Refleti muito antes de entregar os originais aos meus editores. Preocupava-me a possibilidade desse livro ser explorado demagogicamente contra figuras do governo e, em particular, contra o sr. Getúlio Vargas. Explorado pelos elementos golpistas que fazem no momento que escrevo a pregação de uma saída violenta e perigosa da crise atual. É claro que minha posição de escritor de esquerda é absolutamente antigolpistas, é pela Unidade Nacional, é pela saída pacífica da crise através de um governo de coalização nacional que presida eleições livres e honestas. É claro também que, desde 1942, quando apresentei-me com vários companheiros exilados às autoridades brasileiras para colaborar no esforço de guerra contra o nazismo, modificou-se profundamente minha posição ante o governo brasileiro. É que a posição política deste governo igualmente muito se modificara... E nós, homens de esquerda, não sujeitamos nossa linha política a ódios pessoais e a ressentimentos individuais. Nossos compromissos são com o povo e com princípios que servem o povo. (Amado, 2011, p.12)

Portanto podemos pensar sobre o que não está dito dentro do texto “O Cavaleiro da Esperança”. O que não está dito é a construção de um caminho para a Revolução Marxista de cunho soviético a ser implementada no Brasil através da trajetória e prestígio de Prestes como "Herói" Isso fica claro em várias partes do texto onde Amado apresentará a Revolução Russa articulada com o desejo de Prestes e a sua luta.

Prestes marchou esses anos ao lado do povo soviético, vivendo sua vida, aprendendo dele, ajudando-o no que podia. Seja como engenheiro, construindo edifícios, seja como militar, estudando o Exército vermelho, seja como técnico descobrindo sabotagem, seja como simples criatura humana, o primeiro que era a se apresentar nos subtonkspara os trabalhos de benefício público, nas horas extras e não remuneradas. Quando os demais voluntários chegavam, alegres de poder prestar mais colaboração à construção da vida soviética, já encontram Prestes, o herói lendário da América, o membro da Executiva Internacional, a remover detritos dos poços do metropolitano em construção a selecionar batatas nos grandes frigoríficos, a separar material velho nas construções. Feliz, em meio à alegria ambiente. Assim é ele, amiga, Luiz Carlos Prestes." (Amado, 1979, p.233)

Amado em sua construção almeja criar uma relação de pertencimento entre a União Soviética e o povo brasileiro, tal como as suas lutas e a sua cultura, tendo em Prestes o consolidar desse movimento intelectual orgânico, configurando assim numa tentativa de internalizar no leitor uma visão "positiva" na perspectiva de superar o anticomunismo imposto no país da União Soviética e assim através da figura de Prestes detentor de prestígio propagar

os ideais marxistas na sociedade brasileira.

Também a pesquisa de Chartier (2002, passim) que contribuirá para pensarmos que o processo de produção por mais complexo que seja e impute valores a históricos a um texto produzindo práticas culturais e históricas em torno dele.

Ao contribuir em seu texto, Chartier (2002) ressignifica o mundo como representação:

Os autores não escrevem livros: não, eles escrevem textos que outros transformam em objetos impressos à distância, que é justamente o espaço no qual se constrói sentido- ou os sentidos-, foi esquecida com demasiada frequência, não somente pela história libertária clássica, que pensa a obra em si mesma como um texto abstrato, cujas formas tipográficas não importam, mas também pela *rezeptionsästhetik* que postula, apesar de seu desejo de historicizar a experiência que os leitores têm das suas obras, uma relação pura e imediata entre os "sinais" emitidos pelo texto- que jogam com as convenções literárias aceitas- e o "horizonte de expectativa" do público ao qual são endereçadas. Em tal perspectiva o "efeito produzido" não depende absolutamente das formas materiais que sustentam o texto. No entanto, elas também contribuem plenamente para modelar as antecipações do leitor face ao texto e para atrair novos públicos ou usos inéditos. (Chartier, 2002, p.71)

Assim, a leitura em Chartier (2002) nos remete a problematizar o contexto histórico que cerca a publicação desse livro. Provindo de um autoexílio de Amado que era perseguido pelo regime do Estado Novo, tal como de uma produção que era proibida, o fato de escrever um livro sobre um cidadão brasileiro em outro país, em outra língua já dão possibilidades de múltiplos significados para o leitor que se apropriar dessa obra.

É importante também salientar a circulação clandestina dentro do país entre 1942 e 1945, ano de publicação do livro do Brasil e ano de fim do Estado Novo revelando esse viés da censura diante do livro. Ou seja, o livro alcança uma dimensão que vai além do trabalho de escrito do texto e de edição desse texto, essa lógica se dá nas possibilidades de pensar esse livro "O Cavaleiro da Esperança" e suas práticas culturais, problematizando os seus usos e desusos e as suas interpretações e quanto a isso a fala de Anita Prestes (2011), nos ajuda um pouco a refletir sobre a produção de cultura política que a obra terá no momento em que chega as mãos dela ao relatar seu uso e de outros jovens brasileiros e estrangeiros do livro "O Cavaleiro da Esperança"

Sou testemunha de que várias gerações de jovens brasileiros, e também estrangeiros, tornaram-se revolucionários e aderiram ao comunismo, ingressando muitas vezes nos partidos comunistas dos seus países, sob o impacto provocado pela leitura da biografia de Luiz Carlos Prestes escrita por Jorge Amado. Em Portugal, durante a ditadura de Salazar, ele era leitura obrigatória dos militantes do Partido Comunista Português, para os quais a vida do Cavaleiro da Esperança – sua coragem, dignidade humana e dedicação sem limites à causa revolucionária – tornaram-se um exemplo a ser seguido por todo comunista. (Prestes, 2011, p.374)



Com o escritor temos um panorama aprofundado desses possíveis usos e desusos que uma obra pode ter quando ela é escrita, dando assim ao leitor o espaço para construir sentido ou sentidos e pelos sinais emitidos pelo texto. A contribuição do autor para este trabalho se dá ao articulamos sua fala com a intenção proposta por Amado em sua obra que é:

Falo agora de Luiz Carlos Prestes, trago para junto do povo a sua figura de Herói, nascida do povo e na frente do povo. Um exemplo para todo o Brasil. Por maior que possa ser a sujeira sobre a ditadura, a dignidade de Prestes, por si só, é suficiente para lançar uma luz sobre esse charco, uma luz de esperança. Quando o povo do Brasil vê uma geração de homens se entregar, nada melhor que mais uma vez apontar para Luiz Carlos Prestes. (Amado.1979.p.16)

Dessa forma ao atentarmos para o objetivo de Amado e da fala de Chartier conseguimos visualizar o leitor e possibilidades que esse texto possa ter para ele tanto quanto as intenções produzidas por Amado para produzir significações para o “dialogar com o texto”, tornando-o um processo vivo, e na perspectiva do autor, também pedagógico superando a visão abstrata de se pensar o livro e a leitura. Através do engajamento e das estratégias que nele se postula, Abdalla Junior (2007) irá apontar:

O "novo" das literaturas engajadas coloca-se contra as formas rituais, em função da construção de novas articulações textuais Um novo que se pretende em processo e que permite a invenção do sujeito (emissor/destinatário) na práxis da escrita/leitura. Um novo dialético que desarticula, num sentido, o pretense estado “de natureza” das palavras, soldadas a formas passadiças e, noutra, /re/ constrói o desarticulado em novas bases. (Abdalla Junior, 2007, p.273)

Portanto em torno desse papel de literatura que desconstrói o seu papel de arte divina conforme Amado desenvolve em "O Cavaleiro da Esperança" e conforme o autor Abdalla Junior (2007) nos aponta, voltamos a nos apropriar da ideia dele para poder problematizar outra frente desse trabalho, que é a frente formativa e produtora de cultura e, referente a isso, Gonçalves Filho(2002) nos traz:

A literatura se transforma hoje em múltiplos espelhos ao refletir os múltiplos espelhos do mundo. O problema é que são espelhos partidos. Ela tornou-se "obra aberta" ao trazer o leitor para o seu centro e abrir-se para uma infinidade de leituras e interpretações. Faz do leitor o parceiro-cúmplice de suas mensagens e loucuras e realiza o papel de uma pedagogia revolucionária ao "permitir" que o leitor tire suas próprias conclusões. (Gonçalves Filho,2002, p.102)

Aqui, se dialogarmos com a obra "O Cavaleiro da Esperança", teremos claramente uma postura próxima de Amado, já que seu objetivo, ao revelar a vida do herói e ganhar as pessoas para a sua causa, e a resistência ao regime.

Em torno dessas questões o que se torna pertinente argumentar na obra "O Cavaleiro

da Esperança" para pensar as representações em torno da figura de Prestes? Uma questão que não pode ter resposta, já que um texto como já pontuado, se limita a diversas possibilidades de construir sentidos, contudo conforme apontou Starobinski (1988) e Orlandi (2005) uma leitura atenta em torno de questões importantes trabalhadas na obra são cruciais para problematizar o engajamento intelectual de Amado diante do contexto de ditadura e repressão.

Esta construção representativa em torno da figura de Prestes se configura num relato fervoroso de Amado em torno de uma necessidade política. Em meio à forte resistência implementada pelo regime ditatorial.

Se apropriar do prestígio de Prestes é a possibilidade de se manter militando em prol da causa partidária do PCB e também de trazer para o partido muitos que se mobilizavam devido à confiança na figura de Prestes que estaria somente num segundo momento, por imposição do Partido Comunista Internacional. Portanto é importante salientar a política do Partido a partir de 1929 que irá nortear os modos operandis no contexto de produção da obra "O Cavaleiro da Esperança" conforme nos aponta Gomes Vianna(2007)

No início de 1929, a Internacional Comunista, por uma resolução de seu VI Congresso, realizado em julho de 1928, voltou sua atenção para a América Latina. Nessa ocasião já se havia iniciado na URSS o período chamado de stalinista, período de abastardamento do marxismo e de grande sectarismo. Para ajustar as resoluções do VI Congresso à região, realizou-se em Buenos Aires a Conferência dos Partidos Comunistas da América Latina e Caribe, de 1º a 12 de junho de 1929, que traçou novos rumos para os comunistas da América Latina. A IC reafirmava o caráter de país semicolonial do Brasil, condenava qualquer aproximação com as forças da pequena burguesia e pregava o fortalecimento bolchevique dos partidos, através de uma política de proletarização dos seus quadros.(Gomes Vianna, 2007, p.334)

Política esta que chegará a perspectiva de formação do próprio Prestes *"Foi esse marxismo que marcou a reformulação do PCB e chegou a Prestes: uma vulgata dogmática, mecanicista e evitada de subjetivismo."* (Gomes Vianna, 2007, p.336)

A atividade intelectual de Amado se dá em construir um discurso que revele através da trajetória de Prestes, Um Brasil que precisa ser salvo e conduzido para melhorias. Brasil este acometido por doença, miséria e completo esquecimento dos governantes, ainda que seja importante salientar os diversos ganhos, muitos de ordem trabalhista, conseguidos pelo Estado Novo que deixaram até hoje um legado para o nosso país.

Várias possibilidades interpretativas podem ser construídas em torno das de "O Cavaleiro da Esperança". Contudo o foco pontuado por Amado(1979) é lutar em prol de abertura política e de instituir, através de uma pedagogia da ação, por ideais revolucionários. Preparando uma resistência em prol de organizar, informar e educar os trabalhadores como

aponta a visão Gramsciana (2008) para criar uma nova forma de domínio e de direção política, primando num primeiro momento e a abertura política democrática e o segundo caminho a revolução. (Vieira, 2008)

Em “O Cavaleiro da Esperança”, Amado nos convida a caminhar com Prestes desde o seu nascimento, percebendo suas lutas, sua dignidade, vitórias e entrega a causa social e aderimos à necessidade de lutar pela sua soltura e nos engajamos a querer participar do processo de instituição de novos caminhos para o povo brasileiro.

Prestes então para Amado pretende ser o "Dom Quixote Moderno", pois virá liderando as massas, as formando, politizando, as libertando, tratando-as como iguais, pois nasce delas e entende suas demandas. Terra, comida e direitos sociais. Lutando pela igualdade do povo, igualando-os, colocando fim aos poderosos e dando consciência aos demais.

Amado então almeja superar a concepção antiga de ser entender o pensamento, ou seja, pensar e teorizar sobre ele sem problematizar as relações dos povos, suas dificuldades e dessa forma tentar superá-las. Ainda que use a figura de um "herói mítico" criado pelo povo brasileiro, a cerne da obra "O Cavaleiro da Esperança" tem como objetivo propor uma práxis que leve a revolução e a mudança das Superestruturas econômicas no Brasil.

Ainda que entenda que seja necessário que Prestes seja o guia do povo nesse processo de libertação, sua discussão na obra vai além, entendendo o Partido Comunista como parte importante da organização das massas e a conscientização de todo povo o brasileiro, entendido por ele como intelectuais, a chegarem a esse entendimento e assim a agregarem a sua luta.

A biografia da vida de Prestes trata-se então de uma estratégia Pedagógica de formar politicamente o povo, trazendo todas essas questões para o âmbito popular. Sua perspectiva também histórica se dá num movimento de resgatar a vida do dito "Cavaleiro da Esperança" e assim lutar contra os apagamentos propostos pelo Governo e os intelectuais atrelados a ele.

Essa Pedagogia da Liberdade tem como objetivo trazer para as massas a possibilidade de refletirem sobre um pensamento ativo de ação política. Os feitos de Prestes apresentado como "Menino Pobre" e injustiçado em toda a sua formação, como um lutador que em vários momentos da sua vida vai liderar processos de tentativa de liberdade, tem como desejo, também, produzirem um pensamento de união das massas para com o ideário da revolução.

Essa imagem retrata um dos momentos pós libertação de Prestes em 1945. Da esquerda para direita, o poeta Pablo Neruda, Luís Carlos Prestes ao centro e o escritor Jorge Amado.



Fonte: Amado,2011

### III. O CAVALEIRO DA ESPERANÇA- DE FORA PARA DENTRO DO TEXTO

Para desenvolver esse capítulo um levantamento realizado em jornais e artigos sobre o tema, busca de acervos e comentários em livros foi feito visando encontrar notícias sobre o livro ou indícios que pudessem problematizar essas questões em torno da obra, de possíveis comentadores, tal como informações sobre a sua circulação.

O ponto inicial para o desenvolvimento dessa pesquisa se deu no levantamento de documentos feitos na Fundação Casa de Jorge Amado, em Salvador, na Bahia. A Bahia de Amado causou em mim as mais diversas significações, como a visualização em minha mente de suas histórias e de seus heróis, como "Pedro Bala" de Capitães da Areia, durante um período de Carnaval que comemorava o centenário de seu nascimento com grande alusão aos seus personagens em 2012.

A Fundação Casa de Jorge Amado se apresenta como lugar de preservação da memória da obra e da vida do escritor e me possibilitou conhecer um pouco mais de sua trajetória como intelectual, podendo assim ampliar o conhecimento em torno do mesmo e assim desenvolver uma visão que não se esgota na perspectiva de análise do meu objeto de pesquisa "O Cavaleiro da Esperança", ainda que o foco desse trabalho seja este livro especificamente.

Esse procedimento possibilitou-me encontrar documentos sobre o livro "O Cavaleiro da Esperança", pouca documentação que se consistia em matérias de Jornais e Revistas sem cronologia histórica alguma. Nestes viam-se questões que envolviam a relação do escritor com Prestes e com os comunistas.

Além de forma implícita em algum momento, e em outros explicita, sobre a repressão e a situação política provindas do Estado Novo. Como o discurso de Amado feita ao Suplemento Literário do Jornal "Movimento" de Salvador em 1942 sobre o livro e sobre a vida de Prestes:

Um dia amiga na marcha da Coluna, ela encontrou um homem em Goiás, amarrado a um troco, os pés e as mãos e o pescoço. Pés, mãos, e pescoço amiga, mas não o coração livre, livre como o vento, como a estrela, e o mar, o coração do povo brasileiro pulsa com seu Herói, pulsa pela liberdade livre coração rebelde. Na Prisão imunda incomunicado e torturado, enfermo e longe de todos os seus sobre ele a infâmia (cic) de acusações odiosas, sofrendo todos os martírios, que pode inventar a imaginação doentia dos vermes traidores, Luiz Prestes, Cavaleiro da Esperança do Brasil, tem um coração livre pulsando pela sua Pátria, pulsando pela liberdade. Seu Coração de aço... "(Amado, 1942)

Amado nesse suplemento literário, revela o caráter panfletário da obra que é divulgar e propagar um discurso autorizado imputando memória ao leitor sobre Prestes. E nesse caso se consiste em relatar os maus tratos sobre ele que, na construção de Amado, aparenta ser um maltrato sobre todo o povo Brasileiro.

Já que a alusão feita a um homem goiano, consiste em dizer que o que foi feito a ele, pode ser feito a qualquer brasileiro, e como ele herói resistiu e poderá lutar pela pátria, todos podem resistir e lutar.

A afirmação de Amado (1942) neste suplemento literário reflete o movimento do PCB de usar do prestígio de Prestes para perpetuar ideologias revolucionárias e lutas, que o Partido defendia, como a derrubada do grande capital e a luta contra o imperialismo capitalista. O papel intelectual fica claro como aquele que coloca em ação esse movimento de luta pela igualdade dos povos com as armas que tem, no caso de Amado, a arte refletida em sua literatura. Enfatizando a figura de Prestes como herói para que o povo possa abraçá-lo e assim causar uma sensação de querer junto com ele, lutar para a revolução.

Esse movimento orgânico de Amado se dá, pois, ao transformar o mundo pela sua literatura, pode contribuir socialmente no que para ele é acreditar que Prestes irá conduzir o povo para esse caminho de liberdade.

Escrevendo sobre ele então um livro que se torna um componente importante na sua declaração de guerra ao Nazi-fascismo e a Ditadura do Estado Novo. Isso fica claro quando diz na introdução do livro, que fora soldado de Prestes na Aliança Nacional Libertadora.

Vínhamos da insurreição de 1935, quando da Aliança Nacional Libertadora. Naquele momento de perigo fascista se estendendo sobre a pátria, nossa posição era de armas na mão. Hoje ninguém mais longe dos golpes, da luta armada, da guerra civil, de uma saída violenta que nós. Desejamos ordem e tranquilidade porque hoje nossas perspectivas são de democratização, são de uma total vitória dos princípios democráticos. Acreditamos que o caminho da democratização é o da Unidade Nacional. (Amado, 2011, p.12)

Podemos encontrar em outro momento um forte sentimento de pertencimento que o escritor produz ao divulgar a sua obra convidando os leitores. Já pontuando o conceito de Herói de Prestes mais a aproximação com o "povo" e com alguns problemas sociais:

No coração do povo, amiga, gravada coma força do heroísmo está à inscrição que nenhum sofrimento apaga: "Povo, o teu Herói, é o Cavaleiro da Esperança", Inscrição que se aprofunda a cada dia, a cada ato da traição dos quinta-colunistas, a cada gesto de nobreza do prisioneiro, de coração de aço. Sangue de seu coração alimentando o Brasil. De Luiz Carlos Prestes, negra, nos alimentos de esperança, de confiança, de coragem. A lama da vilanesa, a dor das torturas, a sujeira dos subornos não podem cair(cic)em nossos corações lavados de toda a indignidade pela dignidade de Luiz Carlos Prestes. (Amado, 1942)

Aqui temos um pouco mais explorada essa relação entre Prestes e o "Povo" que Amado busca criar com seu leitor, mas não somente isso; Nessa transcrição o escritor revela aquilo que quer combater e um pouco da maneira com que cria e legitima esse personagem, qualificando-o para, com o povo apto, buscar um caminho almejado na concepção dele por "todos", que é a liberdade. Dessa forma Prestes representa a luta contra o Estado Novo e a via para a busca de direitos, de liberdade e de esperança.

Outro documento encontrado através do levantamento feito no acervo da Fundação Casa de Jorge Amado, consiste num discurso de Pinheiro (1979) na Revista "Isto é", coluna "Leia", onde este comenta sua visão sobre o livro: .

É um romance datado, determinado pelo contexto da ditadura do Estado Novo (Prestes na prisão submetido ao isolamento e aos maus-tratos). Ao mesmo tempo, corresponde a uma etapa da política do Partido Comunista do Brasil. Seria pueril criticar Jorge Amado por fazer um romance biografia engajado: o que interessa hoje é recuperar os termos desse engajamento. Para defender o prisioneiro, Jorge Amado envereda por um culto da personalidade do Cavaleiro da Esperança que ultrapassa qualquer justificativa de emoção. Prestes, além de Cavaleiro, é a Estrela da Esperança, que brilha e anuncia os raios e a tempestade do povo, "O maior dos homens do meu país". A biografia procura convencer a amiga à qual se dirige o narrador no livro (à moda de Machado de Assis) da vocação irresistível da família do Cavaleiro da Esperança de estar ligada ao povo. (Pinheiro, 1979, p.79)

A análise de Pinheiro(1979) reflete bem o engajamento que o escritor quer alcançar. Esse "culto" ao Cavaleiro da Esperança por ele apontado, que ultrapassa qualquer justificativa, é o caminho para a educação política que ele quer implantar. Pobre e de família humilde o que o aproxima supostamente da maioria dos brasileiros.

O papel do Partido Comunista ao usar a figura de Prestes era de se popularizar diante do "povo" brasileiro. Amado se vale de Prestes ao construir representações sobre ele para imbuir o seu projeto político, que consiste em militar em torno de temas, como os problemas sociais brasileiros, a revolução socialista, não somente no âmbito da produção literária, configurando num escritor engajado (Abdalla Junior,2007) e intelectual orgânico (Vieira,2008).

O primeiro passo que justifica esse movimento intelectual se conjectura numa revisão literária em torno da figura de Prestes configurando-se num procedimento formativo diante dos intelectuais de seu tempo e diante do povo. A literatura brasileira na concepção de Amado, que quer discutir questões sociais, resgatar uma cultura dos mais desfavorecidos como o negro, não pode se calar e produzir apagamentos em torno da figura de Prestes, já que para o escritor "Ele" é o principal nome que participou dos movimentos, que iniciou esse

desejo de se discutir questões sociais no Brasil. Logo Amado, como escritor, na sua concepção comprometido com o Brasil, e com essas questões sociais.

Então podemos entender que o relato de Amado articulasse com a fala de Pinheiro (1979) e se configura em pensar esse engajamento como uma tentativa de educar os intelectuais de seu tempo, alertando sobre o comprometimento com as questões sociais do país que, na leitura de Amado, não podiam ser discutidas sem citar Prestes, como defende, não foi, mas é o principal nome e o principal motivador de uma mudança ao pensar o Brasil, num nascimento de uma resistência a política liberal-burguesa, que estar presente desde o princípio de nossa história.

Dessa maneira essa tentativa de educar os "intelectuais" pode se configurar também numa crítica a alguns escritores de seu tempo, já que Amado não deixa de citar, em nenhum momento, a sua visão em relação a alguns escritores da época na qual escreve o livro.

Amado acredita que através de Prestes a mudança que o Brasil precisa poderá acontecer:

A implantação do Estado Novo em 1937 traz o suborno como arma política. A compra de uma literatura. Os escritores mais nobres silenciam impedidos de falar. Outros se vendem. Outros ainda se limitam, abaixam a voz numa última tentativa de dizer alguma coisa. Quando Prestes deixar a prisão, libertado pelo povo. , e as massas brasileiras voltarem à rua, esse movimento literário voltará à vida, renascerá com certeza com maior força e já com uma imensa experiência literárias sobrepujadas as suas falhas, vencidos os seus erros. Esta biografia vale assim também como um pagamento de uma dívida de toda uma geração de escritores para com um líder do povo. Muitos devemos a Luiz Carlos Prestes, com esta louvação quero lhe pagar uma parcela dessa dívida. (Amado, 1979, p.17)

De tal forma a biografia tem como um de suas frentes articular "O Cavaleiro da Esperança" com a instituição de um movimento literário focado pela sua liberdade e pelo o desejo de revolução no Brasil, que Amado quer iniciar.

Um desdobramento intelectual em prol da anistia, mas não só para ela, um movimento que reconheça em Prestes o líder de uma geração e um condutor de um novo tempo esse que segundo o escritor, é capaz de ser alcançado.

Concordo com a interpretação de pensar esse momento da Aliança Nacional Libertadora mais numa luta contra o nazi-fascismo do que uma tentativa de revolução, mas ao mesmo tempo penso que Amado no livro "O Cavaleiro da Esperança" tem a Revolução como chave para a mudança do Brasil.

Por isso em seu papel de intelectual orgânico ele usará a sua arte que é a escrita para tentar operar e transformar a realidade na qual vive. Então, o segundo movimento desse engajamento que Pinheiro (1979) coloca, se dará num dialogo direto com o povo, tanto na



escrita como na sua atividade intelectual, por isso estará sempre falando de Prestes no Jornal e visto pela mídia da época como biógrafo do Cavaleiro da Esperança.

A questão da Segunda Guerra ficará exposta nos jornais de época que durante os anos de 1942 até 1945 diariamente relatavam sobre a guerra. Vargas inicialmente influenciado pela ideologia Fascista se vê obrigado a entrar em guerra quando navios brasileiros são atacados.

Os comunistas tentam entrar nesse movimento de forçar o Brasil a guerra e assim ganhar espaço já que a União Soviética irá ser uma das principais forças a lutarem contra o Nazismo. Contudo no Brasil acontece diferente, e Amado ao voltar acaba sendo preso pelo Estado Novo, como aponta a Revista Época:

Jorge Ficou no exílio até 1942, quando o Brasil ingressou na guerra ao lado dos Estados Unidos e da União Soviética. A orientação foi que os comunistas voltassem e lutassem contra o nazismo. Achou que Vargas o Anistiará, mas acabou preso. Preso em Ilha Grande, no rio de Janeiro, onde Graciliano tinha sido preso. Passou 2 meses encarcerado e posto em liberdade com a condição de se mudar para Salvador e de apresentar-se semanalmente na Delegacia de Ordem política e social. Seus passos foram monitorados até 1945, quando o Partido Comunista voltou à legalidade. (Época, 2013)

A revista revela o modo brasileiro de lidar com as suas questões internas. Por mais que o contexto internacional tivesse influencia, não mudava a forma de lidar com os "Inimigos" do estado. Amado que teve livros queimados durante o regime do Estado Novo foi preso, além dessa, mais duas vezes.

Durante essa pesquisa pude fazer buscas no Rio de Janeiro sobre Algum acervo remetido ao livro "O Cavaleiro da Esperança" na Biblioteca Nacional onde nada encontrei. Aos documentos da Cidade do Rio de Janeiro onde encontrei um acervo específico sobre Prestes, porém nenhum documento relacionado ao livro pude encontrar. Mesma relação na busca de Acervo na Academia Brasileira de Letras, onde encontrei um Acervo relacionado ao Escritor, porém não pude encontrar nenhum documento sobre o livro "O Cavaleiro da Esperança". O que provocou uma reflexão em torno de possíveis apagamentos em torno da obra.

A Revista Época (2013) indica um acervo relacionado aos períodos de 1941 e 1942 do tempo em que Jorge Amado estava na Argentina e que pode ser interessante a essa pesquisa já que reflete no período no qual ele escreveu o livro, do qual também não tive acesso, mas que se encontra em posse do Núcleo de Literatura da Universidade Federal de Santa Catarina, contabilizando em 1400 documentos de um período da vida de Jorge Amado que a revista afirma não ter praticamente informações.

Pude fazer o levantamento em três Jornais de época que são a "Folha da Manhã" de

São Paulo e o Jornal "O Globo" e o "Jornal do Brasil" Entre os períodos de 1942 e 1945. Nesse procedimento visei encontrar artigos, comentaristas ou notícias que problematizem a circulação desse livro, ou revelassem indícios para a realização dessa pesquisa.

O Jornal "Folha da Manhã" entre períodos de 1942 até o início de 1945 em meu levantamento não aponta nada sobre Amado e tão pouco sobre Prestes. Não encontrei qualquer informação também sobre a situação dos comunistas brasileiros conforme Capellato (1999) Como dito anteriormente:

A Constituição brasileira de 1937 legalizou a censura prévia aos meios de comunicação. A imprensa, através de legislação especial, foi investida da função de caráter público, tornando-se instrumento do Estado e veículo oficial da ideologia estado-novista. O art. 1.222 exterminava a liberdade de imprensa e admitia a censura a todos os veículos de comunicação. A lei prescrevia: "Com o fim de garantir a paz, a ordem e a segurança pública, a censura prévia da imprensa, do teatro, do cinematógrafo, da radiodifusão, facultando à autoridade competente proibir a circulação, a difusão ou a representação." (Capellato, 1999, p.171)

O ano de 1945, porém, seria o ano de uma abertura política e fundamentalmente de uma campanha muito forte em prol da anistia divulgada em Jornais, contudo segundo Anita Prestes, tal campanha já era ativa desde 1936 através da pouca conhecida "Campanha Prestes" esta iniciada e conduzida pelo Movimento Comunista Internacional e encabeçada pela mãe de Prestes com muitas manifestações por vários Países, com foco na Europa e América Latina em prol da soltura dos Presos Políticos, trabalhadas em seu livro "Campanha Prestes - Pela libertação dos presos políticos no Brasil (1936-1945)".

Amado se configuraria num dos principais ou principal intelectual a fazer essa articulação entre a soltura de Prestes e de seu dialogo com a sociedade e em relação ao momento histórico que 1945 representaria para o povo brasileiro que seria o fim do Estado Novo e nas matérias de Jornais da "Folha da Manhã" que encontrei. Como possibilidade de ser trabalhado encontrado em matéria datada do dia 3 de março de 1945, onde:

Encontra-se nesta Capital o Sr. Jorge Amado, um de nossos maiores e mais populares romancistas vigorosa expressão da inteligência moça brasileira. "Tem participado ativamente dos movimentos de caráter democrático em nosso país, pelo que julgamos oportuno ouvi-lo a respeito do momento histórico que estamos atravessando [...]..." É ele que encarna e simboliza para o povo brasileiro as forças de esquerda do país. E nada mais justo do que isso, já que Prestes, que era de há muito um líder nacional da maior projeção, cresceu extraordinariamente no conceito de todo o povo brasileiro devido à dignidade, coragem e firmeza com que atravessou estes nove anos de prisão. Dele é que virá a palavra definitiva sobre a posição da esquerda ante as eleições. Todo o povo brasileiro espera que seja permitido a Prestes falar. Pois não se compreenderia que um líder de sua projeção e da sua importância ficasse inibido de participar da solução democrática para a qual se encaminham os problemas internos brasileiros. [...] (Folha da Manhã, 3 de março de 1945)

Ainda nessa entrevista ficará clara a articulação intelectual feita por Jorge Amado entre Prestes e a União Soviética quando é exposto pelo o escritor ao relatar sua posição em relação a U.R.S.S já pontuando uma "visível" aceitação do povo brasileiro para com a União Soviética:

O reconhecimento da União Soviética, é preciso que se esclareça, não é apenas uma resultante dos acontecimentos políticos. É também, e muito, uma reivindicação popular. O nosso povo sempre admirou e estimou o povo soviético, mesmo quando este lhe era apresentado pela quinta- coluna como uma súcia de bandidos, inimigos do Brasil. O povo jamais acreditou nessa versão fascista e sempre foi pelas relações com a URSS. É necessário que isso fique claro. Assim sendo acredito que chegou o momento de uma campanha de esclarecimento popular sobre o que na realidade é a União soviética. (Folha da Manhã, 3 de março de 1945)

Aqui fica claro uma memória em torno da U.R.S.S. que o escritor quer criar, bastante convicto e firme de suas ideias e concepções. A União Soviética mal interpretada com a abertura poderá "Ser melhor interpretada" porém como diz o escritor "É também, e muito, uma reivindicação popular" Ou seja a União Soviética norteia os anseios do povo porque novamente como ele afirma "O nosso povo sempre admirou e estimou o povo soviético."

A "Folha da Manhã" destaca também, no ano de 1945, muitos setores da sociedade que se organizaram em prol da soltura Prestes e de outros Presos Políticos, como médicos, advogados e Estudantes, assim como a organização também de várias manifestações, tanto nacionais como internacionais, exemplo disso o "Manifesto distribuído na conferência de Chapultepec" no México onde importantes grupo de políticos, intelectuais e dirigentes de organizações populares mexicanas conforme Folha da manhã e também Jornal o Globo pediam através de manifesto a Liberdade de Prestes. Em trecho datado de 3 de março de 1945 temos o trecho final do manifesto que cita:

Luiz Carlos Prestes um dos mais altos apóstolos do credo antifascista na América Latina espera agora com mais confiança do que nunca que as portas do cárcere se abram definitivamente para ele. A grande nação brasileira que retorna nos seus rumos de normalidade constitucional deve dar uma justiceira, generosa determinação de s. Exa. O presidente Getúlio Vargas esta prova inestimável de respeito pelos princípios de humanidade e solidariedade tão ardentemente defendidas na Conferência Interamericana sobre os problemas da Guerra e da Paz. (Folha da Manhã, 3 de março de 1945)

Essa campanha irá acontecer até 18 de março que é proclamado o decreto da anistia no Brasil. Amado estará quase sempre presente colocando sua posição diante de Prestes inclusive em coluna que terá na "Folha da Manhã", em 1945, chamada de "Conversa Matutina ", onde em alguns dos diversos artigos que falará sobre vários assuntos convidará as pessoas para

ouvirem os discursos de Prestes pelo Brasil após a sua soltura. Como em artigo publicado em 23 de maio de 1945 onde expõe:

Hoje falará pela primeira vez diretamente ao povo brasileiro o líder Luiz Carlos Prestes. Sua palavra será sem dúvida orientação para centenas de milhares, para milhões de brasileiros que veem(cic) nele não só o chefe de uma poderosa corrente do pensamento nacional, como também o libado caráter, a coragem das decisões e das atitudes, a energia indômita, o patriotismo jamais quebrado. [...]Quando tantos homens de responsabilidade pública colocaram o problema da democratização do Brasil em bases pessoais, vendo mais os homens seus defeitos e qualidades, que as ideais(cic) os problemas, as necessidades do Brasil, desligando quase sempre o problema nacional do problema Internacional, Prestes afirmou sua indiscutida posição de verdadeiro líder,(cic) ao apresentar as suas entrevistas à imprensa nacional e estrangeira, não reivindicações pessoais, não retaliações de inimigos, mas um verdadeiro programa de trabalho, uma análise profunda dos problemas e da crise brasileira, abrindo ao mesmo tempo perspectivas para as soluções justas.[...][...]Herói da Grande Marcha da Coluna, Prestes é um líder nacional de importância excepcional. Sua palavra hoje será ninguém o pode negar, uma das mais autorizadas e também das mais ouvidas e seguidas. O povo confia nêle e na sua linha de ordem e tranquilidade.[...][...] Deste canto de coluna venho convidar todo o povo paulista a se reunir na Praça da Sé para ouvir a retransmissão da palavra de Luiz Carlos Prestes. Faça-o na qualidade de seu biógrafo, seu companheiro e seu amigo, mas faça também como um antifascista e patriota Brasileiro, certo de que em nenhum peito bate coração mais ansioso pelo futuro do Brasil que no do comandante da Coluna Prestes, o grande prisioneiro de ontem, aquele que o povo chama de Cavaleiro da Esperança.[...](Folha da manhã ,23 de maio de 1945)

De toda a forma nenhum artigo específico sobre o livro foi encontrado, e só apontamentos sobre a sua escritura que foram descritos como, por exemplo, até meados de 1945 o livro ainda ser inédito no Brasil, mesmo Amado se definindo como o biógrafo de Prestes e como autor do livro.

Em levantamento ao “Jornal do Brasil” não encontrei também artigos sobre o livro cavaleiro da Esperança, e nem tão pouco algo muito descrito sobre Prestes e sobre Amado, configurando também um apagamento muito grande entre 1942 até o início de 1945, com algumas poucas notícias expondo esse movimento de setores da sociedade em prol da Anistia de Prestes, em prol de ouvi-lo debatendo sobre as mais diversas questões que estavam em discussão na sociedade.

O levantamento feito do Jornal “O Globo” do mesmo período refletem a mesma conjuntura dos outros Jornais, porém em matéria do Jornal “O Globo” sobre um encontro de Prestes e Amado podemos ter um caminho para pensar a sua circulação, matéria essa datada em 14 de março de 1945 com o título "Luiz Carlos Prestes Não guarda ódios nem ressentimentos" "O Encontro de Prestes com o Seu Biógrafo", onde temos colocado através de entrevista de Pedro Motta Lima que visitou Luís Carlos Prestes com Amado, o seguinte:

Voltei a visitar Prestes, passados dois dias, agora na companhia de Jorge Amado, autor do grande livro que se intitula "Vida de Luiz Carlos Prestes, O Cavaleiro da Esperança". Já difundido em dezenas de milhares por todos os países americanos, ainda está inédito no Brasil. O biógrafo de Prestes não o conhecia em pessoa. Abraçaram-se, num longo abraço de amigos. Jorge não podia falar os olhos brilhantes. [...]Mas Prestes sabe ajudar-nos a vencer a emoção. A palavra modesta, um sorriso, o seu todo sem afetação, e a conversa inicia-se, vai-se animando, e logo tudo é natural e simples, em torno desse homem que milhares de brasileiros gostariam de ver de perto, assim como o estamos vendo. Prestes revela um carinho enternecido pela intelectualidade brasileira, em seu papel progressista. Discorre sobre os problemas da cultura, opina sobre livros e autores. Os soldados das marchas lendárias, o matemático, o técnico de engenharia, o dirigente político, marxista teórico e prático, ainda sem tempo e gosto para aprofundar-se em questões de cultura geral, mostrando-se não apenas informado, mas capaz de intervir, com acuidade e sensibilidade invulgares, no campo da arte e da literatura. [...] Há mais um visitante, que Prestes recebe afetuosamente. "Despedimo-nos [...] Terá visto- diz Prestes a Jorge Amado- que o seu biografado está longe de ser aquela figura descrita por você"... [...] Jorge responde que precisa acrescentar alguma coisa á próxima edição. Tentará aproximar-se ainda mais da realidade, Prestes abraça-o, e fala em tom sério comovido: Agradeço-lhe, sobretudo porque seu livro proporcionou a última grande alegria a minha mãe. (O Globo, 14 de março de 1945)

Essa imagem, abaixo, revela a saída da prisão de Prestes em 18 de março de 1945, em virtude da Lei de Anistia após nove anos preso.



Fonte: <http://bloghistoriacritica.blogspot.com.br/2010/10/intentona-comunista-1935.html>

Também numa posição de Amado datada em 24 de março de 1945, onde fala um pouco sobre o processo intelectual e comprometimento com a situação política do país que qualquer escritor deve ter, logo após a sua longa visita feita a Prestes. Não deixa de expor como este deve lutar pela democracia e como deve se organizar, falando também sobre o Estado Novo e sobre outras questões.

Essa fala é importante porque irá resgatar esse procedimento orgânico de estar lutando na luta da transformação das instituições e da necessidade de se organizar não somente acultura no Brasil, mas também de produzir uma Educação política. Da maneira como aponta

em outro artigo do Jornal “O Globo”:

Estamos vivendo no Brasil- Começou dizendo- um momento excepcional e, sem dúvida muito belo. Podemos comprovar que o povo brasileiro não deixou que se embotassem seus sentimentos democráticos, apesar destes terríveis anos que atravessamos anos que certa vez já classifiquei como longa noite. Neste momento em que novamente o nosso povo sente o saber da liberdade, a responsabilidade dos intelectuais em geral, dos escritores em particular, aumenta enormemente. A nossa literatura tem uma tradição de lealdade ao povo à democracia que é a sua maior força. A moderna literatura brasileira não se rendeu ao Estado Novo. Muito ao contrário. Considero, porém, que ainda mais difíceis são para o escritor estes dias que vivemos que mesmo os sete anos dos quais estamos emergindo. Porque agora o escritor pode falar e o povo está em sua frente para julgar e pesar suas palavras e ações. (O globo, 24 de março de 1945)

Dessa forma podemos levantar a questão, através dos levantamentos feitos e das buscas, que a militância do escritor Amado, sobretudo na escrita do livro “O Cavaleiro da Esperança” se configurou num grande movimento intelectual de divulgação e propagação da figura de Prestes, líder do Partido Comunista Brasileiro, provindo de grande prestígio, preso pela Ditadura do Estado Novo e distante de qualquer atividade política. Podemos perceber que existiu um apagamento em torno da figura dele, este que Amado ao todo tempo almeja, quando se dirige ao "povo", falar, declarar e denunciar.

Dessa forma cabe supor que Amado sai como grande porta voz da figura do mito do Cavaleiro da Esperança, discursando em vários comícios e jornais sobre Prestes, mas também sobre a conjuntura brasileira, sobre o Nazi-Fascismo, sobre a posição dos comunistas no Brasil, o que o favorecerá internacionalmente, fazendo dele um dos brasileiros mais lidos no exterior.

Levanto a hipótese de que o "Panfleto" Cavaleiro da Esperança se configura como um dos mecanismos de falar para as pessoas aquilo que o governo não permitia e, assim, educá-las politicamente para o que estava acontecendo no Brasil e tentar também trazê-las para se alinhá-las ao pensamento do Partido Comunista Brasileiro e da Internacional Comunista.

Tal hipótese se dá por acreditar que em 1942, até 1945, e mesmo antes, o Partido Comunista Brasileiro usava do prestígio de Prestes com a Coluna Prestes e também da sua atuação no movimento da Aliança Nacional Libertadora (ANL), que na leitura dos comunistas se configurou numa luta contra o nazi-fascismo emergente no Brasil, através da política de Vargas e do Integralismo, visão da qual compactuo, já que Prestes tinha mais adesão do povo brasileiro do que o Partido, ainda ineficiente no diálogo com o povo.

Quanto à circulação do livro? Seus possíveis leitores e sua aceitação nacionalmente e internacionalmente? Em relação a essas informações muito pouca coisa conseguir levantar

durante o desenvolvimento deste estudo.

Todavia, com os arquivos encontrados pude desenvolver uma perspectiva para pensar tal questão, importante quando se trata de pensar um livro e seu papel formativo como objeto de pesquisa e assim manter o embasamento teórico colocado por Cardoso (1979) em “O Mito do Método” que nos faz perceber que é impossível um pesquisador não se envolver com o objeto de pesquisa no qual ele se dedica, toda via o contato minucioso com as fontes, com as leituras e problematizações delas, poderão permitir o distanciamento necessário para dar validade ao trabalho.

O Primeiro diálogo será feito com a coletânea de Livros de Anita Prestes e Lygia Prestes publicadas em três edições com o título “Anos tormentosos: Luiz Carlos Prestes: correspondência da Prisão (1936-1945)”. Estas buscas foram norteadas no desejo de poder encontrar qualquer dessas cartas que relatasse a relação do livro de Amado com Prestes, do escritor com Prestes ou de algum comentário ou comentarista do livro. Algo que foi encontrado em algumas cartas.

Prestes e sua mãe do México faz comentário sobre o livro e dá indícios sobre a sua circulação e aceitação, ainda em 1942, mesmo que no Brasil até 1945 circularia só de forma clandestina. Conforme pontuam as autoras:

Ontem tive uma surpresa de receber uma amável carta de Jorge Amado, que pede minha opinião sobre o livro que vem de publicar em espanhol. Sobre isso tivera uma primeira notícia pelo amigo Lezama e posteriormente pelo Dr. Sobral como pelo Orlando que soube que o livro, apesar da imaginação ardente do romancista, não é dos mais exagerados, e notei mesmo que o Dr. Sobral não ocultava a satisfação que lhe causaram as palavras do autor a seu respeito. Quanto a mim, naturalmente me interessa saber se o autor sobre aproveitar em algo de útil o material biográfico que tão corajosamente escolheu. (Prestes, Prestes, 2002, p.106-107)

As Autoras pontuam aqui comentários que receberam sobre a obra, além de elogiá-la e sobre desejo de lê-la. Teremos várias cartas onde tanto a sua mãe quanto Luís Carlos Prestes apontarão o não recebimento do livro, mostrando uma tentativa de Amado de se comunicar com Prestes. Como expõe "O de Amado não me foi entregue, apesar de repetidas promessas" em 24/12 1942. (Prestes, Prestes, 2002, p.170). Desta forma em fala de sua mãe que expõe essa dúvida em relação ao não recebimento e também sobre a circulação do livro:

México. 01/09/1942. Leocadia: Nada me contas sobre o livro de Jorge Amado. Será que não o recebestes?"(p; 381) México, 09/09/1942- Leocadia" O livro do Jorge Amado já apareceu por aqui e já se esgotou. " (Prestes, Prestes, 2002, p.383)

A mãe de Prestes também revela alguns pensamentos em carta para o filho sobre o livro “O Cavaleiro da Esperança” e sobre a relação que ela já estava desenvolvendo com Amado por carta devido a escrita e publicação do livro do escritor. Ainda em 1942 isso se dará, onde teremos expostas as suas posições diante do livro e do desejo que seu filho a leia e comente fazendo uma análise própria sobre a obra.

Não sei te dizer o que se passou em mim, ao saber que o recente livro do Jorge Amado já foi enviado e que esperar poder recebê-lo em breve. É extraordinário que tenha chegado até ai. O Jorge, que é muito amável comigo, mandou-me um exemplar com uma honrosa dedicatória, que muito me comoveu. Quanto ao livro e ao seu conteúdo, salvo alguns tópicos, parece-me bom, pelo menos sincero e sem exageros. ao Lê-lo, é preciso não esquecer que o autor é antes de tudo um romancista e dos melhores. A parte biográfica é a melhor, porque ele procurou não se afastar da verdade. Aqui ainda não é conhecido e há muita gente que o espera com curiosidade e interesse. Creio que te vais divertir com alguns trechos e espero, eu também, os teus comentários. México - 07/08/1942 Carta de Anita Leocadia Mãe de Prestes (Prestes, Prestes, 2002, p.374)

O livro traz também comentários do próprio Prestes sobre o livro de Amado que até Julho de 1942 não tinha lido. Mostrando bastante preocupação sobre esse movimento de escrita e sobre como o escritor, que só conhecia naquele momento, através de seus livros usaria o seu nome na biografia quando coloca:

Nada sabia ainda do novo trabalho literário de Jorge Amado. Não o conheço senão através de seus livros e não sei se está suficiente documentado para escrever algo de aceitável e útil. Confesso-lhe que leio sempre com grande desconfiança essa literatura biográfica dos últimos tempos (estilo Zweig Ludwig) e desde já me horrorizo com que possa ter saída da imaginação ardente do escritor patricio. Ao ouvir a leitura de um dos diálogos de Platão, exclama Sócrates: "ó deuses! As belas mentiras que diz de mim!" Não se deixe enganar, portanto.01/07/1942-"(Prestes, Prestes, 2002, p.505)

Temos também comentários de pessoas próximas a Prestes que através de cartas comentam a ele sobre as suas impressões sobre o livro. Entre eles Lezama que em dois momentos cita o livro, o primeiro:

Carta a Prestes de Teodozio Lezama: Por último, quero dizer-lhe que há poucos dias li a obra de Jorge Amado sobre o Cavaleiro da Esperança. Felizmente esta obra veio para preencher um vazio. Agora tive a possibilidade de desfrutar o prazer de conhecer detalhes importantes de tão grande personagem" Montevideu, 30/05/1942 ( Prestes, Prestes, 2002 p.579)

Podendo dessa forma, ter o desejo de produzir uma memória é revelado já que o mesmo cita que a obra veio preencher um vazio e o "Cavaleiro da Esperança" o permite conhecer detalhes importantes de "tão grande personagem".

Outra Carta o mesmo Lezama cita:



Agora algumas palavras sobre Jorge Amado. Não sei se você poderá repetir as palavras de Sócrates. Espero que não e, mais em que um livro de Amado contenha belas ou lindas verdades. Não todas que deveria conter, mas apenas algumas. Mas com a franqueza, que é minha norma, permita-me dizer-lhe que o livro de Amado não é o livro que você merece, e principalmente, o que se necessita. Sua vida é assunto muito maior, mais sério, mais profundo e de maior projeção, não devendo ser tratado como tema de simples biografia, por mais bela que seja, literariamente, a forma dada pelo escritor. A respeito disso, devo confessar-lhe que há muito tempo, a Senhorita Labarthe e eu vínhamos conversando sobre a falta de um estudo referente à sua personalidade, situada no movimento revolucionário da América. Montevidéu- 06/07/1942 Teodozio Lezama (Prestes, Prestes, 2002, p.578)

Aqui Lezama vai além do livro já falando na necessidade de estudos sobre a figura e personalidade de Prestes como revolucionário das Américas. Contudo, não desmerecendo o movimento de Amado e nem a sua obra, que segundo Lezama ainda carece de uma análise precisa da verdadeira contribuição de Prestes.

Outro relato que surge sobre o livro traz de Nair L. Fernández, que manda uma carta revelando um pouco de seu pensamento, mas também da primeira edição do livro.

Achei muita graça de suas prevenções em relação ao livro de Jorge Amado. "Quando o li imaginei que pelo menos do estilo você não gostaria: é sentimental e pegajoso". A respeito do conteúdo, não formulei juízo; confesso-lhe que algumas passagens me deleitaram, porque pude tomar conhecimento de muita coisa que ignorava e que espero não sejam "soltas mentiras". Além disso, tem uma série de fotografias e pude conhecer a Anita, que é uma coisinha deliciosa. Com saudações afetuosas, despeço-me." Nair L. Fernández. La Plata/ Argentina, julho/1942. (Prestes, Prestes, 2002, anexo)

Penso que as séries de fotografias se articulam ao desejo de produzir a memória autorizada que Pontes (2008) irá trabalhar na sua Dissertação de Mestrado intitulada "Luiz Carlos Prestes e Olga Benário construções de identidade através da História e da Literatura" Uma perspectiva da construção de uma memória autorizada em torno da figura de Prestes e de Olga pelas suas biografias, quando irá citar:

As lembranças dos familiares de Prestes, a leitura das atas e das recordações textuais produzidas pelos membros da Coluna Prestes e das memórias particulares, fazem com que Amado se sinta autorizado a escrever a biografia do "Cavaleiro da Esperança.[...] Os Livros são panfletos que relatam "memórias autorizadas", credenciando a veracidade do narrado, buscando assim, tornarem-se memórias reais dos biografados e de determinados grupos sociais; os aliancistas, os comunistas etc, ou de grupos mais amplos a nação ou o mundo. (Pontes, 2008, p.102)

Para Pontes (2008), Amado busca uma memória racionalizada que produza um subjetivismo através dos recortes que o autor fará para construir a sua narrativa, e assim construir essa memória, defendendo que não é possível reviver o passado e suas nuances, mas sim reconstruí-lo, tentando fixar uma memória coletiva sobre determinados assuntos e o

apagamento sobre outros, algo que irá justificar a tomada de determinadas escolhas ao escrever o texto. Sobretudo visando perceber que:

As afetividades e os ressentimentos narrados nas memórias extraídas pelos literatos não são expostos em traços espontâneos, mas sim, em teor voluntário, servindo para justificar a ação proposta na obra para aquele momento histórico. (Pontes, 2008, p.102)

Os estudos de Pontes (2008) da Universidade Federal de Uberlândia juntamente com o Posfácio de Anita Prestes na Edição de 2011 do Livro "O Cavaleiro da Esperança" são os únicos textos específicos sobre a obra que pude encontrar diretamente sobre o livro.

Desenvolvendo um conceito na obra em torno do "Ódio Social" esse que através dessa ação colocada pode gerar a revolução, a revolta. Dessa forma, voltando às cartas organizadas por Lygia e Anita Prestes, teremos aqui as Cartas Trocadas entre Amado e Prestes dando, através dos indícios, caminhos para problematizar o contexto dessa obra e sua conjuntura. Primeiramente na Carta de Amado pontuamos:

Por intermédio do Dr. Sobral Pinto lhe enviei um exemplar da tradução espanhola de uma biografia de minha autoria: "La vida de Luiz Carlos Prestes". Não sei se chegou às suas mãos, nem mesmo se chegou às mãos do Dr. Sobral Pinto. Gostaria de sabê-lo e de conhecer sua opinião sobre o livro. Escrevi-o muito emocionado e quero deixar dita uma coisa: ter escrito a sua biografia será sempre o maior orgulho da minha vida de escritor. Antes eu havia escrito e publicado no Brasil uma biografia de Castro Alves. Achei que uma biografia sua completa a de Castro Alves, como os feitos dos generais completam os sonhos dos poetas. Muito Auxílio em dados e informações me foi prestado por muita gente. No entanto, a minha forçada estadia no estrangeiro me impediu de trabalhar com material completo sobre alguns fatos, como, por exemplo, sobre a Coluna. Dessa falta de uma totalidade do material parece-me que decorrem as falhas mais sensíveis do meu livro. Uma coisa é certa, no entanto: o estudo e a descrição da sua vida só fazem aumentar a minha admiração por ti. Feliz estou também, seja pelo sucesso do livro, que obtém uma grande venda na América Latina estabelecendo, segundo os editores, recorde de venda, seja porque ele possibilita que inúmeras pessoas, que já admiravam ao comandante da Coluna Prestes, possam conhecer outras facetas da sua grandeza. Aqui soubemos na semana passada da visita que lhe fez o deputado Brás Roca e das suas palavras sobre a União Nacional do povo brasileiro contra o nazismo e também de que sua saúde é boa. Todas estas coisas nos deram grande alegria. Alegria aumentada por uma carta de Lygia a mim com notícias de dona Leocadia e de Anita. Muito feliz, apesar de tudo, deve ser quem possui uma Mãe de altura moral de dona Leocadia. De quando em vez lhe enviamos livros. Repito-lhe que escrevê-lo era uma ambição acalentada há muito tempo por mim e que de nada me orgulho tanto como de tê-la realizado. Jorge Amado." Montevidéu, 21/07/1942. (Prestes, Prestes, 2002)

A Carta de Amado à Prestes mostra seus desejos e anseios diante da obra que era ser continuidade a Biografia de Castro Alves datada um ano antes de "O Cavaleiro da Esperança" mostra também a repercussão de vendas do livro fora do Brasil e de suas possíveis falhas na construção desses, além de comentaristas entre eles a mãe de Prestes, Dona Leocadia Prestes.

Ao Responder essa carta temos um relato de Prestes que já se diferencia do estranhamento inicial ao saber sobre a escrita do Livro:

A Jorge amado. Montevideú. - 04/08/1942  
 Em meu poder sua amável carta de 21 de junho último. Já tivera notícia do seu livro, quando, pouco depois, fui informado pelo Dr. Sobral Pinto de que encaminhava à Administração deste Presídio o exemplar a mim dedicado. Ainda não o recebi, mas se isso acontecer, como espero, não deixarei de atender ao seu pedido. Compreendo (perfeitamente o orgulho de que se sente possuído e tenho para mim que é de todo justificado, porque, numa época em que há tantos ditadores, cujas biografias poderiam ser escritas comodamente e a peso de outro, não deixa de ser uma aventura arriscada essa de vir procurar quem vegeta no fundo de um cárcere. Vejo nisso uma prova de coragem, de talento, portanto, e, além do mais, para quem se encontrar em minha situação, é consolador verificar que continua viva a influência do nosso grande Vate:" Ação e idéia- são gêmeos- Quem as poderá apartar - O fato- é a vaga agitada- Do pensamento- que é o mar". - Nada de "torres de marfim" ! antes assim. Gratíssimo, portanto, pelo prazer que me deu com a sua carta. (Prestes ,Prestes,2002, p.510)

O discurso de Prestes reflete a coragem que, a meu ver, não só ele, mas alguns sentiam de ver Amado ao escrever. Primeiro pelo fato de Prestes ser o principal preso político do Brasil, segundo pelo fato de como ainda naquele momento Vargas era influenciado pelo nazi-fascismo e esse tinha influência no Brasil e no mundo, já que em 1942 a Segunda Guerra Mundial estava presente e tinha forte repercussão ideológica quanto aos rumos que o nazi-fascismo e o Estado Novo poderão vim a tomar. Motivo do qual em 1979, Amado em prefácio a vigésima edição do livro explica aos leitores, Como já apresentamos.

Por isso o livro e as palavras de Amado ao falar de sua crença obstinada no futuro nos fazem perceber "O Cavaleiro da Esperança" como uma obra de resistência ao Estado Novo. Como um panfleto da divulgação da figura de Prestes, do Partido Comunista Brasileiro e da União Soviética, mostrando através das representações de Prestes, e da construção de uma memória sobre ele, para os acontecimentos de 1935, ainda que o DIP produzisse discursos que visavam apagar o prestígio de Prestes, e também perseguisse a Amado um relato de uma época. Marcada pela perseguição política, prisão e morte de militantes comunistas.

O histórico, mas como uma obra de valor cultural-social, já que ela quer se configurar como uma produtora de novos hábitos e de novos anseios que são estes revolucionários.

O Cavaleiro da Esperança: Vida de Luiz Carlos Prestes, obra de Jorge Amado publicada pela primeira vez em espanhol, na Argentina, no ano de 1942, foi dedicada à minha avó Leocadia, mãe do biografado, "la madre heroica", segundo Pablo Neruda. A dedicatória dizia: "Lejos de su hijo, entierras que no sonlas tuyas, sufre y lucha doña Leocadia Prestes. Escribi este libro, amiga, para que loofrezcas a la madre de Luiz Carlos Prestes como una dádiva del Brasil". Era a primeira biografia do meu pai, da qual Jorge Amado se dizia orgulhoso, ao escrever de próprio punho uma outra dedicatória no exemplar destinado a Leocadia Prestes e enviado ao México, onde então morávamos minha avó, minha

tia Lygia e eu. Vivíamos “os anos tormentosos” de nossas vidas, segundo palavras de Leocadia em carta dirigida ao filho, prisioneiro da ditadura Vargas. (Prestes, 2011, p.371)

Prestes (2011) também aponta muito da militância do escritor Amado ao citar um pouco do movimento de escrita desse livro e da perseguição política pela qual ele passou após participação ativa na Aliança Nacional Libertadora (ANL):

Jorge Amado, que havia publicado aos dezenove anos, em 1931, seu primeiro livro, *O país do Carnaval*, participara das lutas contra o fascismo no Brasil e das jornadas promovidas pela Aliança Nacional Libertadora (ANL) durante o ano de 1935. Com a derrota do movimento, foi preso em 1936 e, novamente, em 1937, após o golpe que instaurou o Estado Novo. Seus livros foram proibidos no Brasil, inúmeros exemplares apreendidos pela polícia e queimados em praça pública em Salvador. Perseguido no país, Jorge Amado exilou-se na Argentina, onde escreveu a biografia de Prestes entre dezembro de 1941 e janeiro de 1942. A publicação em espanhol veio à luz em maio daquele ano pela Editora Claridad, de Buenos Aires. Proibida no Brasil, a obra em espanhol, passou a circular clandestinamente no país. (Prestes, 2011, p.372)

Trazendo também nesse artigo um pouco discurso do escritor sobre a história do livro, quando problematiza a sua recepção e as configurações de sua circulação e produção, como os vários nomes que ele teve e sobre a sua proibição postumamente na Argentina também:

É o próprio autor que, no prefácio da primeira edição brasileira, publicada em 1945 pela Livraria Martins Editora, narra a história do livro: Traduções para outras línguas foram feitas sobre a tradução espanhola; no Brasil, além dos exemplares daquela edição vendidos clandestinamente, por vezes por preços absurdos, apareceram cópias datilografadas e até em fac-símile fotográfico... Os exemplares aqui vendidos nunca chegaram a ser propriedade individual de alguém, viveram sempre de mão em mão. O povo se referia a este livro com os mais diversos nomes: *Vida de São Luís*, *Vida do rei Luís*, *Travessuras de Luisinho* etc. Depois também sua edição Argentina foi proibida e queimada em Buenos Aires, por ordem do governo Perón. Valorizaram-se ainda mais os exemplares que circulavam no Brasil. Houve quem vivesse do aluguel de exemplares. (Prestes, 2011, p.372)

Trabalha também a perspectiva engajada do livro ao revelar fala do escritor Jorge Amado, que via o livro como uma arma. Ao falar sobre o processo de vendas na América Latina, mostrando assim a grande repercussão que o livro tinha diante da sociedade:

Adiante, Jorge Amado destaca: “Na luta pela anistia, pela democracia e contra o Estado Novo, mas principalmente contra o fascismo, este livro foi uma arma”. Indiscutivelmente esse foi o grande papel desempenhado pela obra do famoso escritor brasileiro. Ele recorda: “Junta-se a tudo isso a emoção que ele [o livro] despertou na América espanhola, onde quebrou recordes de venda, e pode-se imaginar quanto não me envaideço dele, quanto não me orgulho de ser o seu autor”. Efetivamente, durante meses a fio, a edição espanhola foi o livro mais vendido na América Latina. (Prestes, 2011, p.372)

Amado também destaca também o processo de escrita e de pesquisa feito pelo escritor para escrever o livro. Revelando também que o Livro se assimilava ao livro "ABC de Castro

Alves" Escrito um ano antes. Além de citar a maneira como se dirige ao povo brasileiro através das representações e da vida de Prestes dissertando sobre as desigualdades do Brasil, sempre visando aproximar o povo do debate que quer construir:

Para escrever a obra, Jorge Amado correspondeu-se com Leocadia e Lygia Prestes, no México, e consultou amigos e correligionários do biografado. A edição Argentina continha apêndice com documentos sobre diversos momentos da vida de Prestes, um mapa do Brasil com o traçado da Coluna Prestes e algumas fotos de Prestes, de seus familiares e de combatentes da Coluna. Adotando estilo semelhante ao empregado na biografia de Castro Alves, escrita um ano antes, o autor se dirige permanentemente a uma leitora imaginária, a quem chama de “amiga” e também de “negra”, com o intuito de falar diretamente ao povo brasileiro, apelando aos leitores para que assumam posição na luta pela democracia e pela liberdade. Jorge Amado escreve que “este não é nem pretende ser um livro frio”, mas uma obra escrita “com paixão, sobre uma pessoa amada”. Trata-se, pois, de uma biografia romanceada do Cavaleiro da Esperança, que como tal deve ser hoje apreciada e inserida, portanto, no momento histórico em que foi produzida. (Prestes, 2011.p.373)

Prestes(2011) pontuará também o impacto que a obra criou diante de várias gerações de jovens que aderiram ao comunismo além de apontar mais um caráter formativo do texto que é o caráter de formar o futuro revolucionário, indo para além de um texto literário e sendo colocado como cartilha revolucionária:

Sou testemunha de que várias gerações de jovens brasileiros, e também estrangeiros, tornaram-se revolucionários e aderiram ao comunismo, ingressando muitas vezes nos partidos comunistas dos seus países, sob o impacto provocado pela leitura da biografia de Luiz Carlos Prestes escrita por Jorge Amado. Em Portugal, durante a ditadura de Salazar, ele era leitura obrigatória dos militantes do Partido Comunista Português, para os quais a vida do Cavaleiro da Esperança – sua coragem, dignidade humana e dedicação sem limites à causa revolucionária – tornara-se um exemplo a ser seguido por todo comunista. Como foi sempre coerente consigo mesmo e com os ideais revolucionários a que dedicou sua vida, sem jamais se dobrar diante de interesses menores ou de caráter pessoal, Prestes despertou o ódio dos donos do poder, que sempre procuraram criar uma história oficial cuja tônica tem sido a falsificação tanto de sua trajetória política como da história brasileira contemporânea. (Prestes, 2011, p.374)

Por último assevera a necessidade de um engajamento também do historiador e novamente destaca a importância de Prestes para o Brasil, e da obra de Amado, para entender a figura de Prestes:

Entretanto, para o historiador comprometido com as lutas populares, com os interesses dos explorados e dos oprimidos, a meta deve ser outra: contribuir para a elaboração de outra história, comprometida não só com a evidência, mas também com o imperativo de construir um futuro de justiça social e liberdade para o nosso povo. Para o historiador empenhado na elaboração de uma História do Brasil, para quem valoriza o papel destacado de Luiz Carlos Prestes nas lutas populares do século XX em nosso país, O Cavaleiro da Esperança: Vida de Luiz Carlos Prestes é um livro indispensável. Sua reedição é uma contribuição importante para compreender melhor uma época de nossa história, para que,

aprofundando o conhecimento de nosso passado, as novas gerações de brasileiros possam transformar o presente, construindo o futuro ao qual Prestes dedicou sua vida. (Prestes, 2011, p.375)

Percebendo em sua produção algo também para pensar o Brasil de seu tempo, seus conflitos e suas dualidades e assim romper com a história oficial que costuma exaltar somente a figura de Vargas e produzir apagamentos em torno dos demais acontecimentos políticos que permeiam o período de 1935 até 1945, mas que aqui nesse trabalho se configuram a problematizar os períodos que permeiam a produção do livro entre 1942 e 1945.

O livro de Amado em cinco momentos pontua a trajetória de vida de Prestes e de seus familiares, traçando de seus antepassados até o momento de sua prisão onde clama para a sua soltura. Dentro dessa narrativa podemos perceber ainda que no âmbito da ficção um deslocamento de Amado no desenvolvimento do "homem" Prestes, o colocando em completo grau de igualdade com as pessoas das classes subalternas com o diferencial desse ser o líder dos demais.

Na verdade a obra chama para revolução ao supor que todos podem ser como Prestes e lutarem pela liberdade do Brasil, que naquele momento se encontrava preso pelas mazelas da ditadura do Estado Novo. É importante pontuar que ao expor as condições dos presos políticos dos quais Prestes também compunha, almeja assim produzir uma memória que resista a máquina do Estado, que produzia apagamentos, que ainda de alguma maneira, remanesçam no Brasil.

Portanto diante de todos os levantamentos feitos o primeiro a ser percebido é que a obra é configurada como um aparato de resistência intelectual diante do Estado Novo. Na obra biográfica. Amado quer produzir uma nova cultura sobre o que Pontes(2008), como já citado, apontou dos apagamentos. A obra através das humilhações e dos relatos histórico com os quais trabalha, ou seja, cinco capítulos que pegaram o final do Império até 1942, vai trazer uma relação política e pedagógica entre Prestes e o "povo" brasileiro, revelando assim uma perspectiva intelectual de aproximar o herói dos anseios das classes menos abastadas.

## Considerações Finais:

Vitor Hugo(2007) em "Os Miseráveis" traça um excelente panorama sobre aqueles desgostosos pela burguesia, tal como em "Dom Quixote" de Miguel de Cervantes podemos ver como o anti-herói realiza grandes feitos. Em "O Cavaleiro da Esperança", o anti-herói de Amado vindo das profundezas da pobreza emerge como Herói, como Salvador e almeja nos dar a possibilidade de equalizar àquilo que é colocado, que é produzido, para ser diferente. O Cavaleiro da Esperança emergirá na leitura de Amado como libertador e conduzirá o povo a libertação, a igualdade que se dá pelo fim de qualquer domínio do mais forte sobre o mais fraco. Dá-se pelo o sonho de que é possível causar ruptura.

Algo trabalhado por Amado em "O Cavaleiro da Esperança" já que, para além de Prestes, o escritor convida o individuo a participação daquilo que seria a libertação ou talvez Revolução, partindo do entendimento que, mesmo como condutor, Prestes precisava de todos com ele, ou seja, a revolução é um processo em comunhão.

Amado a todo tempo dialoga com o Brasil e com o povo brasileiro convidando para a grande celebração que será a Revolução de cunho Soviético, sempre anunciada entre linhas em sua escrita.

A construção do herói Prestes consistem em articular a sua vida com a de outros personagens da história do Brasil e da mitologia que Amado em sua escolha metodológica usa para a criação de seu trabalho. Assim esse herói acaba se tornando o caminho para discutir outras questões importantes, para se pensar o Brasil daquele momento.

O uso do seu herói é também um meio de instituir como intelectual uma luta por novos espaços e ressignificações da literatura de seu tempo, propondo o novo numa perspectiva do resgate daquilo que estava sendo silenciado, ao construir memórias sobre, Prestes e os processos da Aliança Nacional Libertadora (ANL) em 1935. O Prestes de Amado então surge como uma síntese para dialogar com os demais e uma arma para dar força aqueles que não viam mais possibilidades de abertura do regime do Estado Novo liderado pela figura de Getúlio Vargas.

Como intelectual, Amado estará escrevendo artigos e matérias entre 1935 e 1945, estará além da publicação de seus livros estará circulando em periódicos como a atuação como redator do periódico "A Manhã", revistas, onde, por exemplo, publicará entre 1942 e 1945 no Jornal Imparcial de Salvador a Coluna "Hora da Guerra" engajado na luta contra o

nazi-fascismo na Europa e na Ásia. E a Coluna Conversa Matutina do Jornal Folha da Manhã em 1945 onde dialogará sobre o cotidiano da abertura política e, também sobre a importância de Prestes em alguns momentos nesse processo democrático.

Sua perspectiva intelectual se dará também na participação de Congressos entre eles o 1º Congresso Brasileiro de Escritores, de 1945, em São Paulo, onde presidiu a delegação Baiana, sendo também um dos vice-presidentes do 1º Congresso Brasileiro de Escritores onde teve participação destacada. Já que tinha uma rede de sociabilidades com outros intelectuais de esquerda daquele momento entre eles os já citados Samuel Wainer, Carlos Lacerda e Pedro Motta Lima o que aproxima-o da perspectiva de Sirinelli:

O meio intelectual constitui, ao mesmo para seu núcleo central, um "pequeno mundo estreito", onde os laços se atam, por exemplo, em torno da redação de uma revista ou do conselho editorial de uma editora. A Linguagem Comum homologou o termo "redes" para definir tais estruturas. (Sirinelli,2003.p.248)

Dessa forma estará atuando ativamente entre as suas redes e lutando por espaços assim como lutando para instituir a sua perspectiva de arte que se dá no combate contra a literatura que estava posta.

Vale destacar que Amado foi eleito, em 1946, deputado Federal pelo PCB e terá uma atuação destacada, assim como em 1951 ganhará o Prêmio Stalin da Paz criado em reposta ao prêmio Nobel da Paz, pelo conjunto de sua obra. Podendo salientar "O Cavaleiro da Esperança" nessa nuance de desdobramentos após a sua publicação.

Em minhas considerações é importante pensar, além do que já está posto, três possíveis caminhos para a continuidade dessa obra. Primeiro a possibilidade de pontuar a construção representativa do período do Estado Novo em "Subterrâneos da Liberdade" se pensarmos o movimento intelectual de Amado.

Pensar também os possíveis processos de produção desse livro em sua primeira edição na Argentina, como acervo apontado pela Revista Época nº 810 de 2013 que se encontra em mãos da Universidade Federal de Santa Catarina. Acervo esse que se consiste em documentos pessoais de Amado no período do auto-exílio.

Como possibilidade de avançar especificamente sobre as representações sobre Prestes por outros olhares surgem como possibilidade pensar as construções sobre o mesmo nos livros didáticos ou em matérias pedagógicos para o ensino de história no período de 1942 a 1945.



Contudo é importante salientar que o trabalho não se esgota aqui podendo, dentro da mesma estrutura que almejei aqui, salientar novos desdobramentos e possibilidades, entendendo como apontado por Cardoso (1979) que toda a análise é precária e passageira.

Esta fotografia foi tirada em 1951 na U.R.S.S. onde Jorge Amado recebeu o Prêmio Stalin da Paz pelo conjunto de sua Obra.



Fonte: [www.pcborg1062014as1914stalindapaz](http://www.pcborg1062014as1914stalindapaz)

## Notas:

<sup>1</sup>-Para Gramsci, todo grupo social é fundamental e tem papel decisivo na produção, engendra seus próprios intelectuais, ditos "orgânicos" a este mesmo grupo social. (Ler- "Os Intelectuais e a Organização da Cultura" Gramsci(1979)

## Referências Bibliográficas:

ALMEIDA, Maria Ângela Vinagre de. "História da educação brasileira- o problema de sua periodização." In: Revista brasileira de Estudos Pedagógicos. Brasília. Jan/abr. 1988

ALTHUSSER, L. "A Favor de Marx." Zahar, Rio de Janeiro. 1979.

AMADO, Jorge. "O Cavaleiro da Esperança: vida de Luiz Carlos Prestes" Record, Rio de Janeiro: 1979.

\_\_\_\_\_. "O Cavaleiro da Esperança: vida de Luiz Carlos Prestes" Companhia das Letras. São Paulo: 2011.

\_\_\_\_\_. In: "Suplemento Literário do Jornal "Movimento" Salvador. 1942.

CALIXTO, Carolina Fernandes. " Jorge Amado e a Identidade Nacional: diálogos políticos culturais" Universidade Federal Fluminense- Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de História. 2011.

CAMARGO, Aspásia "Carisma e Personalidade Política: Vargas, da Conciliação ao Maquiavelismo In: D' Araújo, Maria Celina. "As Instituições brasileiras da Era Vargas." Ed. UERJ; Ed. Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro. 1999.

CERQUEIRA FILHO, G. "A Questão da República " Civilização Brasileira. Rio de Janeiro. 1982.

CERTEAU, Michel de. "A invenção do cotidiano: Artes de fazer." Editora Vozes. Petrópolis. RJ. 1998.

CHARTIER, Roger. " À beira da Falésia": a história entre inquietude e incerteza" Porto Alegre. Ed. Universidade. UFRGS . 2002.

DE DECCA, Edgar Salvadori. "O Silêncio dos vencidos" Editora Brasiliense: São Paulo. 1988.

DULLES, John W.F. "O Comunismo no Brasil, 1935-1945: repressão em meio ao cataclismo mundial. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

FAUSTO, Boris. "A revolução de 1930-Historiografia e História" Editora Brasiliense. São Paulo:1994.

\_\_\_\_\_,Boris "O Brasil republicano,v.2;sociedades e instituições(1889-1930)" Betrand Brasil. Rio de Janeiro.2004.

GLOBO, Editora. "Revista Época n.810" Rio de Janeiro. 2013.

FREITAS ROSSI, Luiz Gustavo. "A militância política na obra de Jorge Amado" In: GOLDSTEIN, Norma Seltzer " Caderno de Leituras: A Literatura de Jorge Amado - Orientações para trabalho em sala de aula. Oldebrecht. São Paulo.1999.

GONÇALVES FILHO, Antenor Antônio. " Educação e Literatura" DP&A. Rio de Janeiro.2002.

GOULEMOT, Marie Jean. "Da Leitura Como Produção De Sentidos" In: Chartier, Roger. Práticas da Leitura. São Paulo: Estação Liberdade, 2009.

GOMES, Castro Ângela de. "Autoritarismo e corporativismo no Brasil" In: Bastos Zahluth Paulo Pedro, Fonseca Dutra Cezar Pedro. A Era Vargas: desenvolvimentismo, economia e sociedade- São Paulo: Editora Unesp, 2012.

GOMES, Castro, Ângela de. "Cultura Política e Cultura histórica no Estado Novo" In: Abreu Martha, Soihet Rachel, Teixeira Rebeca. Cultura Política, Historiografia e ensino de história.2º edição- Rio de Janeiro. José Olimpyo. 2010.

GOMES VIANNA, Marly de Almeida." O PCB:1929-43" In: FERREIRA Jorge, AARÃO REIS, Daniel. " As esquerdas no Brasil. v.1 -A formação das tradição(1889-1945)" Civilização Brasileira. Rio de Janeiro. 2007.

GRAMSCI, Antônio. "Os Intelectuais e a Organização da Cultura" Editora Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1979.

GRUPPI, L. 1978. O conceito de hegemonia em Gramsci. Rio de Janeiro: Graal.  
HUGO, Victor. "Os Miseráveis" Martin Claret. São Paulo. 2007.

JORNAL. "Folha da Manhã" 3 de Março de 1945.  
\_\_\_\_\_. "Folha da Manhã" 23 de Maio de 1945.

\_\_\_\_\_. "O Globo" 14 de Março de 1945.  
 \_\_\_\_\_. "O Globo" 24 de Março de 1945.

LANNA JUNIOR, Mario Cléber Martins. " Tenentismo e Crises políticas na Primeira República "In: Ferreira, Jorge, Delgado, Lucila de Almeida. Brasil Republicano. V.1 Rj: Editora Civilização Brasileira, 2008.

LEFORT, Claude. "Desafios da escrita política " São Paulo: Discurso Editorial, 1999.

LEVI, Giovani: "Sobre a Micro-História" In: Burke, Peter. "A escrita da história: novas perspectivas" Editora UNESP. São Paulo.2011.

MACHADO, Ana Maria. "Romântico , seudtor e anarquista: como e por que ler Jorge Amado hoje. Rio de Janeiro: Objetiva, 2006.

MAQUIAVEL, Nicolau. "O Príncipe". São Paulo Hunter Books, 2011.

ORLANDI,Eni. P." Análise de discurso: princípios e procedimentos." Campinas, SP:Pontes, 1999.

ORLANDI,Eni , "Análise do discurso: princípios e procedimentos." Pontes.Campinas SP. 2005.

PONTES, Matheus de Mesquita e. Luiz Carlos Prestes e Olga Benario: construções identitárias através da história e da literatura. 2008. 167 f. Dissertação (Mestrado)- Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2008.

POULET, Georges. "A Crítica e a Experiência de Interioridade " in: Mackesey Richard , Donato Eugenio "A Controvérsia Estruturalista - As linguagens da crítica e as ciências do homem" São Paulo: Cultrix.1972.

PANDOLFI, Dulce. "Repensando o Estado Novo" Rio de Janeiro. Editora Fundação Getulio Vargas. 1999.

PECAULT, Daniel." Os intelectuais e a Política no Brasil" Ática. 1990. São Paulo . SP.

PRESTES, Anita Leocadia. "Luiz Carlos Prestes: e a Aliança Nacional Libertadora: os caminhos da luta antifascista no Brasil(1934/35) São Paulo: Brasiliense, 2008.

- \_\_\_\_\_. Anita Leocadia. "A Coluna Prestes" São Paulo: Brasiliense, 1990.
- \_\_\_\_\_. "O Cavaleiro da Esperança: Vida de Luiz Carlos Prestes- Uma obra de valor histórico Anita Prestes in: AMADO, Jorge, "O Cavaleiro da Esperança" Companhia Das Letras. São Paulo.2011.
- \_\_\_\_\_, Anita Leocadia, PRESTES, Lygia. "Anos Tormentosos - Luiz Carlos Prestes - Correspondência da Prisão (1936-1945) - Vol. II" Paz e Terra. Rio de Janeiro.2002.
- \_\_\_\_\_, Anita Leocadia, PRESTES, Lygia. "Anos Tormentosos - Luiz Carlos Prestes - Correspondência da Prisão (1936-1945) - Vol. III" Paz e Terra. Rio de Janeiro.2002.
- PINHEIRO, Sérgio Paulo. "Revista Isto É" São Paulo. 1979
- \_\_\_\_\_, Sérgio Paulo In: FAUSTO, Bóris "O Brasil republicano, v.2; sociedades e instituições(1889-1930)" Betrand Brasil. Rio de Janeiro.2004.
- ROUANET, S. P. (s/d). Édipo e o Anjo, itinerários freudianos em Walter Benjamin. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro. 1991.
- SANTIAGO, S. "Vale quanto Pesa." Paz e Terra, Rio de Janeiro. 1983.
- SIRINELLI, Jean-François. "Os Intelectuais. In: RÉMOND, René. (Org). Por uma História Política." Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.
- VIANNA, Luiz Werneck. "A revolução passiva: iberismo e americanismo no Brasil"- Rio de Janeiro: Revan, 1997.
- VIEIRA, Carlos Eduardo. "Intelligentsia e Intelectuais- sentidos, conceitos e possibilidades para a história intelectual" Revista brasileira de história da educação nº16 jan/abr.2008.
- VELLOSO, Monica Pimenta. Os intelectuais e a política cultural do Estado Novo. In: FERREIRA, Jorge ; Lucília de A. N. DELGADO (Orgs.). O Brasil republicano. O tempo do nacional-estatismo: do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, pp. 145-180.

